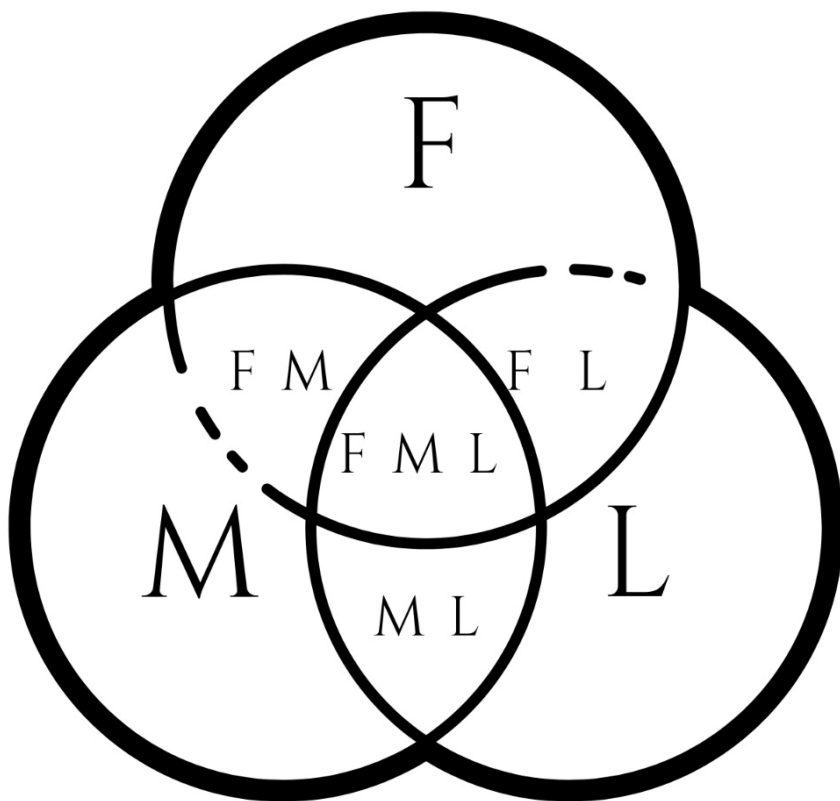


EXISTENCIALISMO METAFÍSICO, A ÚLTIMA FILOSOFIA



ROMILDO ARAUJO MACHADO

FILOS
Englânda Encontros

EXISTENCIALISMO METAFÍSICO, A ÚLTIMA FILOSOFIA

ROMILDO ARAUJO MACHADO

Copyright©2025

Preparo de Originais: Filos Editora

Impresso no Brasil, 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)



Filos Editora
Praça Irmãos Ferreira, 03 - Fundos | Centro
CEP: 18760-025 | Cerqueira César | SP
E-mail: assessoriafilos4@gmail.com
www.filoseditora.com.br

Todos os direitos reservados ao(à) autor(a). A reprodução total ou parcial desta publicação literária, seja por qual meio for, sem a permissão escrita ou autorização do(a) autor(a) ou por citação desta obra, expressa nos moldes da lei, é ilegal e configura apropriação indébita de Direitos Intelectuais e Patrimoniais (Artigo 184 do Código Penal – Lei nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). As ideias, a revisão ortográfica, os comentários e os conteúdos expressos neste livro são de total e exclusiva responsabilidade de seu(sua) autor(a).

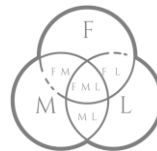
Índice

1. Disposições Gerais	7
2. Metafísica	23
3. A Ordem Mitológica	34
4. A Ordem Religiosa	50
5. A Ordem Física	71
6. Ordem Biológica	84
7. A Ordem Social.....	96
8. Da Física para a Metafísica	108
9. A Filosofia Primeira: Math, Linguagem e Lógica ...	126
10. Estrutura e Propósito do Universo	145
11. Fluxo do Universo	167
12. Existencialismo.....	180

13. Existencialismo Metafísico, A Filosofia Última.... 193

14. Disposições Finais..... 199

Bibliografia.....208



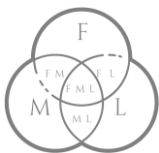
1. Disposições Gerais

— Toca Rauuul!

— Então tá, toma: “...dois problemas se misturam, a verdade do universo, a prestação que vai vencer...”.

Este trecho da música “Eu Também Vou Reclamar” de 1976 de Raul Seixas menciona duas verdades aparentemente opostas: a verdade universal, imutável e absoluta; e a verdade particular, efêmera, relativa. Na Grécia antiga, duas escolas paradigmáticas surgiram para tentar explicar o estudo da realidade (e também do dilema raulseixista), idealismo x realismo, mas ainda sem uma resposta satisfatória para a existência do universo e da vida. De um lado o real e sensível, as contas que vão vencer, as inúmeras rotinas que aliena o ser. Doutro lado as questões eternas, existenciais e universais da filosofia e dos pensadores. As contas que vão vencer são ditas reais, são as verdades materiais imediatas, efêmeras e quase inquestionáveis. As verdades absolutas também estão presentes e sua imutabilidade é defendida pelas religiões e pela matemática. Realismo e o idealismo são as duas doutrinas filosóficas referenciais que atravessam a história do pensamento.

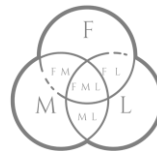
Estas verdades, seja da vida ou do universo, sempre foram alvo de reflexões em todas as searas do conhecimento. As mitologias foram as pioneiras a enfrentar este desafio humano. Com uma narrativa sobrenatural, explicavam a existência da vida e do universo a partir de um ato de vontade, de um deus criador ou de vários deuses sendo um deles o deus criador. Estes deuses não habitavam o mundo dos homens, mas sim um mundo celestial, metafísico em interação com um mundo físico e, por isso, muitas



vezes confundido com o mundo físico. Estes dois mundos viviam em constante interação e, nas narrativas dos mitos, deuses e homens possuíam os mesmos vícios e virtudes. Para a mitologia, a realidade seria um mundo físico em interação com o mundo metafísico.

Depois de milênios destas mitologias sem oposição, surge a filosofia grega que criticou as narrativas sobrenaturais das mitologias para explicar a mesma realidade. Questionava o fato dos deuses possuírem as mesmas características físicas e psicológicas das tribos que promoveram as narrativas. Os deuses eram antropomórficos e cada tribo tinha sua própria narrativa mitológica. Os primeiros filósofos, os pré-socráticos, buscavam explicações naturais e racionais para os fenômenos naturais e para a existência. Com a evolução, fenômenos como raios, trovões, chuvas já não eram produzidos pelos deuses, mas sim produzidos pela própria natureza. O sol evapora a água que sobe e condensa em nuvens. Estas produzem chuvas, trovões e raios. Agora, não são deuses da chuva, do raio e do trovão que promovem tais fenômenos, mas sim padrões seguidos pela natureza. A crítica dos filósofos aos deuses antropomórficos era plausível. Todavia as mitologias tinham algo em comum: o início como um ato de vontade de um Criador, geralmente metafísico.

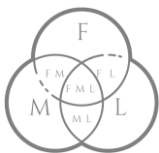
Estes primeiros filósofos eram considerados metafísicos, pois queriam saber a origem, princípios e a natureza de tudo. Nesta época, surgiram filósofos materialistas que acreditavam que a origem de tudo é material, baseados em leis naturais. Era o início da ciência empirista. Na história do empirismo, muitos negavam uma alma ou espírito que habitasse o corpo. Em oposição, os filósofos espiritualistas contestaram os materialistas. Eles defendiam uma entidade imaterial além do corpo biológico. Para



estes, a realidade do universo também se referia a um mundo físico em interação com um mundo metafísico.

Em comum, as religiões também apresentam estas interações de mundos. As religiões monoteístas surgiram das religiões politeístas e pregavam a existência apenas do Deus-Criador, enquanto as politeístas pregavam, via de regra, um deus-criador entre tantos outros deuses. A igreja romana apropriou da mitologia hebraica, adotou o monoteísmo e submeteu todo o Ocidente a seus dogmas. Ela elaborou uma hierarquia transcendental composta de um Deus, seu filho Jesus, o espírito santo, demônios, santos e anjos celestiais. Celestial porque esta hierarquia estaria no céu. Entretanto, o homem lançou seu olhar para o céu com seu moderno telescópio, mas não viu deus e nem os anjos celestiais. O homem percebeu a imensidão do universo e ampliou nossa pequenez. Agora, os anjos não são mais celestiais, mas sim metafísicos. A igreja confundiu os mundos físico e metafísico. Modernamente, as religiões monoteístas passaram a ver a realidade como o mundo físico em interação com um mundo metafísico.

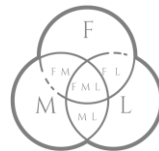
Em número bem menor, algumas religiões foram baseadas em lei naturais. A história religiosa não seria só de deuses. Algumas religiões não possuem deuses, como jainismo e budismo na Índia, confucionismo e taoísmo na China, estoicismo, cinismo e epicurismo gregos. Apesar da falta de criador, estes credos sustentavam que uma ordem sobre-humana governava o mundo. Vale dizer, são leis naturais e não vontades ou caprichos divinos. Havia uma espécie de teologia da Natureza, seja lá o que ela for. Ao que parece, eles colocaram Natureza no lugar de Deus. Como esta ordem é sobre-humana, mais uma vez podemos ver um mundo físico em interação com um mundo metafísico.



Fazendo coro com estas religiões, filosofias naturais e a ciência também defendem a realidade ser baseada em leis naturais. Com a observação do céu, estudiosos perceberam que o Sol era o centro do universo e não a Terra. Posteriormente, observaram que nem a Terra e nem o Sol eram o centro do Universo. Os homens da ciência começaram a questionar a mitologia hebraica, começaram a duvidar de um deus e de uma alma imortal. Hoje, a ciência dita oficial nega um mundo metafísico, nega as religiões. Até com certa razão, pois as religiões pregam dogmas baseados em seus livros sagrados que contêm mitologias duvidosas, mas inquestionáveis.

Entretanto, a ciência vai encontrar dificuldade para esclarecer a natureza destas leis e a questão da origem delas. Onde estão escritas estas leis? Quem estabeleceu estas leis? A ciência retirou o nome Deus para explicar o universo e colocou a Natureza no lugar dele para explicar o mesmo universo. Muitas vezes, a ciência usa a Natureza para rivalizar com Deus, mas o que quer que ela seja utilizou a matemática para construir boa parte do universo para uns ou todo o universo para outros pensadores. A matemática não tem vontade própria, ela é um instrumento da vontade da inteligência humana. Similarmente, não seria a matemática (doravante math) um instrumento da vontade da Natureza? A natureza não teria uma inteligência reflexa da inteligência humana? Estranhamente, a ciência dita oficial menospreza uma inteligência extra-humana e aposta no Nada-criador.

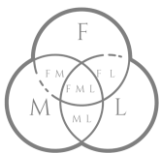
A mais elementar das ciências, a física tem seus objetos de estudo na trilogia matéria-tempo-espço. Ela dá a todas as ciências o paradigma da realidade ser algo no tempo-espço. Mas a ciência enfrenta outro problema insolúvel e de mesma natureza, pois ela utiliza instrumentos metafísicos em seu método, sem a



trindade física matéria-tempo-espço: A math, a lógica e a linguagem. Estes são sistemas que modelam tudo. Quando ocorreu, ocorre ou vai ocorrer um fenômeno físico, a descrição deste fenômeno feito pela matemática, lógica e pela linguagem é um fenômeno metafísico independentemente do fenômeno físico em si. Quando um físico determina a posição de um planeta qualquer do sistema solar, no passado ou no futuro, em relação ao sol, isto não é fenômeno físico em si, mas a representação metafísica do fenômeno. Depois de Newton, a math praticamente moldou a ciência. A física adicionou a precisão em seu método com o instrumento matemático. Mas este instrumento é metafísico e será nossa premissa, pois despreza a física, a matéria-tempo-espço. Ao longo da obra, advogaremos tais linguagens como instrumentos metafísicos da inteligência humana.

Nesta vibe, a ciência também se refere a um mundo físico em interação com um mundo metafísico. Apesar da ciência pregar leis naturais, tais leis ditas “abstratas”, têm natureza metafísica, não são escritas pela Natureza e depende da matemática, um instrumento metafísico, em interação com o mundo físico. A ciência e toda a realidade inevitavelmente também vão do mundo físico em direção ao metafísico. Com esta abordagem, as searas do conhecimento ciência-religião-filosofia-mitologia se referem a um mundo físico em interação com um mundo metafísico. O pensamento vai em direção ao mundo metafísico.

Agora, devemos diferenciar os mundos físico e metafísico. Obviamente o estudo da metafísica implica o conceito de física. A ciência física, a mais embrionária das ciências, estuda os pequeninos átomos até as gigantescas galáxias. Seu objeto de estudo é a matéria-tempo-espço. Da física clássica, passando pela relatividade, pela física quântica e moderna, esta trindade foi

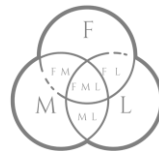


intensamente explorada. Vale dizer, o paradigma da física é a matéria no tempo-espaço. A realidade seria algo em movimento. Algo importa em matéria e movimento implica tempo-espaço.

Em Aristóteles, a metafísica faz oposição a física, algo além dos sentidos. Modernamente, vimos que a física é algo material percebido pelos sentidos e seu estudo no tempo-espaço. Agora, vamos afirmar que a metafísica é algo além (meta) da matéria (física), uma inteligência que vai além desta trilogia. Quando mencionamos que algo é metafísico, menosprezamos a trindade física. Obviamente a exclusão ou diluição de um ou mais destes objetos físicos, o conhecimento muda para o metafísico.

A nível macro, o fenômeno físico em si é um tempo linear, não cíclico, não volta atrás e nem sobrevoa o presente. Nossa linguagem modela o fenômeno físico e, diferentemente da física, nossa linguagem volta no tempo e transcende o futuro com as flexões dos verbos de nosso vocabulário. Além do tempo, nossa linguagem também funciona em qualquer espaço, basta a codificação e decodificação. O conteúdo desta codificação e decodificação é imaterial, apesar do envolvimento das questões físico-biológicas da escrita, da visão, do ar e da fala. Ao longo de nossa filosofia, advogaremos que a matemática, a lógica, a linguagem humana e a vida são metafísicas, pois dispensam a trindade física.

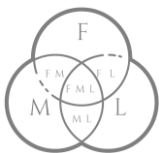
Forte neste pensamento, a math e a linguagem são entidades metafísicas que pareiam com objetos físicos. Elas não possuem substância e dispensam o tempo-espaço. Notem que estes conceitos são elementares e até podem ser questionados com malabarismo retórico-científico, mas serão nossas premissas. Conceituar algo é complicado num mundo de relatividade, de desconstrução, de teoria da incerteza, de céticos e de sofistas. Mas



vivemos com liberdade de pensamento, com dualismos inevitáveis, paradoxos e temos que aprender a conviver com eles.

Esta ideia filosófica não se trata de forma alguma de um jogo de linguagem, mas de um simples exercício semântico a prova de questionamentos lógicos. Física trata da trindade matéria-tempo-espço. A realidade seria algo no tempo-espço, mas a metafísica transcende este algo no tempo-espço. Esta visão é central em nosso sistema filosófico, o Existencialismo Metafísico (doravante EM). Esta ideia é uma síntese lógica, praticamente científico-filosófica e advogada em toda esta obra. Nossa abordagem da realidade é diferenciada, baseada na metafísica da linguagem, da matemática e da lógica. Ao invés de metafísico, a ciência, os críticos e a retórica vão dizer que aqueles instrumentos da inteligência são “abstratos”, seja lá o quem dizer com isto. Mas nossa premissa é que eles são metafísicos.

Fazendo prova na biologia, não existe um órgão da linguagem, não existe um gene da matemática, não existe um local específico onde estão os códigos da linguagem natural e artificial da matemática. A neurociência instala eletrodos na cabeça humana, porém não vê nada além de eletricidade e mapeiam a energia cerebral. Da mesma forma, modernos aparelhos eletrônicos como ressonância magnética, tomografia, eletroencefalograma não vêem equações, palavras e nem o pensamento humano. A neurociência é uma ciência fantástica, mas superficial ainda. Uma teoria metafísica da linguagem explica melhor nossa realidade. Linguagem, comunicação, imaginação, memória, aprendizado, pensamento são habilidades cognitivas-metafísicas sem substância-tempo-espço. Mas elas têm um aspecto pragmático conectado à realidade material. Para se criar e até construir uma casa, precisamos inicialmente mentalizar (metafisicamente) para, em

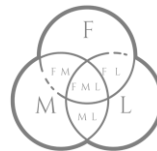


seguida, realizar materialmente. Ao ver a casa construída, então acreditam que tudo é material. O senso comum ainda está tão acostumado com a matéria e será difícil convencer do contrário.

Fazendo coro com este senso comum, a física e todas as ciências também acreditam que tudo é matéria. Neurocientistas e outros estudiosos, como psicólogos e filósofos, querem saber onde está o pensamento e a ideia. O cérebro tem sua natureza física e seu lugar no tempo-espaço, mas a consciência-mente não tem substância-tempo-espaço específico. Como a ideia “abstrata” de $2 + 2 = 4$ (dentro de um sistema axiomático) sem ter substância, funciona em qualquer tempo-espaço? A resposta é além do tempo-espaço. A mente também tem natureza metafísica, pois transcende a trindade física substância-tempo-espaço. Ainda assim, a ciência não vislumbra a nossa realidade metafísica, pois está ataviada ao mundo físico.

Nesta acepção, toda vez que a ciência enfrenta questões metafísicas, ela entra em rua sem saída e fala em abstração. A matemática é seu principal instrumento de trabalho, mas é um instrumento metafísico, não tem substância, funciona igualmente em qualquer tempo-espaço, mas aplica-se a toda física, química, engenharia, entre outras searas do conhecimento. A ciência também não tem uma explicação para a eficiência da math em esclarecer o mundo físico. Ou seja, a math pode ser puramente metafísica como uma equação, mas como pode esta mesma equação pode modelar o mundo material? A ciência vivencia este paradoxo e não tem uma saída material para ele.

Em comum com a ciência dita oficial, a biologia tenta explicar a vida materialmente em termos de mecanismos biológicos. Porém, a biologia não sabe o que é vida e nem como uma matéria inanimada transformou-se em animada. Como a

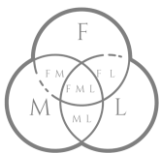


física, a biologia acredita em forças cegas que movem a vida e o universo como o acaso, acidente e sorte. Sem considerar a metafísica, a ciência não apresenta boa resposta para a existência da vida.

A ciência ainda não tem laboratórios para investigar este mundo metafísico. Nossa consciência não é acessada pelos laboratórios. Tudo que fazem é medir sinais elétricos manifestados pelo cérebro através de aparelhos modernos. Já se falou ironicamente que nosso espírito-consciência é um fantasma que habita nosso corpo. Mas ainda, nunca acessam o que realmente sonhamos, pensamos, imaginamos, memorizamos, aprendemos, pois são searas metafísicas. Ainda, o experimentalismo científico é inviável para o estudo metafísico, mas o racionalismo enxerga claramente o “abstrato” como gostam de dizer cientistas ao se referirem ao metafísico.

Como alternativa a este materialismo científico, as religiões oferecem, historicamente, um pensamento metafísico muitas vezes confundido com o pensamento físico. Porém, apesar de pregar um mundo metafísico, o pensamento teológico ocidental é o mesmo pensamento mitológico de mais de 2 mil anos atras. Com isto, as religiões são dogmáticas, não evoluem e estagnam o conhecimento. Elas pensam a existência em termos fixos e não de evolução (biológica e espiritual) que é uma lei natural. Acabam negando a natureza. A vida vem de um ovo (esperma mais um óvulo). Vira um embrião, em seguida, feto, nascituro, criança, adolescente, adulto e um ancião. O que é isto senão evolução biológica. A evolução salta os olhos. Negar a evolução é negar a si próprio, é negar a razão, é negar a realidade.

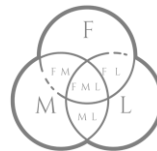
Em sintonia com o exposto, eis um diagnóstico do conhecimento hoje. De um lado a ciência materialista, pregando



forças cegas, negando o mundo metafísico, porém utilizando os instrumentos metafísicos linguagem e matemática; doutro lado, as religiões pregando um mundo metafísico e usando a fé cega para defendê-lo. No fundo, o mesmo dilema filosófico dos gregos antigos, real x ideal. Ainda existem doutrinas ditas existencialistas que buscam o sentido da vida e do universo, mas são divergentes. Enquanto o existencialismo cristão prega um criador, o existencialismo materialista-ateu nega o criador.

Como alternativa a estas doutrinas, este livro advoga a existência do mundo metafísico com base no racionalismo, o método matemático para investigar a realidade. O método axiomático-dedutivo exposto na obra de Euclides irá fundamentar nossa ideia. Vale salientar, que os axiomas auto evidentes euclidiano foi superado pelas geometrias não euclidianas com a liberdade de criação de axiomas. Vale dizer, qualquer sistema matemático (ou não) começa com a liberdade para, em seguida, vir o determinismo, a igualdade em casos de matemática.

Pensando além da Álgebra Moderna (matemática é estrutura), a matemática é um sistema, ou melhor, um encadeamento de sistemas. Sistema é um conjunto de objetos em interações lógicas. Algebricamente, é um conjunto indefinido de elementos e uma operação binária interna indefinida. Com liberdade, podemos definir os axiomas com os infinitos conjuntos e operações, mas depois desta liberdade teremos o resultado determinístico. Chamamos ideia de lógica se-então-senão. Outra ideia que enxergamos para além da álgebra moderna é que infinitos conjuntos com finitos ou infinitos elementos, que chamamos de pluralismo, passam por infinitas operações binárias, que chamamos de dualismo, para chegar a um resultado, que chamamos de monismo. Assim, a estrutura do universo é

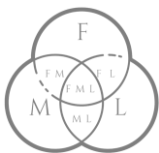


composta de um pluralismo que passa pelo dualismo para chegar a um monismo, a integração

Esta ideia sistêmica reflete na matemática (números e pontos em interações), na lógica (conceitos em interações) e na linguagem (palavras em interações). Todas estas disciplinas são metafísicas em interações com a realidade física. Isto vale para criação da linguagem, da lógica e de toda produção humana, seja tecnológica ou cultural. Se vale para tudo humano, vale para toda natureza, uma vez que somos reflexo dela. Se vale para tudo, pelo método indutivo, vale também até para uma teologia natural sem livros sagrados.

A ideia desta obra faz uma abordagem diferenciada do pensamento, polarizado pelos mundos físico e metafísico, defende este para, em seguida, elaborar um sistema filosófico. Esta abordagem é nova, mas a ideia não é, pois este dualismo vem desde a Grécia antiga e atravessa a história do pensamento com muitos nomes: physics x psyche; realismo x idealismo; matéria x espírito são os mais citados.

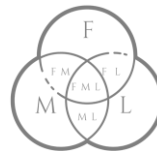
Nossa abordagem demonstra a transcendência para além da trindade física, matéria-tempo-espço, e assim uma opção ao pensamento materialista científico. As ciências se ocupam com o mundo físico e multiplicam num caos especialista. Mas até a especialização busca conectar com o todo. Busca ligar o micro ao macro. O que são as defesas de teses e dissertações senão conectar o micro ao macro, a ciência à filosofia, o pensamento analítico ao pensamento sintético. Indução e dedução estão no centro do pensamento racional. Cada análise deve passar pela triagem da síntese.



Grandes filósofos sempre procuraram a unificação, a sistematização e não a fragmentação. Baruch Spinoza buscava perceber unidade na diversidade, encontrar a síntese na qual opostos e contradições se encontram e se fundem. Jan Amos Komenský, conhecido como Comenius, dedicou grande parte de sua vida a unificação da totalidade do conhecimento humano. Seu pensamento último era a compreensão universal que uniria toda humanidade. Esta base filosófica, ele denominou Pansofia, um princípio que harmonizasse todo o saber. Grandes pensadores sempre buscaram uma chave para o conhecimento de todas as coisas, uma teoria para explicar todo o funcionamento do mundo, uma lógica que abarcasse todo o Universo.

A grande confusão do pensamento atual, seja científico, religioso, filosófico, é a falha de separação do físico e do metafísico. A ciência e suas especializações mataram a ideia dos grandes saberes integrados. O pensamento sintético sempre atrai, pois as especializações da ciência rumam *ao infinito e além*. A filosofia deveria buscar um pensamento unificador que alcance a tudo e a todos. Não uma especialização para poucos. No entanto, a ciência e a tecnologia triunfaram depois da revolução industrial e a filosofia adotou o mesmo endereço da gloriosa ciência. Hodiernamente, a filosofia faz coro com a ciência e tende ao especialismo, ao hermetismo e ao ceticismo. A fragmentação da filosofia promoveu a falência de grandes sistemas filosóficos e de uma unificação.

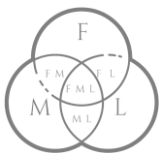
Modernamente, a física, ciência da onda, também busca uma teoria do tudo. Ela busca uma equação para integrar todas as forças do cosmo. Tivemos até um candidato a tal façanha: Stephen Hawking, físico inglês, aquele cientista de voz mecanizada e todo deformado fisicamente. Hawking declarou a morte da filosofia, mas não chegou a nenhuma equação do tudo e nem a uma equação



do nada. Matemáticos e físicos gostam de equações para explicar particularidades da natureza. Entretanto a essência do universo está em qualquer equação, por mais simples que pareça. Toda equação envolve os princípios filosóficos de liberdade no início e determinismo depois. Estes valores filosóficos, liberdade e determinismo, não têm como ser quantificados, medidos, ordenados e por isto não são vistos pelos matemáticos e físicos. A eles, junta-se a existência e formam a trindade de nosso estudo.

Mas, ainda, a ciência e a tecnologia estão vencendo a filosofia. As pessoas não desgrudam de seus celulares. Sonham com carros caros, casas grandes, grandes somas de dinheiro. Em contato com pessoas, com a mídia, principalmente a Tv, percebe-se que o sentido da vida é um consumismo exagerado e a fama. O auge da vida é ser uma celebridade, seja atleta, cantor, ou ator, consumindo marcas de altíssimos valores, ainda que estas celebridades sejam vazias de conteúdo. A moda é o culto a superfície. A superficialidade impera junto à ciência que reduz tudo a mecanismos físicos. A vida passou a ser uma máquina sem sentido.

O pensamento filosófico-científico atual é positivista. Algo para ser científico tem que ser mensurado. Em razão da física, o paradigma atual da realidade é algo no tempo-espaço; seja o mundo micro atômico ou macro como o movimento das galáxias. Reduzir a vida à física, reduzir tudo aos átomos estranha o pensamento mais profundo. A vida parece (e é) muito mais que um amontoado de átomos ou células. O ser transcende órgãos, carnes e ossos. Sempre que estudiosos e espiritualistas buscam conectar a ciência com o espiritual, a Academia corre para negar tal conexão. Casos como as teorias científicas dos princípios

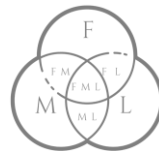


Antrópico e do Biocentrismo, proprietários da ciência estão sempre de plantão para negar o metafísico.

Platão, o melhor filósofo, defendeu o metafísico e dividiu a realidade em: o mundo sensível e o mundo das ideias. Ele assegurava que o mundo das ideias era o verdadeiro e eterno mundo. Seu discípulo Aristóteles também era metafísico, mas concentrou-se no mundo físico. Por causa destes filósofos, pensadores póstumos dividiram o pensamento em duas correntes filosóficas que atravessaram os tempos. De um lado, o idealismo e racionalismo de vertente platônica; doutro lado, realismo e empirismo de vertente aristotélica. Mas a ciência dominou o conhecimento no século XIX com o positivismo. O idealismo e racionalismo perderam força para o realismo e empirismo. Ao lado do pragmatismo e da tecnologia, o positivismo dissolveu o idealismo e a Metafísica. O existencialismo ateu continuou esse desserviço.

Ainda hoje, a física nega o metafísico. Fazendo oposição, o pensamento religioso prega um mundo metafísico, mas a teologia ocidental e oriental é a mesma de milhares de anos atrás e seus dogmas não permitem evolução. A filosofia virou um adjunto da ciência e também se afastou da metafísica. Dogmas científicos limitam a filosofia e ela não tem grandes lampejos. Apesar de Aristóteles também pregar um Deus, um Demiurgo (a causa primária de tudo) e um mundo metafísico, a ciência adotou dele apenas o estudo do mundo sensível.

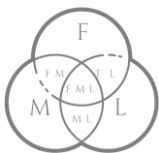
Este ensaio filosófico tem pretensões de conexão e síntese. Adotará conceitos simples, conhecidos e sem delongas em conceitos, citações científicas e filosóficas. Também tem pretensões de busca de verdades eternas, como dizia Platão. Tem pretensões de unificação do conhecimento. Tem pretensões de



buscar o “porquê” dos fenômenos, já que as ciências só podem dizer o “como” dos fenômenos. Visa uma síntese filosófica não somente com base em provas e fatos, mas também com base na razão e em argumentos científicos, filosóficos e teológicos, desde que não contraditórios. A ideia foi considerar todos os conhecimentos naquilo que são fortes, desprovidos de contradições. Naquilo que forem contraditórios descartamos pelo princípio do conjunto probatório como no método policial-judicial.

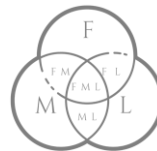
Nosso sistema filosófico, Existencialismo Metafísico, é um genuíno sistema filosófico brasileiro e, para além, uma filosofia inovadora sem igual desde Platão. Ele busca uma síntese sobre as várias searas de pensamentos. É uma sistematização de todos os sistemas de pensamento. As principais formas de conhecimento são o religioso, científico, filosófico, mitológico e artístico. O instrumento religioso para chegar ao conhecimento é a fé cega em escrituras sagradas; o científico é a experiência com base em forças cegas; a filosofia, a razão; a arte, as emoções. Cada sistema tem uma diferenciada abordagem para a mesma realidade. Os vários sistemas de pensamento citados geram antagonismos diversos, mas o principal é o antagonismo entre a religião e a ciência. As religiões pregam um mundo espiritual, um mundo além da física, um mundo metafísico. A ciência nega este mundo. A filosofia acompanha a ciência, pois tem residência confortável nas universidades junto com a ciência. A arte também tem endereço na Academia, não tem um pensamento próprio e se diverte com os outros sistemas de pensamento.

Como qualquer sistema, o EM também tem objetos em interações lógicas que resultam numa saída, a existência metafísica. Ele tem objetos para a entrada do sistema: mitologia, religiões,



filosofia, ciência, arte. As interações lógicas entre eles têm como saída a metafísica, ponto em comum sobre todos eles. É nossa premissa os sistemas de linguagem e matemática sejam considerados metafísicos. Assim, o pensamento científico também é metafísico. É nossa premissa ver a realidade do ponto vista sistêmico. Tudo é sistema. Assim, defenderemos a natureza metafísica e sistêmica da linguagem, da lógica, da matemática e da vida. Advogaremos os princípios-valores básicos da existência, da liberdade e do determinismo em toda a realidade. Por fim, defenderemos a estrutura da realidade com o monismo, dualismo e pluralismo.

Existencialismo Metafísico é só um nome filosófico, digamos pomposo, para dizer que a existência da vida e do universo é metafísica, como gosta a filosofia, ou espiritual como gostam as religiões.



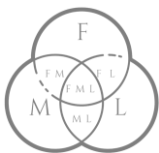
2. Metafísica

A origem da palavra metafísica, como quase todo conhecimento racional e filosófico, remonta a Grécia antiga. O estudo e a obra “Metafísica” de Aristóteles, na verdade, tinha outro nome: Filosofia Primeira. O termo metafísica parece ser de um organizador das obras aristotélicas que cunhou o termo para localizar a Filosofia Primeira depois de outros textos da física, de natureza sensível.

Meta quer dizer além e juntado a física quis significar materialmente um livro depois do outro. Ou seja, era uma ideia de ordem espacial das obras aristotélicas. Mas este feliz acaso acabou emprestando significado espiritual ao livro, pois o mesmo investiga o ser transcendente, uma ontologia do ser, enquanto ser. Seu estudo investigou o conhecimento dos princípios primeiros e da causa primeira dos seres. Ele relaciona o ser com causalidade e aproxima de uma teologia.

Tal livro não se trata de uma unidade sistematizada, mas sim de vários fragmentos compilados pelo organizador. Tais fragmentos eram destinados aos alunos do Liceu, a escola de Aristóteles. Assim, teve críticas por não ser uma unidade de pensamento, ter contradições e partes sem autoria aristotélica. Defensores asseveram que a obra é um esforço filosófico.

Quando ao conteúdo, Aristóteles pregou significados para as causas dos princípios primeiros e supremos, uma filosofia primeira, a causa de toda a realidade. Ele buscava o ser enquanto ser, a realidade em si mesma, suas condições e princípios primeiros. Assim, sua filosofia procurava o conhecimento universal, porque

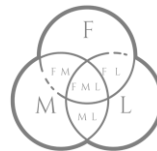


estudando o ser enquanto ser, poderia elaborar princípios que se aplicam a todos os seres indeterminados. Acabou advogando uma espécie de ciência teológica em contraposição as ciências particulares.

A Metafísica de Aristóteles difere da física, observada pelos sentidos, cujo objeto de estudo é matéria no tempo-espço, algo em movimento. Ela seria algo além (meta) da física. São duas realidades. A Filosofia Primeira defendia uma teologia no início e por isto deveria ser a primeira a ser estudada, uma espécie de filosofia teológica. A primeira causa da existência em Aristóteles é Deus, um princípio absoluto de todo movimento, um ser imaterial, uma substância suprassensível. Ele move todas as outras coisas como causa inicial. Enfim, seria o motor inicial, um Deus, mas um Deus sem qualquer relação com alguma religião. Seria apenas um ser que Aristóteles considerou fundamental para explicar o cosmos. Todo movimento da física seria posterior e em consequência do primeiro movimento de Deus.

Platão foi mestre de Aristóteles e também pregou um mundo metafísico, além do mundo físico. Ele dividiu a realidade entre o mundo sensível e o mundo das ideias. Enquanto o mundo sensível era o mundo físico efêmero, o mundo das ideias era metafísico das verdades eternas.

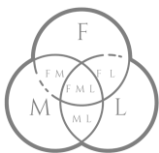
As reflexões de Platão inspiraram muitos estudiosos entre os séculos III ao VI, quando surgiram os denominados neoplatônicos. Eles continuaram com as ideias metafísicas com um toque de crenças religiosas da época. Os neoplatônicos acreditavam que o “meta” expressava a própria natureza do objeto desta ciência. Ela não seria física, mas estava além do plano físico. Seu objeto seria transcendente ao mundo.



Outra metafísica relevante para mencionar é a de Descartes. Na célebre comparação que ele emprega no prefácio de sua obra dos *Princípios de Filosofia*, de 1647, a filosofia é comparada com uma árvore cujas “raízes são a metafísica, o tronco é a física, e os ramos que saem do tronco são as demais ciências”. Devemos ressaltar que na época de Descartes, a Filosofia compreendia todo conhecimento racional, inclusive as ciências. Fazendo eco com Ari, Descartes também tinha a ideia da metafísica ser um conhecimento primeiro, a raiz de todos os outros conhecimentos, um princípio existencial.

Apesar destes célebres pensadores, até hoje não se tem um bom conceito para metafísica. Algumas filosofias modernas sobre metafísica são difíceis de digerir, como a de Heidegger. Então, permita-nos oferecer uma boa e simples definição. Devemos começar pelo radical física para depois acrescentar o prefixo meta. A ciência física é a mais fundamental de todas as ciências (o tronco da árvore para Descartes), pois estuda as formações das grandiosas galáxias até os minúsculos átomos, a base da matéria. O objeto de estudo da ciência física é a trilogia matéria-tempo-espço. Da física clássica, passando pela relatividade, à moderna física quântica tal trindade permanece. Outros estudos da física têm esta essência. Por exemplo, o calor é vibração de moléculas, ou seja, algo no tempo-espço. Ao se deslocarem no tempo-espço, o contato das moléculas promove atrito e a temperatura eleva.

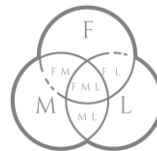
Nesta toada, o Sistema Internacional de Unidades tem 7 unidades de medidas básicas, as grandezas fundamentais: metro (m) é a unidade de distância; segundo (s) é a unidade de tempo; quilograma (Kg) é a unidade de massa; Kelvim (K) é a unidade de temperatura; ampere (A) é a unidade de eletron, mol (mol) é a



unidade da química para expressar massas microscópicas; candela (cd) é a unidade de medida de fonte luminosas. Da mesma forma, a trindade física permanece como ampere que mede deslocamento de elétrons, mol que mede a massa. Estas grandezas básicas da física geram outras grandezas físicas, sendo a mais comum a velocidade que é o deslocamento de algo no tempo-espaço.

Então, é válido chamar de metafísico algo que elimine, minimize ou dilua tal trilogia. Nossa definição de metafísica é literal e dispensa grandes interpretações. O prefixo “meta” quer dizer além e ao se juntar com o radical “física” dá a ideia de algo além da física. Vale dizer, alguma coisa (inteligência) além da matéria-tempo-espaço. Com esta ideia, enquadramos a matemática, a lógica e a linguagem como instrumentos metafísicos. Claro que devemos retirar o suporte físico-biológico, diferenciar o significante (com base Saussure, o plano formal) do significado, plano do conteúdo de natureza metafísica. Enquanto a física funciona linearmente no tempo-espaço, a matemática-linguagem-lógica transcende o tempo-espaço com saltos. Explico: ao arremessar uma pedra, o fenômeno em si, bem longe desta representação escrita, desloca linearmente no tempo-espaço, ou seja, a pedra sai de um ponto zero e cobre toda uma trajetória em linha, de forma ininterrupta, para chegar num ponto final. Como diria Kant, o objeto em si move sem interferência de nossa trindade metafísica. Com a matemática-linguagem-lógica podemos diluir, eliminar o tempo-espaço, antecipar o ponto final antes do arremesso ou podemos voltar ao ponto inicial, depois de já arremessada.

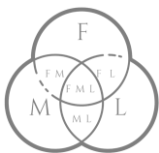
Forte nesta ideia, a matemática, a linguagem e a lógica têm esta natureza metafísica. Vale salientar, o conteúdo das três é metafísico, mas o suporte formal tem aspecto físico-biológico. A fala envolve aspectos biológicos, como o sistema vocal, depois os



aspectos físicos envolvem o som deslocando em ondas até o aparelho auditivo, novamente biológico. A escrita envolve aspectos materiais como a tinta no papel, físicos como o deslocamento da luz e biológicos como o sistema visual. Quanto ao conteúdo, é totalmente metafísico, como as ideias, significados, narrativas, um mundo interior que tem base na mente, igualmente metafísica. Ao longo de nossa filosofia, defenderemos que nossa existência é metafísica. Por isto, a denominação Existencialismo Metafísico.

Com alicerce neste pensamento, a matemática funciona igualmente no presente, no passado e no futuro. Também funciona igualmente em nosso planeta e em qualquer galáxia do universo. Também funciona não só em nossas 3 dimensões, mas também em dimensões menores (2,1,0) e maiores, 4 ou mais. Como ela é desprovida de matéria, não compartilha com a trindade da física (tempo-espaco-matéria). Vale dizer, não se sabe sua natureza. A questão filosófica da natureza da matemática vem desde a Grécia antiga e a polêmica permanece até hoje. Platão asseverava que ela não tinha tempo-espaco e residia no mundo das ideias, um mundo metafísico. Porém ainda, nem se quer sabem se objetos matemáticos existem. Cientistas e matemáticos usam a palavra abstração para referirem a natureza metafísica da matemática. Eles também misturam matemática e ciência que têm naturezas diferentes. Enquanto uma é empirista, a outra é racionalista.

Igualmente “abstrata”, a linguagem tem natureza metafísica. Vamos supor que uma pessoa viu um acidente. No dia seguinte, a lembrança do acidente ainda é muito viva na cabeça desta pessoa. Ela poderia relatar para outra pessoa: ontem, eu estava na avenida Tiradentes, quando no cruzamento com a avenida Amazonas, um carro Mitsubishi veio em alta velocidade e

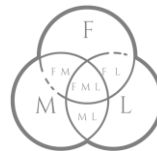


acertou de frente com um moto boy. Na sequência, chegou a polícia e uma ambulância. Este relato e pensamento existe apenas na mente do narrador. Como diria Kant, a coisa em si ou o fenômeno em si do acidente como um todo é algo diferente, distante e impossível de ser experienciado. Evidentemente, esta narrativa tem aspectos físicos e biológicos. O aparelho vocal produz apenas sons e o sistema auditivo capta tais sons, mas a mente dá significados metafísicos para os sons. De forma igual, esta narrativa escrita tem aspecto material e visual, mas também têm significado além da física, capturado somente pela mente, igualmente metafísica.

Da mesma forma, a lógica é algo desprovido de matéria-tempo-espaço. Ela não é necessariamente algo experienciado pela ciência. Lógica (como sistema) estuda as inferências válidas a partir das proposições-premissas. Auxilia a passagem das premissas para a conclusão. Lógica é o caminho para a verdade. Não podemos determinar o verdadeiro e falso pelo uso da lógica (formal) e isto não é o propósito da lógica. A lógica não trabalha com axiomas (verdade auto evidentes), mas proposições que têm valores lógicos verdadeiro ou falso (V, F), para chegar a conclusões válidas. Lógica não entra no mérito, mas lança as bases da verdade (não-contradição V e F ao mesmo tempo; 3º excluído - apenas V e F, sem outra opção). Em síntese, lógica trabalha com proposições, semanticamente verdadeiras ou falsas, operações lógicas, e resulta em verdade ou falsidade. Lógica não depende do tempo-espaço.

A História da humanidade também vem diluindo o tempo-espaço.

Até a domesticação do cavalo há cerca de 6 mil anos, o homem era limitado no tempo-espaço pela sua própria força-energia. O cavalo foi domesticado na Ásia, local onde se falava

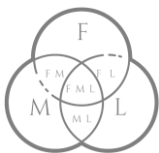


proto-hindu-europeu. Com a velocidade e resistência do cavalo, o homem deslocava rapidamente por grandes distâncias. Vale dizer, o cavalo encurtou o tempo-espaço do homem. Por esta razão, o cavalo ajudou a disseminar esta língua-mãe que se espalhou por outros continentes. Hoje, todos os continentes falam línguas oriundas desta língua mãe. Além de disseminar cultura, o cavalo ajudou o homem a diluir tempo-espaço do homem.

Por 6 mil anos o homem ficou limitado a velocidade do cavalo até a chegada da revolução industrial e do trem. Este atravessa continentes movendo-se dia e noite sem a necessidade de descanso. A seguir, o carro e o avião aperfeiçoaram, o mundo ficou globalizado e diminuiu expressivamente o tempo-espaço do homem. Hoje, estamos fisicamente a um dia de qualquer lugar do planeta. Um avião e um helicóptero fretado nos deixa em menos de um dia em qualquer lugar do planeta. Depois, o celular e a videoconferência nos deixaram instantaneamente em qualquer lugar do planeta com imagens e som navegando pelas ondas eletromagnéticas. O mundo ficou pequeno, o homem foi a lua e, agora, quer ir a marte.

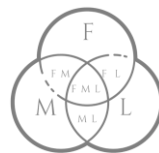
A matemática pura ajudou ainda mais a diluir o espaço.

O mundo parece ser tridimensional. Com uma regra podemos medir comprimento, largura e altura de tudo. A geometria que nos ensinam nas escolas fundamentais é uma geometria tridimensional de mais de 2 mil anos atrás. Várias geometrias surgiram recentemente e elas não têm problemas com dimensões infinitas. Na física, Einstein inovou com a 4ª dimensão. O tempo seria outra dimensão, além das 3 dimensões espaciais. As coordenadas espaciais uniriam com tempo (x,y,z,t), formando um contínuo tetradimensional tempo-espaço.



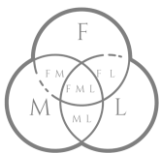
Esta ideia de dimensões mais altas, chamada de hiperespaço ou de n-dimensões, é simples matematicamente. Basta ir acrescentando coordenadas ao sistema cartesiano. O plano cartesiano tem 2 dimensões (x,y) e medem áreas. Matemáticos acrescentaram uma dimensão ao sistema cartesiano (x,y,z) e podiam medir volumes. Bastaram acrescentar mais uma coordenada (dimensão) e inovaram metafisicamente com hipercubo, uma 4ª dimensão. A álgebra aceitou de boa esta ideia. Bastava elevar a 4ª potência ao tradicional “x” do quadrado e do cubo. Assim, as dimensões são as potências de x: x^2, x^3, x^4 rumo ao infinito e além. Da mesma forma, obtemos a hiperesfera. Um círculo plano em duas dimensões tem uma equação $x^2 + y^2 = 1$; uma esfera em três dimensões tem uma equação $x^2 + y^2 + z^2 = 1$; a hiperesfera tem quatro dimensões com equação $x^2 + y^2 + z^2 + w^2 = 1$. Não podemos ver o cubo e a esfera tetradimensional, mas imaginar ou criar uma representação. Estas ideias são da matemática pura, ainda sem aplicação. Mas como somos reflexos da natureza, ela certamente existe aplicada em uma realidade, digamos, paralela.

É difícil entender esta pureza matemática, pois ainda estamos presos ao mundo material. Por falta de uma referência material, o pensamento moderno nega que existam objetos matemáticos e linguísticos. Mas são estes objetos metafísicos que pareiam a realidade física, permitindo seu entendimento. Tais objetos em interações são sistemas metafísicos que representam sistemas do mundo físico. Apesar de negarem a existência dos objetos matemáticos e linguísticos, a própria física padece com a questão existencial de seus objetos.



Hodiernamente, a própria física vem diluindo seus conceitos de matéria-tempo-espço. No nível subatômico, a santíssima trindade física sofre com a moderna física quântica. A matéria ficou extremamente reduzida. Em um átomo, a eletrosfera de seu núcleo atômico é 100 mil vezes menor que sua massa. Ou seja, a matéria é quase vazia. Por isto, a matéria é intangível, ou seja, não pegamos a matéria, mas sim apenas sentimos a vibração da eletrosfera. A matéria também é invisível, pois ela depende da luz para vê-la. Se apagar a luz, ela não é vista. Ainda, esta pouca matéria tem uma dualidade existencial partícula-onda. A depender da observação, as partículas subatômicas podem ser partícula (com massa) ou onda (sem massa). A física clássica de Newton tinha o tempo-espço como algo absoluto e a velocidade relativa. Einstein relativizou o tempo-espço e colocou a velocidade da luz como a absoluta. A física quântica relativizou a matéria. O elétron pode estar em 2 locais ao mesmo ou em nenhum lugar. Na física quântica, inexistente a linearidade do deslocamento de partículas subatômicas.

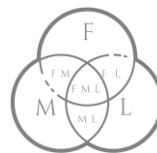
O tempo parece algo real e ele só vai para frente. Para a física, ele começou com a entropia, uma propriedade da termodinâmica, usada para medir o grau de desordem de um sistema. Quanto maior a entropia, maior o grau de desordem. A entropia sempre tende a aumentar e não diminuir. Um estado físico organizado seria um estado improvável. Um copo com água derramado seria após e consequência de um copo cheio, nunca o contrário. Tudo no universo tende para o estado desorganizado e caótico. Assim, o tempo seria nossa percepção do aumento de entropia no universo. Nós criamos maneiras de medir a velocidade da entropia de algo com horas, minutos e segundos para.



O tempo seria uma ilusão? O tempo parece um fenômeno óbvio. Passado, presente e futuro seriam algo evidente e incontestável. Para administrar o tempo, o homem o dividiu em unidades de medidas. Dias, meses, anos, horas, minutos, segundos, décimos de segundos, centésimos de segundos, milésimos de segundos e poderíamos subdividir os segundos infinitamente, conforme a matemática contínua que regula o tempo-espço. Esta matemática vai eliminar ou pelo menos diluir o presente. Antes de você terminar de falar a palavra presente, ela já é passado. O presente seria um instante infinitesimal desprezível e somente haveria passado e futuro. Este passado e futura também tem sua existência questionável. Com a matemática e a linguagem, podemos ir no futuro e no passado em qualquer fenômeno físico. Com instrumentos metafísicos como o cálculo e as flexões verbais, podemos ir e vir no passado e no presente.

Em base nesta exposição, nossa filosofia advoga a ideia de que os três instrumentos do conhecimento de natureza metafísica (matemática, lógica e linguagem) tem base igualmente metafísica: a mente, consciência, alma, espírito ou qualquer outro nome que queriam dar esta entidade de natureza além da física. Ainda, os cientificistas não podem acessar as memórias, fórmulas, ideias, imaginação contidas na entidade metafísica, mas somente mapear atividades elétricas no cérebro.

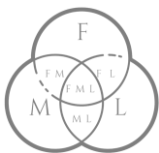
Agora, do ponto de vista de nossa filosofia, fica fácil entender a árvore cartesiana com a metafísica como raiz e a metafísica de Ari como a Filosofia Primeira, o primeiro conhecimento a ser estudado. De fato, todo e qualquer conhecimento depende da matemática, da linguagem e da lógica. Até mesmo o mundo animal precisa destes conhecimentos embrionários e elementares para sobrevivência, conforme



defendido em longo de nosso estudo. Eles também comunicam (gênero da linguagem) entre si, contam até 3 ou 4 unidades, utilizam a lógica se-então-senão para ter uma vida social, fazer sexo, alimentar, ter segurança e até política.

Para nós, linguagem, lógica e matemática é a Filosofia Primeira. Existencialismo Metafísico é a nossa Filosofia Última, pois terá a generalização máxima do conhecimento.

Idealismo e Realismo são doutrinas filosóficas que atravessaram a história do pensamento humano. Representam os mundos metafísico e físico respectivamente. Iremos advogar a existência do primeiro que manipula o segundo. Para isto, vamos investigar as questões das questões existenciais. Quem (ou o que) eu sou? De onde vim e para onde vou? Qual o propósito da existência? Ao final, demonstraremos a interação entre os mundos físico e metafísico. Quem começa esta interação de mundos é a mitologia.

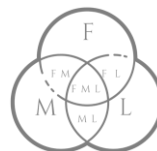


3. A Ordem Mitológica

Os humanos primitivos sobreviviam à base de caça e frutos, chamados de caçadores e coletores. A base econômica simples deste homem arcaico não limitou seu pensamento e sua vida espiritual. Para eles, quase tudo tinha uma alma ou espírito, seja um rio, uma árvore, uma montanha, uma rocha. Igualmente a uma alma que anima um homem ou um animal, anima também entidades materiais. Antropólogos denominam estas crenças de animismo. Estas fés enquadram também crenças de antepassados mortos das tribos e vários seres espirituais. Em termo modernos, as tribos aborígenes e as indígenas brasileiras também têm tais crenças similares.

Entretanto, cada tribo tem sua própria crença. As tribos de todos os tempos e lugares transformaram o animismo numa crença universal. Estas crenças em entidades invisíveis sem matéria funcionam em qualquer tempo-espço. Para nós, este mundo difere do mundo físico, pois não possuem matéria-tempo-espço. Para nós, este mundo é metafísico. Para os animistas, não existe fronteira entre homens e o mundo metafísico. Plantas, dança, música, rituais servem de veículos de interação entre os mundos físicos e metafísicos. Apesar de cada tribo ter sua própria crença animista, todas as tribos tinham em comum o mundo físico em interação com o mundo metafísico.

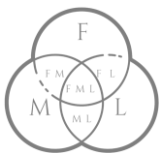
Quando e como surgiram estas crenças animistas é incerto, mas parece haver uma relação com a linguagem. Alguns estudiosos defendem que a linguagem surgiu há poucas dezenas anos de milhares de anos com os sapiens. Diferentemente outros



estudiosos pensam que a linguagem surgiu com a primeira espécie de homo, “erectus”, há mais de 1 milhão de anos. Para estes, o erectus inventou símbolos e linguagem. Para estes estudiosos, os sapiens apenas desenvolveram a linguagem. Percebe-se que não há consenso entre estudiosos, mas tanto as crenças como as linguagens ordenam a existência deles. Paralelamente a incerta origem destas crenças, não se sabe quando surgiu a linguagem, mas ela é também universal. Vale dizer, então, que não se sabe qual surgiu primeiro: a linguagem ou o animismo.

Linguagem evoluiu da comunicação e ela nos diferencia dos outros animais, pois todos os animais se comunicam. A comunicação dos animais se restringe a alimentação, reprodução e sobrevivência no tempo-espaço presente. Uma presa produz um ruído para comunicar com seus pares a presença de um predador no tempo-espaço presente. Assim, os animais vivem presos no tempo-espaço presente. Eles não possuem o poder da linguagem que flexiona os verbos e avançam e retrocedem o tempo-espaço. Um animal não tem o poder de dizer: ontem, na beira do rio, eu cacei e degustei uma bela presa.

Como o animismo, a linguagem também é metafísica, pois não possuem matéria-tempo-espaço. Linguagem não é instinto, não é transmitida pela genética, não tem um órgão específico, mas é uma habilidade aprendida. Entretanto, a ciência e o senso comum estão tão acostumados com a matéria que acreditam que tudo é material. Além de comunicar, a linguagem promove a unificação social. Compartilhar informações como narrações, lendas, deuses promovem a socialização. O homem é um animal social. A cooperação social é vital para a sobrevivência e reprodução. Com o desenvolvimento das linguagens, as narrativas animistas transformaram em mitologias de tradição oral.

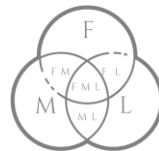


Depois, algumas religiões apropriaram das mitologias e algumas edificaram igrejas em torno delas.

As mitologias têm uma verdade velada e caráter simbólico, mas não devem ser interpretadas literalmente. Deus criou o mundo, é verdade. Mas não em seis dias, pois não estaria limitado, como o homem, ao dia e a noite deste minúsculo orbe diante do universo imensurável. Foram catalogadas várias narrativas de criação do mundo de várias culturas, de vários povos e tribos. Assim, para uns a criação do mundo veio de um ovo, para outros de um milho, de um coco, de um gigante. Apesar do caráter simbólico, os mitos foram acomodados pelas religiões. Para o Ocidente, a criação do mundo veio da palavra do Criador. EM gosta de pensar que veio de um ato de vontade.

A linguagem criou as palavras mito e mitologia. As palavras de origem gregas mythos e logos deram origem à palavra Mitologia. Mitos são narrações antigas e contos antigos, enquanto logos tem a ver com o conhecimento, estudo, razão, ordem. Mitologia pode ser o estudo do conjunto de mitos. Mitos são histórias que buscam explicar a vida e o universo a partir de um mundo “sobrenatural”. As culturas ao longo da história humana desenvolveram mitologias próprias para explicar o mundo “natural” e “sobrenatural”. Costuma-se atribuir imaginação e instinto criativo às mitologias. Mas elas também são ordens morais e espirituais de povos do passado e do presente.

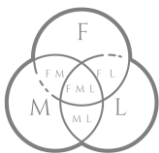
Em sentido amplo, jogadores de futebol e cantores famosos são considerados mito. Em sentido restrito, mitos são diversas narrativas de povos e tribos na tentativa de explicar o mundo metafísico (de deuses e dos mortos), o mundo físico e a interação deles. Como o animismo, cada tribo ou povo tinha sua mitologia. Os mitos foram o primeiro pensamento elaborado pelo



homem. Eles buscavam explicar a estrutura do seu universo e o funcionamento. Todas as tribos tinham seu próprio mito que dava explicações de acordo com seu habitat. Eles já tratavam da questão existencial e explicavam o seu mundo com base em um mundo metafísico. Impõem uma ordem no caos, definem culturas, codificam seus valores e estão na base das religiões. Tratam dos mesmos temas em todas as culturas: um mundo físico em interação com outro metafísico, a criação do mundo e do homem, o fim do mundo, objetos sagrados, o herói, as forças da natureza, o anti-herói e o lado negro da força. Ou como diria Raulzito: o início, o fim e o meio.

O mito sumério da criação foi o primeiro a ser escrito (em cuneiforme, pois não existia o alfabeto). A suméria desenvolveu a escrita cuneiforme e isto permitiu o primeiro registro de uma mitologia, datando 2100 aC. A epopeia de Gilgamesh narra a história do primeiro herói registrado que busca a imortalidade. Esta literatura sobrevivente é a mais antiga registrada. O panteão de deuses sumérios ficou preservado em estatuas, entalhes e textos antigos. A cosmologia suméria tem o deus criador Namu que criou a si mesmo. Este ato gerou também Anu, deus do céu, Antu, deusa da Terra e Zuri, deus do equilíbrio entre as dimensões. A junção de Anu e Antu produziu Enlil, deus dos ventos. Este virou líder do panteão dos deuses, mas foi exilado para Dilmum (a morada dos deuses) por violentar Ninlil. Esta deusa teve o filho Nana, o deus da lua. Como no anismo, a lua, a terra, os ventos são espíritos-deuses. Apesar da diversidade de deuses, existe um Deus Criador.

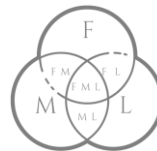
Civilizações mesopotâmicas posteriores compartilharam a mitologia suméria, ora acrescentando, ora descartando deuses sumérios. A Mesopotâmia elaborou narrativas na tentativa de explicar o universo. Igualmente a todas as narrativas mitológicas,



estas narrativas tratam de uma interação do mundo físico com um mundo metafísico. Deuses vaidosos norteavam os governantes, cujas vontades eram interpretadas por sacerdotes. Tais deuses não existiam fisicamente, mas eram glorificados pelos humanos. Este fato influenciou diversas cosmogonias, como a egípcia, a grega, a romana e a semita. Desta última, originou a mitologia hebraica, a qual o Ocidente adotou. Não por acaso nas teologias suméria e cristã o mundo teve a criação em seis dias, o dilúvio, leis em pedra e arca. São plágios mitológicos.

Na Grécia antiga, cada cidade-estado tinha um mito similar a esta mitologia suméria. A divindade mais popular foi Gaia, a mãe terra e primeira deusa grega. Ela estava em forma de mineral, certamente oriundo animismo. Ela era inerte e sua primeira criação foi Urano, deus do céu. Com base no pensamento biológico, eles produziram 12 filhos deusinhos. Entre eles, a deusa Têmis (a deusa da justiça), popular símbolo do mundo jurídico que consiste de uma mulher com os olhos vendados, segurando uma espada. A venda nos olhos simboliza a imparcialidade, enquanto a espada simboliza a força da deusa e da justiça. No presente, esta deusa Têmis simboliza a ordem. No passado, esta deusa era a própria ordem do universo.

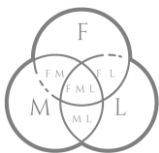
Ainda entre os filhos dos deuses fundadores da mitologia grega, temos o casal de irmãos Cronos e Reia que tiveram uma prole de 6 filhos, entre eles Zeus (céu), Poseidon (mar), Hades (submundo). Apesar de caracterizar crime de incesto na atualidade, o casamento de irmãos valia para as mitologias gregas. Zeus era o deus supremo dos céus, pai dos deuses e dos homens e comandava o Monte Olimpo. Era tão pop que inspirou a mitologia romana e seu correspondente romano era Júpiter. Os deuses do Olimpo eram 12 e tinham personalidade humana com os mesmos desejos



e caprichos. Para satisfazê-los, promoveram disputas e rivalidades. Este universo mitológico grego era imaterial e com forte inspiração na vida humana. Mais uma vez a história narra um mundo físico em interação com um mundo metafísico.

Roma subjugou a Grécia e apropriou de muitos destes mitos gregos, alinhando muito de seus próprios deuses aos correspondentes gregos. Como Baco (romano) e Dionísio (grego), deuses do vinho. Veja que as mitologias sempre associam algo físico, como o vinho, a uma entidade metafísica, como Baco e Dionísio. Esta fusão de diferentes doutrinas ou entidades religiosas existe na atualidade e é chamada de sincretismo. O exército romano subjugou várias tribos e a cultura romana se encarregou que expandir sua língua latina e promover o sincretismo mitológico.

Ainda na Europa, os mitos celtas e nórdicos só foram registrados na idade média. Tais mitos anteriores aos cristãos só puderam ser registrados com a escrita dos cristãos. Estes dominaram a língua latina escrita ainda no império romano. Apesar da resistência da igreja no afã de impor sua mitologia, foram autores cristãos que escreveram os mitos pagãos celtas. Então, a igreja não valorizou devidamente a importância da cultura celta, perdendo o significado original e ficaram como contos folclóricos. Os celtas povoaram a Irlanda e tinham a deusa Brigid. O sincretismo cristão transformou a muito popular deusa irlandesa Brígida em Santa Brígida. Panteão céltico tem as seguintes divindades principais: Dagda, Pai; Oengus, deus do amor, vive periodicamente na forma de um cisne; Lug, deus e luz do sol, é representado por um corvo; Cernunnos, deus subterrâneo, é representado com um chifre na cabeça; Diancecht, deus da medicina. Este, em tempos de guerra, usa uma fonte de saúde com

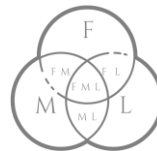


a qual ele cura os feridos. Em sintonia, sempre uma entidade imaterial conectada ao mundo material.

Nas Américas, os índios tinham mitologias próprias e diferenciadas, pois eram separados das civilizações europeias pelo Atlântico. Suas tribos surgiram há milênios e seus mitos e lendas daquela época influenciaram as civilizações posteriores como a maia, a asteca e a inca. Na América do Sul, os incas desenvolveram sua mitologia nos séculos XII-XVI dC. Com a chegada do europeu no século XV, a ocidentalização e a conversão ao cristianismo forçada, houve a erradicação de quase todos os mitos e da cultura inca. Os índios da América do Norte também possuíam uma mitologia diversificada. Os índios americanos não usavam linguagem escrita. Mas os maias e os astecas desenvolveram sistemas de hieróglifo que lhes permitiram registrar seus mitos. Em geral, os povos americanos acreditavam numa divindade criadora. Outros temas recorrentes era o herói, o submundo, a rivalidade entre o sol e a lua, o fim do mundo.

Os mitos americanos envolviam um grande espírito criador de tudo e de todos, entrelaçava os mundos natural e espiritual, atribuindo qualidades divinas aos animais, ao céu e a terra. Os índios brasileiros também têm sua própria mitologia. O deus mais conhecido é Tupã, o “Espírito do Trovão” é versão do criador da vida dos índios brasileiros. Ele criou o mar, céu e terra e também ajudou o povo indígena a plantar, fazer artesanato e caçar. Jaci, a deusa filha de Tupã, representa a noite e vigia o luar. Ela é responsável pela reprodução. Guaraci, marido de Jaci, ajudou Tupã a criar a terra. Ele é o deus do sol e do fogo.

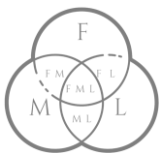
O Egito enfatizou a criação da ordem a partir do caos. Esta região da África ficou conhecida pelos manuscritos em hieróglifos. Os textos egípcios têm dezenas de milhares de deuses.



Os deuses podiam dividir ou aglutinar com outros. O faraó Akhenaton tentou racionalizar a confusa superposição de divindades e concentrar toda adoração em Aton (deus criador, deus Sol-Rá, Atoun-Rá), representado pelo sol, tido como único criador e mantenedor do mundo. Isis, irmã e mulher de Osíris (governador do submundo), era deusa do casamento, fertilidade e da magia. O Egito também tinha uma trindade forte de deuses.

Quanto ao resto da África, as mitologias eram variadas e de tradição oral, registrada por antropólogos ao longo do século XIX. Tais mitologias, como as religiões em geral, não se importam ambiguidades e contradições. A narrativa delas pode sido oriunda em parte por outras culturas e deuses, adaptando-as a sua cultura. Também em comum eram os xamãs, uma espécie de líder espiritual que entra em transe, um estado parecido com o sonho, para exercer seus poderes de curar, chover, caçar. Muitos deuses africanos foram exportados para as américas por causa da colonização. Assim, temos vários deuses africanos no Brasil: Olodumare ou Olorum, deus supremo de que tudo emana; Xangô, deus do trovão; Iemanjá, rainha do mar, mãe dos deuses e dos homens; Oxalá, criador dos seres humanos; Iansã-Obá-Oxum, divindades femininas; Exu, deus enganador e brincalhão; Ogum, metalurgia e a guerra, entre outros.

Da mesma forma na Oceania, nativos aborígenes de centenas tribos cultuavam narrativas de criação do mundo, onde seres espirituais e sobrenaturais desenvolveram seus cenários. Na Polinésia, o deus Ta'aroa veio de uma concha. Como muitos deuses africanos, há também o deus trapaceiro Maui, cultuado em muitos mitos da Polinésia. De tradição oral, eles foram registrados pelos antropólogos no século XIX. Vejam a profundidade de um provérbio atribuído ao povo aborígene: “somos todos visitantes

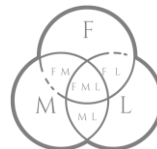


deste tempo e lugar. Estamos de passagem. Nosso propósito aqui é observar, aprender, crescer, amar e então voltar para casa.” A interpretação metafórica de “casa” significa um mundo metafísico.

Na Ásia, a mitologia chinesa misturou com o confucionismo, o taoísmo e o budismo. Desta mescla originou as religiões chinesas. Tais doutrinas influenciaram toda a Ásia como Japão, Coreia e Índia. Tema recorrente nestas mitologias, a busca pelo equilíbrio entre as duas forças Yín e Yang vale tanto para a terra, o mundo físico, como para o céu, o mundo metafísico. O dualismo cósmico promove outros dualismos contraditórios como o dualismo do bem e do mal. Este dualismo resultou em deidades contrárias percebidas nas teologias cristãs, onde a deidade opositora de Deus é um tal de Satã.

Em síntese, algumas mitologias podem até serem originais, mas acabam influenciando outras que adaptam narrativas e personagens daquelas. Então, muitos deuses são similares entre os povos. O deus criador é muito comum entre eles. Vale dizer, uma entidade metafísica “cria” o mundo físico com um ato de vontade. Igualmente, outros deuses metafísicos são sempre associados ao mundo físico.

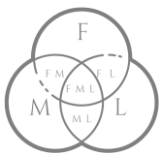
Esta mistura de dois mundos, o físico e extrafísico, criada pelos animistas e pelas mitologias de tradição oral, foram apropriados pelas religiões, agora pautadas em codificações e escrituras sagradas. Elas assumiram o poder espiritual e promoveram uma hierarquia sacerdotal, porta-vozes divinos, sem procuração para exercer o poder mundano a serviço do poder divino. O mundo metafísico religioso, percebido facilmente ao longo da história, é um mundo fixo, dotada de dogmas e, por isto, sem muita reflexão e sem estudo aprofundado. A ciência convencional sempre negou a metafísica. A Parapsicologia, ainda



incipiente, registra vários fenômenos de relação entre os dois mundos.

Mito e religião se confundem. Como asseverou o pensador Ernst Cassirer, em sua obra *Antropologia Filosófica*: “No desenvolvimento da cultura humana, não podemos fixar um ponto onde termina o mito e a religião começa. Em todo curso de sua história, a religião permanece indissolivelmente ligada a elementos míticos e repassada deles”. Vale salientar, cada religião criou seu mito ou o adotou de outra cultura com a mesma temática. Logo, há diversas religiões explicando os mesmos temas, como a criação da vida e do mundo. Ao contrário da ciência e da filosofia, o mito e as religiões não se importam com contradições, com o fabuloso e nem com o incompreensível, pois vêm de uma narrativa sobrenatural de uma autoridade religiosa. Hoje para o pensamento crítico, são teologias infantis, porém têm sua moral e sua verdade. No passado, tiveram relevância pedagógica.

No início da existência humana, o homem não tinha explicação para raios e trovões. Os fenômenos da natureza causavam medo e surgiram explicações fantasiosas para acomodar o homem. Aparecem várias mitologias em todos os povos que explicam a criação da vida e do mundo para confortar e controlar o ser humano. Ainda hoje, o mito funciona com pais que tentam controlar seus filhos para fazer ou deixar de fazer alguma coisa com ameaças de bicho-papão, saci-pererê, entre outros. O ato de adoração seguia o que não se compreendia e temia. Fogo, relâmpagos, trovões e tempestades passam a ter divindades. Em regra, os deuses eram antropomórficos, tinham necessidades humanas e precisavam de sacrifícios. Vidas e bens eram oferecidos em rituais de adoração.

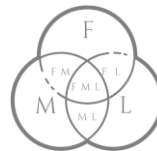


Todas as tribos e cidades-estados adotavam um panteão de deuses. Divindades mitológicas governavam egípcios, gregos, romanos e semitas. Do conjunto de deuses semitas, a tribo hebraica fez uma reforma política e religiosa e, por decreto e numa canetada, passou a ter apenas um deus. O monoteísmo caminhava paralelo com o politeísmo. Jeová e Alá sedimentaram a ideia de um deus único, construtor do Universo.

As religiões, geralmente, têm o mesmo tema: um criador, uma hierarquia transcendental e/ou mitológica, outra hierarquia humana e uma doutrina. Os sacerdotes, detentores de uma escritura sagrada revelada pelo próprio criador, pregam uma doutrina, rituais e um código de conduta do crente. Inicialmente, as religiões abarcavam todo conhecimento humano. As artes, a economia, o direito, a nutrição, a sociologia, enfim, todo conhecimento estava em seus ensinamentos, códigos de conduta e seus livros escritos. Com o tempo, tais conhecimentos ganharam autonomia.

Enquanto o animismo pregava uma ordem local, religiões monoteístas buscavam pregar uma ordem universal. O animismo é de seres imateriais locais e não deuses universais das religiões. Animismo não é uma religião específica, mas gênero de milhares de religiões, cultos e crenças diferentes. Enquanto o teísmo é a visão de uma ordem universal, o animismo é uma ordem local. Como tais entidades não existem fisicamente, não possuem substância e nem tempo-espço, são seres metafísicos.

As religiões e suas teologias pregam o Absoluto, o Criador de tudo e de todos. No entanto, em torno desta ideia do Absoluto, as religiões inundaram de outras ideias infantis e as tornaram absolutas também. Principalmente os mitos. A ideia do absoluto em tudo não permitiu as religiões evoluírem. Filosofia,



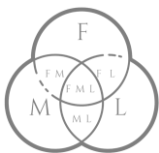
política, arte e ciência saíram das religiões, negaram seus mitos e relativizaram o conhecimento.

A teologia cristã tem cerca de dois milênios de existência, abarcou todo conhecimento, mas não evoluiu. Esta síndrome de Peter Pan atrapalhou o pensamento teológico e levou várias searas do conhecimento a criticar o pensamento religioso. A filosofia foi a primeira a abandonar do pensamento religioso há mais de dois milênios. Depois a política e a outras áreas da sabedoria, mas ainda assim a religião ainda tenta um diálogo com elas. A saída da política permitiu até o Estado ateu, sem religião oficial.

A infantil mitologia hebraica alimentou a teologia ocidental e a teologia islâmica. O número de judeus no mundo é inexpressivo, mas os cristãos e muçulmanos somam mais da metade do planeta. Vale dizer, mais da metade da população mundial acredita na mitologia hebraica, criada por uma tribo de hebreus para doutrinar seu povo local. Uma crença localizada no tempo e no espaço, mas que rompeu com tais barreiras. Isto representa um atraso teológico de mais de dois mil anos.

Estas religiões acreditam terem tido a revelação do Criador e que realizam a verdadeira vontade divina. Para isto, mataram, torturam e guerrearão em nome de seu deus. As duas são dominadas pelo exclusivismo e fundamentalismo, como os judeus extremistas do passado e do presente. Os muçulmanos consideram o Corão como a própria palavra de Alá e não a de Maomé. Da mesma forma, os cristãos que vêm na Bíblia a palavra de Deus.

A mitologia hebraica prega a aliança de Jeová com o povo judeu. Tal conchavo político-religioso levou as duas maiores religiões da humanidade a eternizarem a exclusão. Este

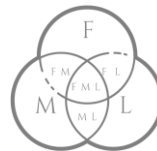


exclusivismo religioso não permite uma solução, pois as religiões contêm dogmas absolutos, oriundos do próprio Deus. Tal impasse só seria solucionado com a submissão de toda humanidade a uma única religião fundamentalista e seus dogmas.

O povo hebreu inovou com o monoteísmo. O judaísmo influenciou o islamismo e o cristianismo. Eles têm um princípio em comum: a origem única, a existência de um Criador de tudo e de todos. Deus, Alá, Jeová, não importa o nome, mas sempre um Ser superior. As instituições humanas do pretérito e do presente têm uma visão mitológica de Deus, como a tribo hebraica do passado. A civilização ocidental ainda tem o demérito de não criar sua própria mitologia.

Cada religião, cada homem tem uma ideia do seu Criador. As culturas têm seu deus (es) antropomórfico (s) que interagem com os homens. Tais mitologias têm um enredo digno de novela com brigas, ciúmes e crimes passionais, entre homens e deuses. Os deuses pareciam humanos e alguns foram extintos pelo desuso ou por decreto. Para os hebreus, sobrou apenas o guerreiro Javé, o Deus da Bíblia. Ele é produto de fatos históricos, políticos e mitológicos.

A mitologia cananeia corresponde aos habitantes do reino antigo de Canaã, situado no Oriente Médio, onde hoje está o território de Israel. Ela foi descoberta a partir de 1928, como resultado de escavações arqueológicas em Ugarit, na Síria. Sua mitologia misturava cultura própria e da cultura mesopotâmica, ainda com deuses representantes das forças naturais. O principal deus cananeu era EL, personagem fundamental da mitologia cananeia, o criador dos homens e dos deuses. No elenco dos deuses, ainda havia sua esposa Asherah, deusa da vegetação e da fertilidade; a filha Anat deusa do amor; os inimigos Yam, deus do

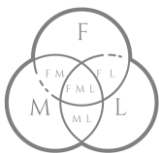


Mar; e Mot, deus da morte. Neste panteão de deuses, o guerreiro Javé infiltrará e se tornará único.

Arqueólogos e linguistas localizaram Javé antes da Bíblia ser escrita. Ele não era um deus grandioso, mas apenas um deus guerreiro entre outros deuses. Ele era cultuado por nômades do deserto em contatos com os hebreus. Quiçá estes nômades pregavam a doutrina do zoroastrismo, considerada primeira religião monoteísta fundada na antiga Pérsia. Historiadores da religião asseveram que doutrinas de Zoroastro, como a crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um messias, viriam a influenciar o judaísmo e, por sua vez, influenciar o cristianismo e o islamismo.

Javé incorporou ao conjunto de deuses cananeus. Ele tinha personalidade forte e foi ganhando lugar na mitologia israelita. Os deuses cananeus perdem a guerra contra Javé. Ele destrói o deus maior EL, herda o trono e se casa com a deusa viúva Asherah. Alguns acreditam que Javé e EL eram o mesmo deus e não distintos. Na própria Bíblia, Deus é chamado de EL (Genesis 33:20).

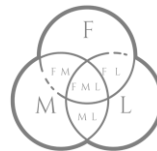
Josias, rei de Judá, reinou por 31 anos, até por volta do ano 609 a.C. Politicamente ele instituiu grandes reformas. Estudiosos asseveram que este rei determinou a codificação das Escrituras Hebraicas, durante a reforma deuteronomica em seu governo. Acreditam que tal medida foi política para unificar Judá frente aos inimigos, transformando Javé no único deus e destruindo altares das outras divindades como EL. Josias acaba com o politeísmo, numa canetada, implanta o monoteísmo e acaba por influenciar todo Ocidente e todo o mundo islâmico por milênios.



Indícios de politeísmo são encontrados na Bíblia. O próprio Javé afirma a existência de outros deuses ao proibir a adoração de outros deuses no Decálogo. Se Javé proibiu é porque existiam outros deuses. Com o Novo Testamento, Jeová perde o papel central da narrativa para Jesus. Também deixa de ser o guerreiro cruel e fica mais bonzinho.

As teologias infantis levaram todos os campos do conhecimento a se libertarem das religiões. A filosofia afirmava que as religiões representavam o Criador por meio de projeção dos defeitos humanos. A história, a arqueologia, a filologia, a mitologia não vêm os livros sagrados como divinos e nem mesmo revelações divinas e sim uma colcha de retalhos, onde culturas antigas fornecem fragmentos para culturas em formação. As artes pegaram carona na onda de libertação e tiveram sua autonomia. A geologia afirmou que a terra tem milhões de anos de existência. Já a Astrofísica data de bilhões de anos de existência da Terra e do universo. Teólogos biblistas pregavam poucos milhares de anos de existência da vida e do mundo, através da contagem das gerações dos patriarcas bíblicos. A física e a astronomia tiraram a Terra do centro do universo bíblico. A biologia tirou a criação especial do homem e inovou com o evolucionismo. A arte saiu das religiões, mas as religiões não saíram da arte. As religiões adotam arte sacra como forma de hipnotizar os crentes, mas a arte profana se diverte com a infantilidade teológica.

Sacerdotes religiosos acreditavam que possuíam a verdade e que as outras religiões eram uma ameaça. Quando surgiu a igreja, separada das sinagogas, criaram-se os antissemitas e anticristãos. As religiões promovem separações dos homens. No entanto, o cerne das religiões, credo em um deus (ou deuses) e na imortalidade da alma, é o mesmo de sempre. Devido ao excesso de

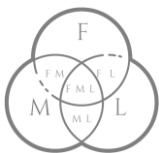


orgulho e ao exclusivismo, elas passam a divergir em outros pontos.

O Direito, como a ciência, demonstra fenômenos naturais de leis que as religiões insistem em dizer a participação direta e imediata do Criador. Mandamentos, como não matarás e não furtarás, ocorria naturalmente entre os homens da caverna e de qualquer tribo posterior, sob pena de não existência social. Como um tribal iria dormir com a possibilidade de outro o matar ou furtar sua lança. Estas proibições eram leis sociais e naturais em todas as tribos e cavernas, sem necessidade de Deus escrever em uma pedra. Elas deviam preocupar com a manifestação divina pelos processos naturais e não pelo imediatismo divino. Devem considerar o Criador em termos de causa primeira. Por isto, as ciências questionam as teologias infantis e negam que a Bíblia seja a palavra de Deus.

A ciência costuma atribuir origem universal do animismo ao medo. Mas ateus e cientistas materialistas também têm medo e nem por isto são religiosos. Também costumam atribuir o espiritualismo humano a alucinações, a tranSES, mas estes diagnósticos são abstrações, não podem ser localizados no cérebro, pois envolvem a consciência, algo igualmente metafísico. Atribuir um fenômeno universal a erro, parece ignorar algo universal.

Em síntese, o animismo e a mitologia têm em sua essência a interação do mundo físico com o metafísico. Apesar de ser uma salada de culturas, a mitologia hebraica triunfou e espalhou pelo mundo. De forma similar, tal mitologia é também uma interação entre os mundo físico e metafísico. Modernamente, 3 religiões pregam a mitologia hebraica e duas delas, o cristianismo e o islamismo, doutrina mais da metade da população mundial.

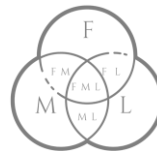


4. A Ordem Religiosa

Em razão do número de deuses, as religiões são frequentemente divididas em 3: monoteístas, dualistas e politeístas. As politeístas contêm inúmeros deuses e tem clara origem no animismo. O homem primitivo do passado era politeísta e convivia com entidades metafísicas diversas. Além de seus familiares mortos e também maus espíritos, existia uma infinidade de entidades que habitavam pedras, rios, mares, árvores, montanhas, entre outros. Os fenômenos da natureza, como o trovão, eram produzidos pelos deuses. Na mitologia nórdica, Thor, o deus do trovão, ficou famoso nos HQ's e em Hollywood.

Ainda hoje, nós vemos associação entre natureza e deuses. Nas religiões afro-brasileiras, Iemanjá é a rainha do mar. Ela é uma entidade metafísica muitas vezes retratada pela arte afrodescendente. Hoje é muito comum o sincretismo de religiões, uma fusão de diferentes deuses, doutrinas e imagens. No sincretismo afro-cristão, Iemanjá corresponde à Nossa Senhora da Conceição. Os deuses oriundos das religiões africanas, denominados orixás, correspondem a diversos santos católicos. Aqui nós podemos perceber traços do politeísmo dentro da religião cristã e monoteísta.

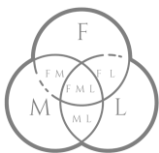
No passado, o animismo era uma crença dominante. A tradição oral o tornou uma narrativa mitológica. Cada tribo ou clã de caçadores-coletores tinha sua narrativa mitológica que regulava o comportamento de seus membros. Estas leis ora eram leis sobre-humanas, ora eram leis de convivência que permitia a ordem social. A lei que proíbe matar um membro da tribo era uma lei natural de



convivência e sobrevivência. Estava e está em todas as tribos. Imagine à noite, um caçador-coletor em sua caverna querendo descansar. Como ele vai dormir sem a regra de não matar para os outros membros de sua comunidade? Igualmente, a regra de não furtar impede que outro caçador-coletor pegue a lança daquele que está dormindo. Então, as proibições de não matar e não furtar eram universais. Não era preciso um deus escrever tais leis em pedras.

As leis locais valiam para os membros da comunidade. Para outras comunidades, tais leis não tinham aplicação, mesmo porque eles estavam em constantes conflitos com outras tribos. Matar e saquear eram a regra entre tribos diferentes. Igualmente as leis locais, as narrativas sobrenaturais, como a da criação do mundo, valiam apenas para os cultuadores locais. Eles não precisavam converter pessoas caçadores-coletores de outras tribos que tinham sua própria narrativa de criação, além de suas próprias leis.

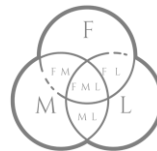
Com a revolução agrícola, a complexidade metafísica aumenta com a chegada de novos deuses e deusas como o deus da chuva e a deusa da fertilidade. A complexidade metafísica aumentou novamente com o surgimento do comércio, reinos e impérios. Reis assumem uma identidade divina, pois grandes quantidades de pessoas precisam de uma autoridade maior. O poder de deuses no corpo de um rei tinha autoridade metafísica para controlar todo o reino ou império e não apenas poucas pessoas num local isolado. O mundo físico mais uma vez se mistura ao mundo metafísico. Controlado por divindades poderosas, o mundo mais uma vez era uma interação entre deuses e humanos.



Mesmo no politeísmo, por vezes, as narrativas mitológicas apresentam um poder principal entre os diferentes deuses e entidades espirituais. No politeísmo grego, Moros, deus do destino dominava os mortais e os deuses, inclusive Zeus e Apolo. Olodumaré vive numa dimensão metafísica, chamada de Orum, e é um deus supremo de religiões de tradição afro. Porém, este poder central seria incorruptível, destituído de interesses e não ouviria prece dos fiéis. Então, não adiantava construir templos para estes deuses que eram imparciais.

Diferentemente, o monoteísmo acreditava num poder parcial divino. As religiões monoteístas surgiram da crença dos fiéis que o deus pessoal tinha poder absoluto. Assim, poderiam fazer parcerias com a divindade para ganhar uma guerra ou curar uma doença. Aquenáton, faraó egípcio, por decreto, implantou a primeira religião monoteísta no mundo. O deus Aton (do sol) seria o único deus do Egito, mas quando Aquenátom morreu o politeísmo voltou. Depois, o judaísmo implantou o monoteísmo que continua forte. Do panteão de deuses cananeus, o deus guerreiro Javé vai transformar o politeísmo em monoteísmo. O cristianismo vai cuidar da divulgação do deus judeu e difundir o monoteísmo.

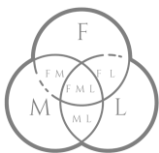
As religiões do passado eram locais e suas leis valiam para suas comunidades. Seus deuses eram divindades locais. O judaísmo promoveu um monoteísmo exclusivo para seu povo. Um deus para chamar de meu. Paulo de Tarso foi o responsável pela fundação da religião Cristã. Enquanto os judeus acreditam em um deus local que governava o privilegiado povo judeu, Paulo doutrinou o Deus universal para todos os povos, judeus e pagãos. Ele asseverou: “Já não há nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem



nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3:28).

Esta ideia nos leva ao princípio da igualdade. O fato de todos os homens serem filhos de Deus, ou seja, todos terem a mesma origem gerava a igualdade. Além da igualdade, o cristianismo também nos deu a ideia de liberdade. A Bíblia tem várias citações de liberdade em sua narrativa. Mas a liberdade parece ser uma conquista pessoal do crente ao se livrar dos pecados, segundo algumas citações. A mais comum é a famosa fala de Jesus "... e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Outras: "Andarei em verdadeira liberdade, pois tenho buscado os teus preceitos". Salmos 119:45; "Mas agora que vocês foram libertados do pecado e se tornaram escravos de Deus o fruto que colhem leva à santidade, e o seu fim é a vida eterna." Romanos 6:22. Paulo de Tarso ainda resolve a questão da responsabilidade em razão da liberdade: "Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém" 1 Coríntios 6:12.

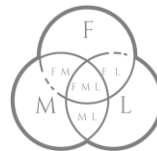
Na Constituição Federal brasileira, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e em todas as democracias, liberdade e igualdade são os maiores valores jurídicos que se juntam ao direito a vida, o direito de existir. A Bíblia e os cristãos nos presentearam ao ajudar a disseminar tais valores jurídicos-filosóficos pelo mundo. Tais valores só existem na mente humana, ou seja, são metafísicos. No mundo animal, uma presa não tem o direito de existir, não tem o direito de caminhar livremente e a salvo pelos campos e nem o direito de igualdade a um predador. Existência, liberdade e igualdade são valores bíblicos e são os maiores valores jurídicos. O EM vislumbra estes valores em toda matemática.



O cristianismo trouxe a ideia de uma ordem universal, onde todos eram filhos de Deus. Neste sentido todos são iguais e ainda possuíam o livre-arbítrio. No biblismo, Jesus tornou modelo e guia de todos os homens. Ele foi um revolucionário moral, mas não pregou nenhuma religião. Ele não era um revolucionário político como pensa alguns, pois ele não pregou nenhum nacionalismo, nenhuma ideologia, nenhum conceito de democracia. Na bíblia, quando questionado pelos judeus sobre o pagamento de impostos para os romanos, Jesus sabiamente respondeu: a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus. Para Paulo de Tarso, o deus Jesus desceu do céu para salvar toda a humanidade do pecado original. Então, o conhecimento do evangelho, a boa nova, precisa chegar a todos. O monoteísmo do islã veio da vitória cristã. Para o Ocidente, o monoteísmo ocupou posição na ordem política.

Apesar desta doutrina surpreendente de Paulo, a igreja veio depois dele e distorceu tal doutrina: a igreja foi conivente com a escravidão, com o nazismo e o fascismo; via a mulher como ser inferior ao homem e os índios como seres inferiores aos europeus; inovou com a técnica da tortura para confissão de “pecados” e a universalizou para militares e policiais do mundo inteiro; também universalizou a técnica de convocar a população para delatar pecadores, utilizado pelos militares e policiais para a população denunciar “comunistas”.

Além de distorcer uma doutrina inteligente, a igreja nunca resolveu a questão do mal. O filósofo grego Epicuro debruçou sobre a questão do mal e Deus. Se Deus criou tudo perfeito e ele é onisciente, onipotente e onipresente, como pôde errar na criação do mal? Se ele é onipotente por que não acaba com ele? Como



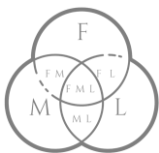
pode deus estar no mal? Estes questionamentos induziram ao chamado Paradoxo de Epicuro.

Em religião, este dualismo do bem x mal complicou o pensamento teológico. Na tentativa de resolver a questão do mal, a igreja criou uma força antagônica ao Criador. Demônio, capeta, diabo, Lúcifer são algumas denominações vulgares do opositor divino. Muitas religiões têm dificuldades com o pensamento dualístico e enxergam dualismo onde não existe. Tais doutrinas não resistem a menor crítica em desfavor dos atributos divinos (bondade, perfeição, onisciência, onipresença e onipotência). Se Deus pode tudo, porque não elimina o mal.

As complicações teológicas com a questão do mal e da dor ocorrem com a maioria das igrejas ocidentais. Talvez estas complicações tenham origem no zoroastrismo que era contemporâneo ou mesmo anterior ao judaísmo. Doutrinas judaico-cristã como o paraíso, a ressurreição, o juízo final e a vinda de um messias, vieram do zoroastrismo. Apesar de pregar um certo monoteísmo, o zoroastrismo também prega um dualismo, duas divindades sendo uma representada pelo bem e outra pelo mal.

Esta força opositora a Deus resolve a questão do mal, porém se contrapõe ao monoteísmo que prega uma ordem universal. O dualismo ofusca a existência de uma ordem universal. Se Deus não tem poder central, já que tem um opositor, de onde vem as leis para estabelecer as relações entre as duas divindades? Por que Deus não acaba com o mal?

Neste sentido, o politeísmo e o dualismo ainda têm existência dentro das religiões ocidentais. Apesar de pregarem a existência de um só Deus, o cristianismo ampliou com um panteão de santos semelhantes aos deuses politeístas. Também pregam uma



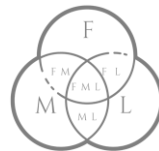
luta dualista e eterna entre Deus e o Diabo. A mistura de monoteísmo, dualismo e politeísmo promove paradoxos insolúveis. Enfim, as religiões monoteístas pregam uma ordem universal com uma fé cega e uma desordem racional.

Em razão disto, as religiões perdem força. No passado, as religiões e as mitologias tinham monopólio do conhecimento e eram respeitadas. A filosofia, as artes e as ciências saíram das religiões e disseminaram o conhecimento. Os dogmas das religiões foram alvo de críticas e resultou em discriminação e desunião. As religiões têm hierarquias e ordens sociais frágeis, mas sua legitimidade sobre-humana sustenta as estruturas frágeis e, assim, garante a estabilidade. Define-se religião como sistema de normas e valores humanos que se baseia numa ordem sobre-humana. As maiores religiões do mundo, cristianismo e islamismo, são universais e missionárias, mas as religiões antigas eram locais e exclusivas, acreditavam deidades locais e não tinham interesse em converter outros.

Se comparadas ao oriente, as religiões ocidentais tem o pensamento mais unificado e se concentram um torno de um deus e seu filho Jesus, apesar das muitas igrejas. Estas diferenciam apenas em detalhes. Muitos vêm interesses apenas financeiros. Pegam uma expressão bíblica qualquer e ergue sua igreja para uma fonte de renda.

Ao contrário, o pensamento religioso oriental tem muitas variações e muitas vezes se confunde com uma filosofia. O hinduísmo é uma tentativa de unificar as várias religiões e deuses da cultura da Índia.

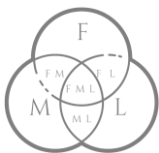
As religiões explicam o universo e dão sentido à vida. Uma ordem natural nos traz uma sociedade estável e prospera. As



religiões vêm a realidade com base na ordem é esta ordem reflete causa e efeito a partir de deus inteligente e superior. Não há acasos, acidentes, sortes, coincidências, mas sincronismos. Neste sentido, as religiões são positivas, promovem uma inteligência superior e absoluta, promovem a ordem universal. Mas a ideia de um absolutismo religioso descambou para dogmatizar e sacralizar palavras, objetos, rituais e pessoas. Acabam promovendo uma desordem, apesar de seu crédito com valores universais. Os valores de igualdade e liberdade têm sua gênese na Grécia e depois nas religiões cristãs. Os gregos debruçaram sobre conceitos de igualdade e a democracia. A bíblia fala muitas vezes em liberdade como uma conquista. A igualdade é em razão da filiação divina. Apesar das diferenças biológicas e culturais, todos merecem tratamento igual e respeito. As leis divinas valem para todos.

Nisto, as religiões e especialmente a cristã merecem autoridade. Doutro lado, as religiões também discriminam. O pensamento religioso ocidental prega um monoteísmo em torno de Deus e adora Jesus Cristo, o filho de Deus. Elas compilaram a Bíblia e a declararam sagrada. Tal Bíblia é palavra de Deus, dizem elas. Mas se a Bíblia é palavra de Deus, o Alcorão não o é? Cristãos e muçumanos têm seus deuses e suas escrituras sagrada e querem, como o povo judeu, exclusividade. Querem um deus pra chamar de meu.

A Bíblia, numa rápida síntese, é composta de duas partes, sendo a primeira denominada Velho Testamento traz Deus como principal personagem. Este parte se encontra também a base do Torá, livro sagrado da religião israelita. Neles se podem encontrar relatos da cultura, economia, história e mitologia do povo hebreu, mas adotado pela igreja e por todo Ocidente.

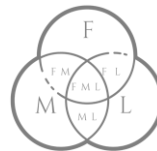


Na segunda parte, temos o Novo Testamento, o Evangelho de Jesus, relatado por Mateus, Lucas, João e Marcos. Nele encontramos a vida, obra e morte de Jesus. Os personagens centrais da narrativa bíblica, Deus e Jesus, apresentam duas teologias diferentes: a teologia da guerra e a teologia do amor. São diferentes as teologias e os judeus descartaram a teologia de Jesus. Até hoje, eles conservam a teologia da guerra e a aplicam em seus vizinhos árabes.

Linguisticamente, vemos a Bíblia como um texto e todo texto tem contexto. Apesar de todo idioma tentar a unificação, a língua varia conforme o contexto. Assim o nosso português, a título de exemplo, varia no tempo e no espaço. Essas diferenças podem ser fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas. Além destas variáveis diretas, temos outras tantas indiretas como de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais.

Padres e pastores, em seus altares, asseveram que estão pregando a “palavra de Deus”. Apesar das palavras serem ditas por homens, a igreja entende que tais palavras foram inspiradas por Deus. Tais palavras seriam, assim como o Absoluto, imutáveis, eternas para todo o sempre. Mas e se tal “verdade” não é verdade, muito menos absoluta e imutável? O ato de pensar é o principal atributo do homem. Os dogmas ceifam este ato. Sem este atributo, o fundamentalismo e o terrorismo têm campo fértil. Da mesma forma, a ditadura tira o ato de pensar e produz horrores.

Mas por que as religiões arrebatam bilhões de seguidores? Bom, todas as religiões pregam um mundo metafísico, povoado de deuses, anjos, orixás, ancestrais, demônios, entre outros. Apesar da teologia infantil, as religiões conectam o mundo físico e metafísico. Além disso, há ideologia nas religiões, o poder, custe o que custar. Sem procuração divina, muitos falam em nome de Deus, Jesus,

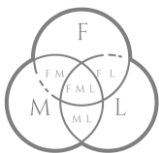


Maomé e todo tipo de divindade. Ao contrário das religiões, juridicamente isto é crime de falsidade ideológica. Mas expliquemos a questão política-ideológica.

Historicamente, não se sabe se Moisés realmente existiu. Biblicamente, Moisés e o povo hebreu viviam exilados num estado teocrático. Vale dizer, no Egito, o faraó era um soberano ditador, adorado como um deus. Culturalmente e contextualmente, Moisés atribuiu autoria divina às suas leis para um povo ignorante, acostumado com o engodo egípcio. Senão tais leis não seriam respeitadas.

Vale salientar também outra influência política e cultural na Bíblia e no povo hebreu, outro exílio, o babilônico. O contato com a cultura deles influenciou a escrita bíblica e semelhantemente alegaram autoria divina do Decálogo. O famoso Código de Hamurabi também creditava origem divina de suas leis que também foram escritas numa pedra. Estas semelhanças não são coincidência, mas sim apropriação da cultura babilônica pelos líderes hebreus.

Hodiernamente, a maioria dos estados é laica, nítida separação de estado e de religião. A secularização foi um processo lento, mas manteve, via de regra, a liberdade religiosa e o pluralismo religioso. Porém, alguns estados aniquilaram as religiões. Sob o comando da velha Rússia, alguns estados se tornaram ateus. O status de deus-rei foi paulatinamente dissolvendo e dois pensamentos políticos passaram alternar na história da humanidade: o moralismo político (de fundo idealista) que prega fins comuns e valores como igualdade, liberdade, justiça, entre outros; e o realismo político que foca o poder, o conflito, a corrupção e rejeita o moralismo.

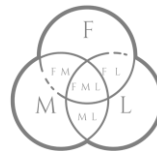


As necessidades humanas nos levam a política. Não podemos ter tudo que queremos no mundo, então teremos lutas e diálogos para obter bens e valores como liberdade, igualdade e justiça. Recentemente na história, Marx inovou com o pensamento político ideológico que prega a vitória dos trabalhadores e uma ditadura com base no valor igualdade. O grande erro de Marx foi valorizar um direito (a igualdade) em detrimento de outro, a liberdade. Inversamente, o capitalismo enfatiza a liberdade em oposição a igualdade. Hoje valores como democracia, direitos humanos, economia aberta e governo constitucional tornaram-se universais no mundo ocidental. Mas ainda, não conseguimos conciliar os valores liberdade e igualdade.

Na contramão das democracias, ainda existem as teocracias. Perigosamente, países de maioria mulçumana, ainda unem política e religião, vivem ditaduras teocráticas algumas vezes sob comando de seitas radicais e violentas. Quando a religião detém o poder político, detém também a arte, ciência, filosofia, o direito, enfim, a vida inteira dos fiéis. Neste caso, direitos humanos não existem e tribunais eclesiásticos aplicam penas cruéis e a lei de talião. Não há liberdade de pensamento e nem individualidade. Violência e religião se unem contra a liberdade.

Nesta esteira, críticos e ateus alegam que as religiões são como fonte primária de violência e terrorismo. Todavia, religiosos atribuem a violência à grupos isolados que têm uma visão equivocada dos livros sagrados. De qualquer forma, a violência está nos livros sagrados do cristianismo e islamismo, inspirados no Torá que contém violência em sua mitologia hebraica. O deus guerreiro, violento e cruel do Velho Testamento é inegável.

Como a Bíblia, o Alcorão contém sabedoria. Porém, quem assume o poder religioso são líderes políticos sem

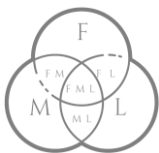


compromisso com a moral. O Islã não é apenas uma religião, pois em sua essência é uma ideologia política. Islã significa submissão e adota um sistema de regras rígidas para a sociedade e a vida de cada pessoa. O Islã não é compatível com a liberdade e a democracia. O valor filosófico de igualdade existe para a grande maioria da população, os pobres, porém nivelado por baixo. A Sharia, mistura de direito e religião, dita todos os aspectos da vida do homem. O modo de vida mecanizado é 100 % religioso.

Maomé foi um grande líder político-religioso. Promoveu o monoteísmo, a libertação de escravos, direitos trabalhistas e outros direitos de igualdade. Promoveu também a guerra e junto com ela alguns trechos belicistas no Alcorão: “matai os idolatras”. A Bíblia também carrega também uma violência extremada. Javé é mandante de homicídios, genocídios, pedofilia, entre outros crimes bárbaros. O Alcorão, como a Bíblia, é produto cultural, provido de sabedoria e de violência em razão do tempo e no espaço.

Muitos mulçumanos interpretam o Alcorão de forma pacífica, mas são os radicais que assumem o poder político-religioso. Os mulçumanos pacíficos acabam reprimidos pela violência ou ideologia dos radicais. O imperialismo islâmico acaba sendo visto com certo receio pelos ocidentais. Eles imaginam submeter todo o planeta a Sharia. O Ocidente já conhece esta história de violência religiosa, quando a igreja Católica tinha o poder político e mesmo depois quando tinha influência política. As Cruzadas, a Inquisição, a imposição doutrinária aos colonizados são exemplos de abusos, violência, tortura e todo tipo de crime contra a humanidade em nome da fé. Felizmente para o Ocidente, ela perdeu influência do poder político.

Apesar de fragmentos de valores como vida, liberdade e igualdade na Bíblia, a conquista de direitos humanos no Ocidente

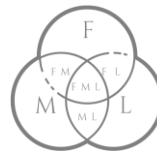


foram graças a filósofos, juristas e políticos. A igreja nunca defendeu abertamente estes valores e nunca ligou a mínima para direitos dos homens, pois sempre se concentrou no poder e em seus dogmas. Para o homem, a igreja impõe deveres e não direitos. Sem poder político, sem autoridade para impor, os crimes eclesiais migraram para outros, como pedofilia e preconceito.

Como na antiguidade, a igreja atual atribui autoridade divina aos seus clérigos. Seu sistema hierárquico passa longe da democracia, mas bem próxima de uma ditadura militar. Sua rígida hierarquia traz punições severas para indisciplina. Sua justiça não possui princípios processuais democráticos, garantismos consagrados como a ampla defesa e o contraditório. A política saiu da religião, mas a religião não saiu da política. Todas as religiões são uma espécie de teocracia. Num plano macro, certamente, o Criador governa por meios de leis naturais. Assim, as religiões têm um fundo de verdade. No plano micro, as religiões usam esta ideia do Criador para exercer poder ditador. Contudo, a política menos pior é a democracia.

Na teocracia, os religiosos governam em nome de um deus ditador, mas sem nenhuma procuração divina. Líderes teológicos, sem nenhuma autorização divina, praticaram desmandos. No Ocidente, papas insuflaram guerras e acumulavam fortunas; o clero mostrou ostentação, hipocrisia e arrogância. Pior, não havia nenhuma autoridade legal para conter tal mal.

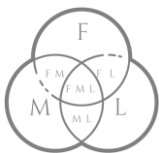
A igreja subiu no trono em Roma, onde fora enterrado o apóstolo Pedro, o qual, diz a igreja, fora o primeiro Papa. No entanto, o duvidoso apóstolo Pedro negou Jesus por três vezes, segundo a Bíblia, e nem fora o melhor dos apóstolos. Nem sequer há um evangelho oficial dele. Seu evangelho, contraditoriamente, foi declarado apócrifo pela própria Igreja. Mesmo assim, com este



argumento, atribuíram autoridade divina ao papa e aparece a infalibilidade papal. O papa é infalível e a Bíblia é a palavra de Deus. Os grandes reis e sacerdotes atribuíam autoridade divina a si para dar credibilidade a suas palavras e ações. Mas nenhum deles tinha procuração divina. Nenhuma via. Segundo a Bíblia, aparentemente, Jesus e Moisés, tinham uma procuração verbal de Deus. Estes não montaram nenhuma igreja, mas tentaram a unificação do pensamento moral e divino.

Antes perseguidos pelos romanos, depois os cristãos assumem o poder e passam de perseguidos a perseguidores. Lembra-nos um jornalista, referindo ao PT quando assumiu o poder no Brasil: é o mesmo filme com papéis trocados de oposição e governo. O poder político tem destas coisas. Carl Jung via duas forças irreconciliáveis. O Amor e o Poder. Dizia: Onde reina o amor, não há vontade de poder e onde domina o poder, falta o amor. Um é a sombra do outro. Já John Emerich via apenas corrupção no poder. Ele disse: O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.

No poder, a igreja estruturou seu tribunal de Inquisição e caçou “bruxas” e infiéis. Sua justiça tinha como principal prova de acusação, quiçá única, a confissão sob tortura. Bastava um cidadão não gostar do vizinho e informar a igreja que ele era um herege para soldados prendê-lo, torturá-lo e executá-lo na fogueira santa. Esta maléfica estratégia eclesiástica envolvia toda a comunidade na caça aos “hereges” para torturá-los e matá-los. Tal tática ganhou as ditaduras, como o fascismo, nazismo e comunismo. Uma instituição forte, totalitária, imperialista, como a igreja, inspirou estados ultranacionalistas, mobilizadores da massa vigilante das ideologias de um estado forte. A violência justificou ideais de

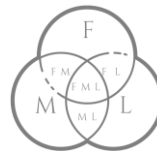


líderes militares. Como a igreja, estes estados não simpatizavam com a democracia.

A estratégia criada pela igreja foi também empregada pela ditadura militar no Brasil. Havia até a malfadada polícia política (DOPS). Bastava alguém acusar seu vizinho chato de “comunista”, que um eficiente soldado ou policial estava na porta para prender o “subversivo” e o levar a tortura para sua “confissão”. Esta foi a herança negativa da igreja para a humanidade: ditadura, imperialismo, táticas de manipulação social com seus dogmas, justiça e julgamento com a tortura.

A Inquisição foi fundada durante os séculos XII e XIII. No século XIX, os tribunais da Inquisição foram suprimidos pelos estados europeus, mas foram mantidos pelo Estado Pontifício. Em 1908, a instituição foi renomeada Sacra Congregação do Santo Ofício. Em 1965, o Vaticano maquiou a Inquisição com outro nome, Congregação para a Doutrina da Fé. Sua função é ainda difundir a doutrina católica, como o mito do Decálogo, mas sem o poder político, sem o poder da fogueira na aplicação da pena capital. O fogo simbolizava a purificação, configurava a ideia de desobediência a Deus (pecado) e ilustrava a imagem do inferno. Hoje se pode dizer que o inferno era a igreja.

A Inquisição tinha poder político para autorizar, ou não, impressões de livros. Assim, ela controlava o pensamento e proibia conteúdo considerado herege nos livros. O Index listava os livros proibidos e considerados hereges. Também devemos aos juristas, políticos e filósofos os direitos humanos de liberdade de expressão e de pensamento. Pela igreja, até hoje não teríamos a liberdade de pensamento. O único livro seria a Bíblia para o ler repetidas vezes (leia-se lavagem cerebral) sob pena da fogueira eterna.

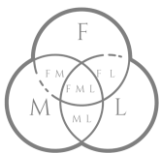


A igreja apropriou da Bíblia e sua interpretação para atender interesses ideológicos. Era escrita somente em latim até Lutero traduzi-la para o alemão. Ainda, continuou rezada em latim até os anos 60, quando o Papa Paulo VI promulgou uma nova liturgia. O papa Ratzinger teve o descalabro de voltar com a liturgia antiga. Antes do 01 pedir pra sair, ele a exerceu de forma extraordinária.

A ideia da “palavra de deus” baseia na falácia de argumento de autoridade. A Bíblia, interpretada pelas autoridades eclesiásticas, tem validade total e atropela todos outros argumentos racionais ou científicos. Não vale para a igreja, então, técnicas de dedução, indução, lógica, história, classificação, experimentação, comparação, analogia, causa e efeito, estatísticas para chegar à verdade. A igreja mantém seu poder como dono da “palavra de deus”. Sempre houve um monólogo religioso e não um diálogo quanto a Bíblia e Deus.

A igreja nega a realidade, nega uma relação dialógica e não permite questionar sua autoridade e sua ideia sobre Deus. Numa democracia, você ouve objeções, debate ideias, apresenta ideias contrárias e refuta outras, mas não é permitido pela igreja ou pelas religiões. Religiosos descartam a lógica e repetem apenas a retórica de sua autoridade. Isto implica emoções e valores ideológicos de forma escamoteada, revista de aparência lógica.

O argumento da autoridade não permite os fiéis pensar por si. Pastores e padres vêm com ideia pronta, sem possibilidade de reflexão, e deixa os fiéis sem vida própria. Linguisticamente, as escrituras sagradas seriam resultado da codificação divina, decodificadas pelo interprete divino. Aos fiéis, cabem passivamente aceitar a interpretação, sem reflexão e sem consciência. É um monólogo. Isto na contramão da



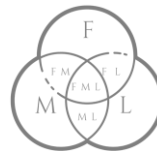
sociolinguística que tem uma concepção de língua como interação social. A comunicação funciona como um diálogo, em que os envolvidos constroem o sentido do texto.

Em busca de ideologias por trás das falas, o pensador francês, Michel Pêcheux, propôs de um novo objeto de estudo chamado discurso. Na visão crítica, ideologia busca poder nas relações sociais. Todos têm um papel social, fruto do poder. A ideologia é velada e sutil, utiliza a linguagem para se sustentar e perpetuar no poder. Ele invoca o “entremeio” de ciências para o estudo do discurso, no caso, a Linguística, Psicanálise e do marxismo.

A princípio, Michel fez o estudo pensando na política. Mas este estudo também pode ser aplicado nas religiões, pois elas têm política e ideologia em suas entranhas. Em Linguística, o pensamento do estruturalismo enfatiza o código na comunicação, no caso, os religiosos usam a Bíblia. Os sujeitos da comunicação, padres e pastores, são mecanizados pelo sistema, como meros decodificadores do texto sagrado.

Análise do Discurso considera construções ideológicas presentes num texto ou fala, dentro de um contexto histórico-social. O padre ou pastor reflete uma visão de mundo determinada pelo sistema eclesiástico. Significa que o discurso não é um produto individual. A interpretação da Bíblia implica um sistema religioso com determinada identidade religiosa, social e histórica.

Tal estudo dialoga com o marxismo, adotando o materialismo histórico de Karl Marx. Para este, eram as condições materiais de vida numa sociedade que determinavam nosso pensamento e nossa consciência. Para Karl, tais condições eram decisivas também para evolução da história. As instituições



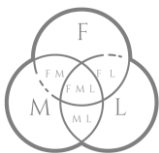
políticas e religiosas, chamados de superestrutura, são reflexos da base materiais. As condições materiais de uma sociedade sustentam todos os pensamentos e ideias de uma sociedade, dominadas por uma elite. Marx dividi a sociedade em classes dominantes e classes dominadas. A luta de classes move a história e sua evolução.

Agora, com um dedo em Freud, a Análise do Discurso adota a teoria do inconsciente da psicanálise e afirma que o discurso ideológico é produzido inconscientemente. Da mesma forma que existe uma ideologia por trás das classes sociais, também no discurso há uma ideologia por trás, ainda que inconscientemente.

A Análise do Discurso do Religioso, então, promove o encontro das três disciplinas. O texto sagrado supervalorizado relativiza o sujeito do discurso (Linguística), que defende uma ideologia eclesialística inconscientemente (Psicanálise), produto do materialismo histórico (marxismo).

As palavras são ideológicas, têm força e poder. Vamos citar exemplos político e religioso. Politicamente, a depender da ideologia de um jornalista, ele poderá titular sua reportagem “MST invade” (tom criminoso) ou “MST ocupa” (tom social). Pastores e padres chamarão a Bíblia de “sagrada”, de “palavra de Deus”. Um filósofo, jornalista ou historiador pode a chamar de palavra dos homens. Aqueles têm necessidade profissional ou de poder para sacralizar seu livro.

A ideologia utiliza recursos retóricos como as metáforas, hipérboles, ironias e os sentidos das palavras. Além destes recursos, a igreja tem 3 estratégias para fisgar e extorquir os fiéis: pelo medo, pela ambição e pela culpa. Pelo medo, ela prega as punições eternas, castigos e infernos. Pela ambição, ela mente que as

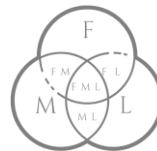


doações serem retribuídas em dobro aos fiéis. Pela culpa, ela submete seus fiéis a um processo de responsabilidade pelo pecado original. Todos nascem pecadores e devem submeter a igreja. Uma teologia infantil da gênese bíblica culpa Eva, e as mulheres, do pecado original. Dogma inquestionável que os fiéis acatam sem o mínimo de reflexão. Como culpar alguém por erro de outro? Em direito, toda pena é personalíssima, ou seja, apenas a pessoa do transgressor é quem paga.

Os cidadãos aceitam passivamente o discurso religioso, sem debate ou questionamento. O senso comum sustenta inconscientemente as ideologias eclesiásticas. Eles acolhem o poder religioso como certo, natural e de aceitação geral. Quanto menos evidente a ideologia, mas eficaz ela é.

O discurso ideológico tem estratégias como a legitimação. Ela estabelece como legítima e justa as relações de poder, as assimetrias sociais: pobre e rico, governante e governado, clérigos e fiéis. A universalização diz ser benéficos para todos, como o slogan: Brasil, um país de todos. Fragmentação isolam infiéis e não partidários, apresentados como uma ameaça ou inimigo ao bem-estar geral. Ex. as elites de Lula e o inferno para os infiéis. Coisificação é a técnica para eternização do domínio. A ideologia oculta e obscurece as causas reais. A eternização do poder. Estas são algumas técnicas e falácias para legitimar a eternização do poder político e eclesiástico.

Em vez da razão, as igrejas atuam nos sentimentos humanos, principalmente no medo, culpa e ganância. Realmente, as religiões promovem uma espécie de terrorismo emocional para manter seus fiéis. Sem resolver o problema do mal, o usam em um mentiroso dualismo universal, céu e inferno. “Quem não for fiel à igreja, não dar o dízimo irá queimar eternamente no inferno”. Esta

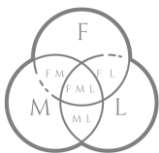


fala aterroriza os crentes que pagam dízimos e enriquecem as muitas igrejas. Interligado ao medo, está a mentirosa ideia do pecado original. Esta culpa veio de duvidosos personagens bíblicos sem qualquer ligação com o Ocidente. Adão e Eva teriam cometido tal pecado e nós teríamos herdado tal culpa por isto. Isto é de uma injustiça sem limites. Difícil engolir este deus que os homens criaram e muito longe de um Deus que criou os homens.

Também interligado ao medo e a culpa está a ganância que juntos são como um silogismo. A culpa é a premissa maior. O medo é a premissa menor. O dinheiro é a solução. Se formos culpados pelo pecado original, temos medo de ir para o inferno, então nós devemos pagar para a igreja e assim seremos ricos aqui na terra como no céu. A ideologia religiosa quer poder na terra e para isto precisa de dinheiro. Dinheiro, poder e fama estão intrínsecos. Líderes religiosos são celebridades e possuem muito, mas muito dinheiro.

Outra crítica relevante contra a religião é a intolerância para com as outras religiões. A verdade para um crente, não o é para um não crente ou fiel de outra religião. Um sistema teológico exclui todos os outros. Logo, as religiões são exclusivistas (deus e a verdade é só de cada uma delas) e imperialistas (devem buscar fiéis de outras religiões, alguns até com emprego de violência). Assim, nesta perspectiva, as religiões não são universalistas, pois em verdade são sectárias.

Em razão destes paradoxos, estudiosos e pensadores negam a religião e o mundo metafísico. Eles usam a biologia que prega a evolução (um mundo em transformação) para contestar o criacionismo que prega uma ordem fixa. Além deste, a ciência cita também outros paradoxos. A origem das religiões tem muitas narrativas e pouco consenso. Freud usa uma abordagem

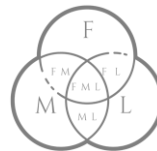


psicológica e assevera que tal origem vem da neurose coletiva para contornar o mal. Abordagens político-sociais falam em um mecanismo de alienação. Antropólogos teorizam que a alternância entre vigília levou caçadores-coletores aos conceitos de alma e espíritos. Hodiernos biólogos evolucionistas vão relacionar as religiões a um gene específico da espiritualidade, mas não sabem qual.

Embora neguem a metafísica religiosa, estudiosos modernos, ainda assim, defendem as crenças como um modo de amenizar o medo e a dor humana. As narrativas religiosas seriam necessárias psicologicamente. Igualmente, alguns pensadores e teólogos vêm a igreja como um grande engodo, mas também alguns creem na necessidade desta pseudoverdade chamada igreja. Ela funciona como um conforto emocional e espiritual. Tipo placebo, funciona porque seus adeptos acreditam.

Apesar de buscar uma ordem divina, as religiões e suas narrativas sagradas perderam força. No livro “A Condição Pós-moderna”, o estudioso francês Jean-François Lyotard descreveu a atualidade como um período pós-moderno sem crenças nas grandes narrativas. Estas seriam metanarrativas do passado que explicariam a existência da vida e do universo. Ele estaria pensando em narrativas como a bíblia e também filosofias como o iluminismo e marxismo, entre outros.

Com virtudes e defeitos, os animismos, as mitologias e as religiões pregam um mundo físico e um mundo metafísico em interação. Todas têm sabedoria. Porém, as grandes narrativas e as religiões perderam espaço para as ciências, devidos a seus dogmas que não permitem uma evolução do pensamento.

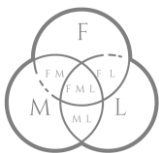


5. A Ordem Física

A narrativa científica para existência do universo e da vida começa pela física. A teoria mais aceita é denominada Big Bang, momento de nascimento da trindade de objetos da física, matéria-tempo-espaço. A matéria passou um processo físico que levou bilhões de anos, gerando o nascimento de estrelas e a criação de elementos complexos. Nosso planeta Terra formou-se no Sistema Solar há mais de 4 bilhões de anos. Durante o processo de resfriamento da Terra surgiu a vida. A química e a biologia entram em campo para tentar explicar a vida e sua origem. A vida evoluiu e passou pela aprendizagem coletiva, pela revolução agrícola e, modernamente, pelas revoluções industriais e tecnológicas com o apoio da computação. Depois da física, química e a biologia, a sociologia passa a estudar a vida em sociedade. Para estas ciências, a vida é algo no tempo-espaço, seguindo o paradigma da física.

Eis uma apertada síntese da grande história do universo. Em geral, a ciência descreve o fenômeno observado, mas não explica o porquê da existência do fenômeno, o que o causa. As leis são pontos de partida para as perguntas existenciais. Vamos explorar a existência partindo da física.

Antes da Grande Explosão, não havia matéria, não havia tempo, não havia espaço, não havia a Física. Existia apenas o Nada para a física. O Nada disse para o Acaso: faça-se o Big Bang. O Big Bang foi feito. A matéria foi feita. O tempo foi feito. O espaço foi feito. A física passou a existir. A física é a ciência do estudo da matéria por excelência. Estuda desde as partículas atômicas até as grandiosas galáxias. Ela deveria ser o conhecimento e a ciência

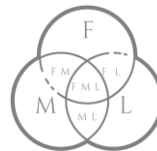


mais indicada para explicar a existência do universo. E ela explica, mas parcialmente. A astrofísica vai nos levar ao início do universo, o início da matéria-tempo-espaço. A teoria do Big Bang vai demonstrar a origem única de todo universo. Antes, o Nada existencial.

Hoje, tudo que existe no universo veio da explosão inicial do universo, ocorrida há cerca de 13,7 bilhões de anos atrás. Tudo estava estranhamente microscopicamente condensado num tempo-espaço encurtado no momento do Big Bang. Este autor, você leitor, meu pé de coco, seu cachorro que já morreu, a lua, todas as galáxias, tudo veio desta explosão inicial. Porque isto aconteceu, a ciência não sabe dizer, mas isto não é mistério para as religiões. A ciência tem problemas com o “porquê” e pode apenas dizer o “como” isto aconteceu.

Há outras teorias concorrentes do Big Bang, mas esta é a mais aceita e popular. Desde a explosão inicial até a atualidade, esta história cósmica costuma ser dividida em limiares por estudiosos. Estes limiares são pontos relevantes da narrativa existencial do universo e da vida. Estes pontos de virada são explicados em termos de sorte, acaso, acidente e forças cegas pela ciência tradicional. O Big Bang, a criação do universo seria o primeiro limiar e a criação da vida outro limiar.

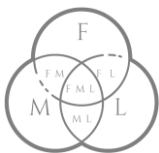
Inicialmente, a astrofísica investigou a criação do universo. Frações de segundos após a explosão do Nada, nasceram as subpartículas dos átomos: os quarks e os glúons. Depois, surgiram os elétrons, prótons e nêutrons. Em seguida, nasceu o átomo de hidrogênio. Este átomo é o mais simples, composto de apenas um elétron, um próton e um nêutron. Naturalmente, o segundo átomo mais simples veio depois: o hélio com dois elétrons, dois prótons e dois nêutrons.



A explosão inicial ainda criou um pouco de lítio, mas o Universo esfriou e parou a produção de átomos pela fusão nuclear do Big Bang. Num segundo limiar, a quase totalidade do universo era de hidrogênio, que aglutinou e passou a criar as estrelas. Estas ficaram com a incumbência de produzir os demais átomos. A gravidade vai aglomerar o hidrogênio dentro das estrelas e a ação da gravidade vai promover o processo de fusão nuclear. Consequentemente, estas fusões produziram (ainda produzem) outros átomos. O resto de átomos da tabela periódica são formados pela aglutinação e fusão no interior das estrelas. Este processo de fusão nuclear ocorre até hoje e isto resulta em enorme energia que faz as estrelas brilharem.

Assim, a fusão do hidrogênio no interior das estrelas serve de matéria-prima para criação de elementos mais pesados, como oxigênio (que com hidrogênio forma a água) e carbono (base para todas as moléculas complexas ligadas o metabolismo). O processo de fusão continua até a estrela explodir, formando a supernova. Este fenômeno dispersa elementos pesados pelo espaço. Vale dizer, cada átomo de nosso corpo foi formado dentro de estrelas e disperso pelas várias supernovas. Astrofísicos e astrônomos dizem que somos poeira estelar.

Narradores da Grande História do Universo vão dizer que a formação de estrelas é o segundo limiar. A formação de elementos complexos dentro das estrelas seria o terceiro limiar. A formação da Terra seria o quarto limiar. Há cerca 9 bilhões de anos, o Sol formou-se no interior da Via Láctea. Gravitando em torno dele, a Terra e os outros planetas do Sistema solar eram poeira, enriquecida com elementos pesados. Perto de 4,5 bilhões de anos atrás, a Terra formou-se ao lado de um conjunto de planetas que circulam em torno do Sol por causa da gravidade. Desde a explosão

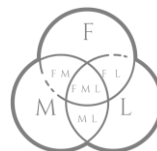


inicial até hoje, o universo continua em processo de expansão, astros deslocando no tempo-espaço. A trajetória destes corpos pelo universo revela padrões demonstráveis pela matemática. Esta ordem física vai ser percebida e matematizada por Isaac Newton.

Sir Isaac Newton praticamente modelou a física clássica. Ele vislumbrou ordem na movimentação de coisas pequenas (maças) e grandes (planetas) de todo universo. A ordem física demonstra padrão e isto leva a uma harmonia e estabilidade do sistema cósmico. Físicos e matemáticos buscam padrões na natureza. A obra de Newton “Principia” (1687) demonstra leis do movimento da mecânica clássica, algo no tempo-espaço, e configura a ordem física. Ele utilizou equações matemáticas para explicar tais fenômenos naturais. Suas três leis em forma de equações matemáticas embasam a movimentação dos corpos tanto pequenos quanto grandes como os planetas e estrelas. Estas três leis descrevem a dinâmica dos corpos, atuação de forças nestes corpos e prevê as posições destes corpos em função do tempo.

1ª Lei de Newton, a Lei da Inércia: “Todo corpo continua em seu estado de repouso ou de movimento uniforme em uma linha reta, a menos que seja forçado a mudar aquele estado por forças aplicadas sobre ele.” Em outras palavras, esta lei diz que se nenhuma força atua nos objetos em repouso ou movimento uniforme com velocidade constante, tais objetos tendem a continuar em repouso ou em movimento uniforme. Vale dizer, se o objeto está parado, continua parado; se o objeto estiver em movimento uniforme sem aceleração, ele continua em movimento uniforme sem aceleração caso não haja forças atuando sobre o objeto.

2ª Lei de Newton, conhecida como Lei da Superposição de Forças ou como Princípio Fundamental da Dinâmica, é assim

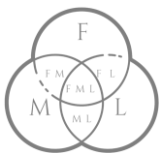


proposta: “A mudança de movimento é proporcional à força motora imprimida e é produzida na direção de linha reta na qual aquela força é aplicada.” Esta lei vai explicar a aceleração.

3ª Lei de Newton, Lei da Ação e Reação: “A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade: as ações mútuas de dois corpos um sobre o outro são sempre iguais e dirigidas em sentidos opostos”. Essa lei diz que todas as forças surgem aos pares: ao aplicarmos uma força sobre um corpo (ação), recebemos desse corpo a mesma força (reação) com mesmo módulo. Essa lei permite-nos entender que, para que surja uma força, é necessário que dois corpos interajam, produzindo forças de ação e reação. Além disso, é impossível que um par de ação e reação se forme no mesmo corpo. Outra informação contida no enunciado da Terceira Lei de Newton indica que os pares de ação e reação têm a mesma intensidade, mesma direção, porém sentidos opostos.

Notem que a física clássica e a astrofísica tratam da interação de forças em objetos que repercutem no tempo-espaço. Toda a física busca descrever algo no tempo-espaço. O objeto de estudo desta é uma trilogia: matéria-espaço-tempo. Em outras palavras, todo sistema físico é algo no tempo-espaço. A abordagem da física e também de matemáticos busca de padrões para poder enquadrar em leis, em equações, em matemática para prever o futuro. A física descreve fenômenos naturais do passado para o futuro linearmente. Da mesma forma, a astrofísica também vai falar de matéria-tempo-espaço como algo no tempo-espaço.

Além da observação, a ciência depende da matemática. O pensamento científico desenvolveu-se com Copérnico, Galileu, Descartes e Newton. A observação empírica tomou força. A experimentação permite a comprovação do conhecimento. A realidade deve ser submetida à observação empírica e depois ser

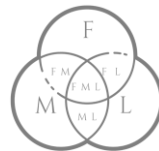


mensurada pela matemática. A matemática toma posição central na ciência. Teorias científicas exigem linguagem matemática, apesar da natureza da matemática ser desconhecida pela ciência. Temos um paradoxo aqui. Estudiosos não entendem como a matemática atinge até o mundo criado pela mente humana, como negócios e finanças. A ciência costuma dividir a realidade em natural e artificial, como se o homem não fizesse parte da natureza. Realmente, o universo é regido pela matemática até aquele produzido pela mente humana.

Fazendo coro, Platão e Pitágoras já exaltavam a matemática há milênios atrás. Pitágoras via números em tudo, em todos e eles regiam a harmonia do cosmo. Platão localizou a matemática no mundo das ideias eternas. A matemática, localizada no mundo metafísico, fora do tempo-espaço seria o conhecimento supremo da existência. Determinado os axiomas, $2 + 2 = 4$, independentemente do tempo, espaço e do mundo físico. Esta equação não é conhecimento empírico, mas sim abstrato e lógico. Logo a matemática pertence a algum mundo metafísico. Ela não é uma ciência autônoma como pensam alguns, mas o instrumento de todas as ciências.

Mesmo entre cientistas, a matemática ganhou lugar especial. Galileu acreditava que ela era a linguagem de Deus. Para entender o Universo e Deus era só entender a matemática. A autoria divina da matemática chocou com a ideia de autoria divina da Bíblia, pois as equações matemáticas retiraram a Terra do centro do universo. Galileu teve que desdizer o que disse para não queimado na fogueira santa.

Na mesma época deste italiano só que na França, Descartes une álgebra e geometria, alargando o poder da matemática. Cientistas, estatísticos e economistas hodiernos

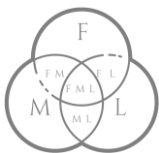


trabalham com a geometria analítica. Tal ideia possibilitou a aplicação da matemática em um enorme campo de estudo. Newton embarcou nesta ideia, equacionou as leis basilares da mecânica e descreveu o movimento dos planetas. Ele ligou a Terra com o universo e colocou os dois sobre a autoridade da matemática. A ciência ganha autonomia e separa da filosofia, apesar da filosofia sempre estar lado a lado com a matemática.

O triunfo da matemática nas ciências físicas atraiu seu emprego nas ciências biológicas, humanas e sociais. Estatística e probabilidade foram os instrumentos para as novas ciências lutar contra o acaso e calcular as possibilidades de resultado. A economia, o esporte e outras atividades sociais têm base nestes dois entes matemáticos. Isto leva a ideia de quantidade para as ciências sociais. A matemática seria a linguagem da natureza e também a linguagem do homem.

Nesta vibe, o conhecimento científico passa exigir objetividade, focar no objeto de estudo em oposição ao sujeito. O sujeito do conhecimento deve se afastar e controlar o objeto do conhecimento para não influenciar a pesquisa. Esta deve permitir a prova de experimentação por outros cientistas, possibilitando teste posterior que demonstre a precisão. Ou seja, a ciência tem que ser quantitativa e testável para que experiências posteriores nas mesmas condições possam reproduzir a mesma quantidade. As leis estão inscritas na natureza, o conhecimento positivo é determinista.

Esta metodologia científica exige um caminho para resultado. Inicia com a hipótese, uma suposição preliminar sobre uma série de observações. Ela é criada inicialmente para explicar um fenômeno. Posteriormente, ela deve ser testada em condições controladas, para confirmar ou confrontar a hipótese. Para

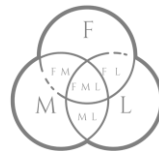


embasar uma teoria sólida, os resultados matemáticos destes testes devem ser os mesmos, depois de repetidas vezes.

Enraizada no conhecimento, a ciência atinge a glória no século XIX com o positivismo e o evolucionismo. As ciências naturais passam a ter mais aplicação na prática. A filosofia perdeu a supremacia e passou ser um anexo da ciência. Quase todos os objetos de estudo tradicionalmente da filosofia transmigraram para as ciências como a política, a ética, a psique, liberdade, igualdade, entre outros. O idealismo e até mesmo o racionalismo perderam força para o empirismo e realismo numa disputa ideológica e estéril.

Todavia o pensamento positivista enfraqueceu no século passado. As ciências tiveram dificuldade quando o sujeito passou a ser objeto do conhecimento nas ciências humanas, possuidor de consciência e subjetividade. Da mesma forma em todas as ciências, o sujeito do conhecimento também é um ator neste cenário e submete sua pesquisa a seu pensamento. Esta subjetividade acaba influenciando sua pesquisa. Advém a se falar em objetivação da subjetividade. A ideia de lei e determinismo perde força nas ciências humanas que podem apenas falar em tendências.

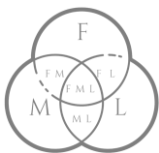
Depois das ciências humanas, a física também passou por uma mudança de paradigma ao perceber sua limitação. As subpartículas do átomo tinham comportamento estranho e não determinista. Em seguida, as teorias do caos e da incerteza enfraquecem o determinismo e a ideia de lei. A física moderna assevera a impossibilidade de prever o resultado de todo experimento. A física quântica desconsiderou o determinismo para empregar a probabilidade.



Em continuidade das limitações da física, seus objetos de estudos passam por problemas ontológicos com física quântica. A eletrosfera do átomo tem 99,99% de vazio. Ou seja, a matéria é um grande vazio. A dualidade onda-partícula da física quântica questiona a existência da matéria. Enquanto a partícula subatômica tem massa, posição no espaço e forma definida, a onda não tem massa, nem posição espacial, nem forma definida. As ondas são perturbações e têm algumas propriedades como transportar energia no espaço, mas sem características comuns com as partículas. O tempo e espaço eram fixos com Newton, relativos com Einstein e sofrem com sua existência na física quântica.

Apesar destas reviravoltas científicas, a matemática permanece irretocável dentro da ciência. Mas a natureza da matemática é paradoxal para a ciência que faz vista grossa. Para nós, a matemática tem natureza metafísica, pois não possui nenhum dos elementos da trindade física, matéria-tempo-espaço. A matemática não tem substância e funciona igualmente em qualquer tempo-espaço. A ciência gosta de dizer que ela é abstrata, mas que tem aplicação prática em todo conhecimento. Ainda assim, não se questiona a existência da matéria-tempo-espaço, objetos da física, como se questiona a existência dos objetos da matemática e da linguagem.

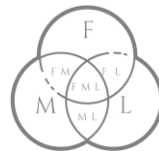
A ontologia da matemática e da linguagem questiona a existência de objetos matemáticos e linguísticos. A filosofia da matemática e da linguística moderna tende a negar a existência de tais objetos. Os objetos de estudo das ciências são materiais e aparentemente fáceis de definir. A medicina estuda o corpo humano. A biologia, a vida. A sociologia, a sociedade. A química, os elementos da tabela periódica. A física, a sua trindade. Mas o que estuda a matemática e a linguagem? Quais os seus objetos de



estudo? Nós advogamos a existência de objetos matemáticos e linguísticos como números e equações, palavras e frases. Tais objetos existem, pois eles são objetos metafísicos, caracterizam sistemas que pareiam quaisquer objetos e sistemas físicos.

Desde a revolução cognitiva a dezenas milhares de anos atrás, a existência é um vai-e-vem entre a física e a metafísica. Linguagem é a capacidade de criar uma realidade imaginada com palavras. Quando a linguagem é utilizada na comunicação, nós temos uma metafísica em interação com a física. Nosso conhecimento é um indo e vindo entre matéria e mente. A nossa realidade é então um vai-e-vem entre o mundo físico e o mundo metafísico. Nosso pensamento e nossa língua são puras abstrações, sem substância e com tempo-espço diluídos. Igualmente, a matemática quando pensada e/ou raciocinada, nós temos uma atividade puramente metafísica. Agora, quando ela é utilizada para medir e quantificar objetos, nós temos a metafísica aplicada à física.

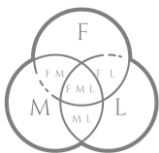
Além da falta de solução para este problema da natureza da matemática, o conhecimento ainda enfrenta outros problemas cósmicos. A física busca padrões na natureza, enquadra estes padrões na matemática, vislumbra leis naturais e prevê o futuro. Aqui, a física enfrenta dois problemas que nós chamamos de legitimação da ordem estabelecida e natureza destas leis naturais. Quem estabeleceu estas leis? Como acessá-las pelos sentidos? Onde estão escritas estas leis? Apesar de serem leis físicas e regularem objetos materiais, não as vemos explícitas na natureza. Não podemos também as ver, cheirá-las, tocá-las, saboreá-las e nem mesmo ouvi-las, mas temos que processá-las na mente, um mundo metafísico. A lei gravidade e sua aceleração não estão escritas na natureza, mas devem ser processadas mentalmente. Neste sentido, tais leis são leis metafísicas e não físicas.



Para a primeira questão, façamos uma analogia com as leis humanas modernas. Juridicamente, a ciência do direito usa a metáfora fonte ao se referir de onde vêm as leis. O direito geralmente resolve o problema da legalidade com um processo político. As leis devem vir de uma autoridade legal e representativa dentro de um sistema democrático. O povo elege seus representantes parlamentares que lhes permitem produzir leis para regulamentar o comportamento humano a partir de padrões morais, sociais, econômicos e culturais. Estas leis são sancionadas pelo chefe do executivo e passa a valer para todo cidadão. A legitimidade destas leis dá uma ordem, estabilidade e harmonia para a sociedade. Igualmente, as leis físicas dão uma ordem para o universo.

A física e as ciências em geral vão defender que estas leis naturais não vêm da autoridade do homem ou de deus, mas vêm da autoridade da Natureza. Algumas religiões naturais fazem eco com esta ideia. Aqui, nós vamos enfrentar a questão da natureza desta “Natureza”, com o perdão da redundância. A ciência costuma vislumbrar o homem fora desta Natureza e tudo que ele produz é “artificial”, como se o homem não fizesse parte da natureza. Seria esta “Natureza” uma entidade com inteligência, pois as equações têm inteligência? Se sim, como a natureza autoproduziu as suas leis? Se não, como todos os sistemas e suas leis vêm do Nada? A física não faz a menor ideia. As religiões resolvem a questão da legalização das leis naturais com a metafísica, com a ideia de uma inteligência primeira, com um ato de vontade de um deus. Todavia, fazem isto com os mitos e de forma infantil.

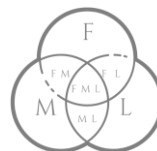
Esta questão da natureza das leis físicas passa pelo metafísico, pois tais leis são processadas pela mente, uma base metafísica. A ciência se diz empirista-materialista, vale dizer, para



existir tem que ser possível ver, cheirar, degustar, ouvir ou tatear o objeto de estudo. Ela aciona os sentidos para serem experienciadas seus objetos. Mas como fazer isto com as leis de newton? Elas não estão escritas em lugar nenhum, mas sim processadas mentalmente pela matemática e pela linguagem, instrumentos metafísicos. Desde a revolução cognitiva, melhor dizendo revolução metafísica, o pensamento é um indo e vindo entre física e metafísica.

Então as leis físicas, em verdade, são leis metafísicas. Nossa origem é metafísica, nossa natureza é metafísica, a linguagem e a matemática são metafísicas. A metafísica é ilimitada. A matemática e a linguagem são ilimitadas. A linguagem humana tem abertura que permite, a partir de poucas regras, elaborar uma infinidade de frases com diferentes significados. Podemos consumir, armazenar e comunicar infinitas informações sem limites de tempo-espaço-matéria. Exemplificando, podemos representar uma narração: eu vi um cara armado matar outro, 30 dias atrás, na fazenda de seu José. Esta narração pode ser mentira ou verdade, mas sendo uma ou outra ela só existe metafisicamente na mente do autor da narração e, em seguida, do ouvinte. Note que ele volta 30 dias atrás e pode contar a história longe da fazenda citada. Tal narrativa volta ao passado em outro espaço, longe do evento em si. Diferentemente, a física vive o tempo-espaço linearmente.

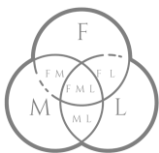
Apesar da metafísica ser ilimitada, a física tem limite. Segundo a ciência, a existência da vida e o universo rumam inexoravelmente em direção a extinção. Aqui, a ciência faz coro com as religiões apocalípticas. O Sol está cada vez mais quente e em um bilhão de anos estará tão quente que não permitirá a vida, pois não haverá água. Isto, se antes o homem não se autodestruir com guerras e bombas atômicas. O apocalipse final vai ser causado



pelo Sol. Ele vai virar uma supernova, uma explosão, mas restam ainda 5 bilhões anos de existência do Sol.

Noutro giro, o universo tem muitas estrelas e continua fabricando novas estrelas. O homem poderia colonizar outros planetas, outras estrelas, outras galáxias. Mas mesmo avançando na tecnologia espacial, o apocalipse virá. O universo está em expansão e, assim, rumo à diluição. Esta diluição esgotará a energia e o universo estará morto. Assim o universo é algo que veio do Nada e para o Nada voltará. O universo é uma existência entre 2 Nadas para a ciência.

Desde Newton, a ciência vislumbra uma ordem física no universo, mas esta ordem pode ser extinta. Enquanto a física prega forças cegas do universo, a biologia vai pregar uma evolução cega da Vida.

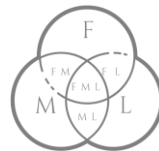


6. Ordem Biológica

Depois de estruturada a ordem física da grande narrativa científica, surge a ordem biológica. Igualmente a ordem física, a ordem biológica tem origem única. A evolução dos estudos da genética nos levou a relevante constatação das semelhanças entre todos os seres vivos. As bactérias contribuíram com parte de nossos genes. Animais, plantas, amebas, bactérias e vermes, tudo tem a mesma e única origem biológica. Parte da teoria evolucionista de Charles Darwin realmente é válida. Os seres humanos têm um código genético comum, uma espécie de linguagem biológica e universal da vida.

Nosso planeta tem cerca de 4,5 bilhões de anos, enquanto a vida surgiu na Terra há cerca de 3 ou 4 bilhões de anos. Para explicar o nascimento da vida, a biologia vai falar de acidentes, acaso e fatores de sorte, igualmente a física. Com muita sorte, a Terra formou-se em uma exata distância do Sol para a vida, o que favoreceu o estado líquido da água. A vida biológica vem da água e esta permitiu um “sopão primordial” que deu origem à vida. Um acaso cósmico de sorte foi a colisão da terra com um asteroide. Os destroços e a gravidade permitiram a formação da lua. A lua age como um contrapeso, estabelecendo a rotação da Terra e impedindo oscilações catastróficas no clima, permitindo a vida.

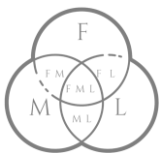
Outros acidentes de sorte para a vida ocorreram. A Terra era uma esfera de fogo, mas esfriou. Os metais mais pesados deslocaram para o centro e formou um núcleo rotacional. Estes acontecimentos formaram um campo magnético na Terra. Este magnetismo nos abriga da radiação solar. Júpiter, maior planeta do



Sistema Solar, tem o raio 11 vezes maior que a Terra. Em razão desta admirável dimensão, Júpiter tem uma enorme gravidade que atrai a maioria dos meteoros errantes. Este fato deixa o planeta Terra protegido contra asteroides. A vida seria inviabilizada na Terra sob chuva de meteoros. Entretanto, um destes asteroides errantes passou pelo sistema gravitacional de Júpiter e atingiu a Terra. Esta catástrofe promoveu a extinção dos dinossauros e a evolução dos sortudos mamíferos. Outro golpe de sorte, uma mutação aleatória de uma primata vai separar uma linhagem que vai originar o homem. O homo sapiens vai reinar absoluto dentre outras linhagens que irão extinguir misteriosamente. Dentre outros fatores cósmicos, se um único destes acidentes e golpes de sorte não tivesse ocorrido, não haveria história humana. Não teríamos ordem físico-biológica e nem estabilidade. Todos estes fatores aleatórios permitiram a vida biológica.

Acidentes, acasos e sortes organizaram “inteligentemente” este “sopão primordial” citado para que desse origem a vida. O conteúdo orgânico e o inorgânico são produzidos dos mesmos átomos, mas a ciência não sabe como e nem porque isto acontece. Como a matéria é animada pela vida? Em laboratório, a ciência não consegue transformar a matéria inorgânica em orgânica. A ciência não explica como uma substância inanimada de repente se transforma em uma coisa viva. Os cientistas acreditam – eles também têm fé - que tudo começou com uma molécula mágica que armazena genes. Ela se juntou ao acaso com as proteínas para formar a primeira célula, uma vida.

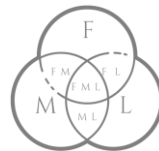
Entretanto, explicações científicas como seleção natural, auto-organização, moléculas ingênuas não conseguiram explicar estes ajuntamentos para a formação da vida. Uma explicação a partir de uma evolução química é cega. A ciência não tem uma



solução material para origem da vida. Muitos químicos acreditam que a vida surgiu espontaneamente ao acaso, como golpe de sorte a partir de misturas de moléculas na terra pré-biológica. Como, eles não fazem a menor ideia, já que as probabilidades não são favoráveis. A chance de uma química cega formar uma única proteína é ínfima, improvável e beira o impossível. A improbabilidade aumenta muito mais quando se considera que uma célula bem simples tem centenas de tipos de proteína. Ainda, tem o DNA com cálculos estatísticos elevando a improbabilidade. Então, a origem da vida para a ciência biológica passa por uma série fenômenos improváveis da natureza.

A biologia atribui à vida, tudo o que vive hoje, resultado de uma molécula de DNA, oriunda a 2 ou 3 bilhões de anos de atrás. Por acidentes, esta matriz produziu seres tão distintos por “defeitos” de fabricação. Seu sistema de cópia do código genético de uma geração para outra tem falhas. Assim, sempre surge uma mudança nas letras do DNA. Depois de algumas centenas de milhões de anos, animais e plantas se espalham pela Terra. Numa evolução magnífica, surge uma linhagem de primatas que donde vai surgir o homem. Há cerca de 3 milhões de anos atrás surge o gênero homo. Há cerca de duas ou três centenas anos, de uma linhagem não muito clara, surge os Homo Sapiens, seres humanos anatomicamente modernos. O homem passa pela aprendizagem coletiva, pela revolução agrícola e pela revolução industrial. Hoje estamos aqui noutra revolução, a tecnológica.

Para a ciência oficial, estamos aqui depois inúmeros “golpes de sorte”. Alguns destes golpes de sorte, os estudiosos chamam de limiares. Após a explosão inicial de sorte do universo, segue outras explosões estelares. Desta série de explosões estelares, fez surgir uma estrela, o Sol, mas que tem um planeta de

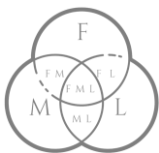


sorte, por estar a uma distância de sorte do Sol, Júpiter e da Lua. Neste planeta, surge um oceano que contém um “sopão” de sorte, donde surgiu a vida. A vida espalhou pela terra, evoluiu e surgiu o homem por sorte, depois que uma catástrofe atingiu o planeta. Entre um limiar e outro, há incontáveis acasos. A vida vem desta grande quantidade de “golpes de sorte”. A ciência, ainda, não explica como uma substância inanimada de repente se transforma em uma coisa viva. Também não explica a expansão da vida de forma prodigiosa.

Igualmente a física, a biologia busca padrões na natureza, vislumbra leis naturais e prevê o futuro. Igualmente a física, a biologia enfrenta dois problemas que podemos chamar de legitimação da ordem estabelecida e a natureza destas leis. Quem legitimou estas leis? A Natureza ou Deus? Onde estão estabelecidas estas leis? Na matéria ou fora dela? Fazemos novamente uma analogia com as leis humanas modernas. Estas geralmente resolvem o problema da legalidade com um processo político. As leis devem vir de uma autoridade. A legitimidade destas leis dá uma estabilidade, harmonia e ordem para a sociedade. Igualmente as leis biológicas dão uma ordem estável para a vida e as leis físicas dão ordem para o universo.

A biologia e as ciências em geral vão advogar que as leis naturais não provem da autoridade de um homem ou de deus, mas emanam da “Natureza”. Mas qual a natureza desta “Natureza”? Seria esta “Natureza” uma entidade com inteligência que se autorregula? Como a natureza autoproduziu as suas leis? Com um ato de vontade?

Não é comum a biologia enfrentar estas questões, mas a questão da natureza das leis biológicas também passa pelo metafísico, pois tais leis são processadas pela mente, uma base

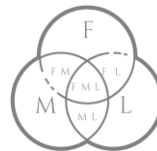


metafísica. As leis biológicas estabelecem padrões para regular a vida, mas não vemos tais leis explícitas na natureza. Não podemos também cheirá-las, tocá-las, saboreá-las e nem mesmo ouvi-las, mas temos que processá-las na mente. A lei da evolução não está escrita na natureza, mas pode ser vislumbrada mentalmente. Neste sentido, as leis biológicas, assim como as leis físicas, são leis metafísicas e não físicas.

Além da questão insolúvel do surgimento da vida para a biologia, ela também não encontra solução para a natureza da consciência. Esta é física ou metafísica? Como o cérebro gera a consciência? Em verdade, este imbróglio biológico da consciência é a questão metafísica. Toda vez que a ciência materialista enfrenta uma questão metafísica, ela entra numa rua sem saída.

A consciência parece ser indissociável da personalidade. Duas teorias disputam a explicação da formação da personalidade. Uma biológica e outra social. A biológica vai pregar que a personalidade tem origem na hereditariedade. No século XIX, o antropólogo inglês Francis Galton correlacionou personalidade e hereditariedade. A personalidade seria transmitida hereditariamente. Ele era primo de Darwin e inovou com o conceito de eugenia. Esta seria uma espécie de seleção artificial originada da teoria darwiniana da seleção natural. Com a descoberta da estrutura do DNA, a hereditariedade ganhou adeptos e diversos estudos aprofundaram nos genes.

No entanto, ainda não existe correlação plausível entre genes e os traços psicológicos humanos. A hereditariedade física é visível, mas a personalidade ou a consciência dos filhos é na maioria das vezes completamente diferente dos pais e dentre eles. Os filósofos foram os primeiros que abordaram a questão da influência do ambiente na constituição da personalidade. Para o

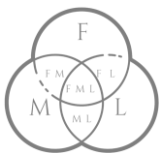


inglês John Locke, a mente nascia como uma folha em branco que ia sendo moldada ao longo da vida da pessoa pelo ambiente. Para o francês Jean Jacques Rousseau, o homem nascia puro, contudo era corrompido pela sociedade.

Psicólogos também advogavam esta tese fervorosamente. O psicólogo americano John Broadus Watson estabeleceu o behaviorismo nos Estados Unidos. Originado do substantivo inglês behavior, que é traduzido para o português como comportamento, o behaviorismo tem explicação cultural ou ambiental para o desenvolvimento do comportamento humano. Também para o psicólogo Burrhus Frederic Skinner, a conduta está ligada aos fatores ambientais. Ele introduziu o conceito de condicionamento operante. Em seu livro “Ciência e Comportamento Humano”, ele criticou o pensamento hereditário, acreditando que tal pensamento obscurece as variáveis que estão ao alcance de uma análise científica. Estas variáveis estariam na história ambiental e fora do organismo.

Como se vê, a polêmica é forte, mas pode piorar. Além da consciência, Freud estudou e adotou o termo subconsciência. Esta seria o local onde habitariam os desejos reprimidos. Ele usou a metáfora pop do iceberg para explicar a consciência e a subconsciência. A consciência seria a parte visível do iceberg e o subconsciente seria a parte submersa do iceberg. Esta explicação teórica não encontra relação com a realidade, pois a ciência ainda não sabe nem mesmo onde fica a consciência, superfície do iceberg, que dirá do subconsciente.

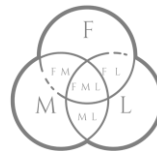
A psicologia deveria ser autoridade lógica para explicar a consciência, pois “psique” veio da mitologia grega, em contraposição da física, para representar a alma humana. Vale dizer, a psique deveria valorizar a metafísica em detrção da física.



Porém, a psicologia sem a base mecânica “não seria vista como uma ciência”. Neste sentido, sentimentos como amor, paixão, empatia, felicidade são apenas resultados de mecanismos materiais de hormônios como serotonina e dopamina. Esta ideia permite que cientistas acreditem numa possibilidade de fabricar hormônios sintéticos para criar o amor, a felicidade. A psicologia atua neste credo e não têm interesse existencial. Realmente, o corpo e o meio influenciam a consciência, mas eles são físicos, enquanto a consciência é metafísico, algo externo a eles. A consciência manipula a matéria pela vontade.

Em um vídeo da internet, uma professora desenhou a representação de uma dopamina (neurotransmissor, uma substância química do autocontrole) no quadro negro (verde, na verdade) e sentenciou: “isto aqui é algo físico, não é metafísico, não é espiritual”. Vamos discordar filosoficamente. Do ponto de vista físico, ela apontou para um quadro com desenhos e não para a dopamina em si. Do ponto de vista linguístico, a representação da dopamina é algo metafísico e não físico. Em seguida, ela afirmou que existe um monte de substâncias químicas cerebrais responsáveis pelas emoções, como medo, raiva. Não negamos a influência física no metafísico, da mesma que o metafísico influencia o físico, pois eles estão em constantes interações. O erro é quando se nega a existência metafísica.

Outra ciência moderna que se prontificou a desvendar a consciência foi a neurociência. O cérebro é visto como usina de energia. Ele seria uma máquina elétrica e química. A neurociência colocou eletrodos na cabeça das pessoas, percebeu uma movimentação elétrica e pronto! Acreditou que conseguiu desvendar a consciência com um mapeamento desta atividade elétrica no cérebro de acordo com determinados comportamentos.

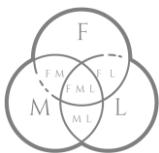


Vale dizer, estudar a consciência pela neurologia é implantar eletrodos na cabeça humana e mapear o cérebro, conforme registre atividade elétrica nos neurônios de acordo com os comportamentos produzidos.

No entanto, estes próprios cientistas perceberam uma propriedade do cérebro: a plasticidade. Acidentes em pacientes que perderam parte do cérebro demonstraram que tal mapeamento não é absoluto. Determinada parte do cérebro não danificada recebia atividades elétricas que antes cabiam à parte danificada. A divisão tradicional do cérebro, sendo o lado esquerdo ligado à razão e o direito ligado à emoção, deve ser reconsiderada devido à versatilidade cerebral.

Muito além disto, os modernos instrumentos neurológicos, como ressonância magnética e tomografia computadorizada, não acessam o conteúdo da consciência, somente acessível ao “dono” dela. Se acessarmos a consciência a partir da mesma consciência, contraria métodos científicos consagrados e, assim, não tem como explicar cientificamente a consciência. Esta é transcendental e limita a ciência mecanicista. Imbróglios científicos, como este e como a natureza da matemática, acontecem todas as vezes que a ciência investiga a realidade, acreditando que ser um estudo 100% físico, menosprezando a metafísica.

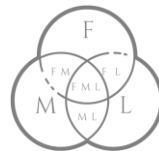
Com esteio no pensamento científico materialista, se o cérebro em uma evolução biológica cresceu e nesta oportunidade criou a inteligência, então cérebros maiores deveriam ser mais inteligentes. Seguindo esta premissa, elefantes, baleias e até golfinhos deveriam ser mais inteligentes que os humanos. Sabemos que não é assim. Ainda, se alegarem a proporcionalidade entre o peso do corpo e o peso do cérebro, também haveria exceção na



natureza. O corvo da Nova Caledônia tem o cérebro proporcionalmente maior que o do homem mediano.

Outra questão polêmica da consciência é a defesa do determinismo extremo sem liberdade inicial pela ciência que gera o problema da responsabilidade. Se a consciência não tem liberdade de escolher, como podemos culpar alguém pelos erros. Toda ação seria reflexo da causa e efeito dentro de mecanismos biológicos. Se não há liberdade na causa, como tribunais de justiça do mundo inteiro podem condenar os criminosos. Assim, a questão da responsabilidade não é enfrentada pela biologia. Comportamentos antissociais como homicídio e estupro seriam comportamentos naturais como ocorre no mundo animal. Não existe o “certo” e o “errado” no mundo animal-vegetal. Quando o leão degusta uma zebra, ele o faz pelo imperativo categórico da alimentação e sobrevivência. Não há implicações morais na biologia.

Em socorro ao cientificismo e a humanidade, searas do conhecimento como as religiões, a ética e a ciência da direito trabalham como o certo e o errado. Na mesma onda de regulamentar comportamentos, as religiões também oferecem padrões universais de conduta para seguir sua moralidade. No Ocidente, a decálogo bíblico é o mais popular. Para regulamentar mandamentos das religiões cristãs, Deus teria criado os homens livres e iguais. Por causa da filiação divina, o homem seria dotado de direitos humanos. Oriunda desta ideia, a ordem social afirma ter origem em princípios universais como liberdade e igualdade. A Constituição Federal do Brasil, similarmente a Declaração de Independência Americana, prega em seu preâmbulo a existência de Deus. Este Deus criou os homens iguais e livres. O direito de igualdade das leis vem da ideia de igualdade do cristianismo. Este

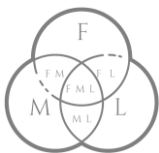


defende uma alma de origem divina e todas as almas são iguais e livres perante Deus.

A biologia vai dizer que as pessoas não foram criadas por um deus, não são iguais e nem têm liberdade. Elas evoluíram e a evolução não é para ser igual para todos. A liberdade é um ideal político e não um fenômeno biológico. Não existem direitos de igualdade e liberdade na biologia que acredita em um processo evolutivo cego e sem propósito para a vida e o universo. A biologia vê apenas células, órgãos, habilidades, características biológicas. Os pássaros voam não porque têm direitos, mas porque tem asas. Em contraposição a ordem biológica, a ordem imaginada humana leva a uma sociedade estável e próspera, a uma ordem estável.

Neste sentido as ciências do direito, as filosofias da ética e as religiões vão funcionar com princípios diferentes da biologia. Podemos escolher entre o bem e o mal. A escolha do bem nos leva a um propósito. Defendemos, não só os direitos humanos, mas também os direitos da vida. Defendemos o espírito humano. Sem a ética, o direito e a religião, nós passaríamos para uma barbárie e a valeria o aproveitamento máximo da vida. O vale tudo pelo prazer extremo. Crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. A busca pelo poder ilimitado e a luta de Hitler estão justificados. Pedofilia está justificada num universo sem finalidade. A vida tem propósito e a criação foi em termos de evolução e de mérito, não pronto e acabado como quer a gênese bíblica.

Vamos usar a matemática para fazer contraponto a biologia e ao pensamento científico. Desde a Grécia antiga, o principal método matemático é o axiomático-dedutivo. Este método elabora um conhecimento ao estabelecer verdades não demonstradas (os axiomas); isto gera outras verdades por meios lógicos (interação lógica). Os axiomas derivam consequências

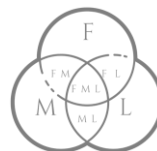


lógicas e deterministas. Euclides demonstrou este método em sua obra “Os Elementos”. O método axiomático-dedutivo virou paradigma e modelo para toda a matemática.

Depois da crise das geometrias não-euclidianas, a liberdade ganhou força na declaração dos axiomas. Antes, os axiomas eram considerados auto evidentes e eram rígidos. Agora, os matemáticos ganharam liberdade para escolher os axiomas. O número zero pode ser ou não ser considerado um número natural. Mas depois de definidos os axiomas, as interações lógicas são deterministas, os teoremas são absolutos. Este método lógico pode ser percebido em toda matemática. Depois de definidos o conjunto de números e operadores, a interação entre eles é lógica. Você pode escolher somar, subtrair, dividir, multiplicar os números inteiros 10 e 5, 4 e 2, 13 e 3 ou quaisquer outros números. O que é isto senão liberdade de escolha. Mas, se você escolher subtrair $13 - 3$, já não há mais liberdade, mas determinismo ou, no caso, igualdade.

Então, liberdade e igualdade são compatíveis. Um não exclui o outro e nem o outro exclui o um. A causa e efeito funcionam também no mundo biológico em forma de liberdade e determinismo. Você pode escolher plantar arroz ou feijão. Aqui temos a liberdade de escolha. Mas se escolher plantar arroz, vai colher arroz. Aqui temos o determinismo. Como dizem os espiritualistas: a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória.

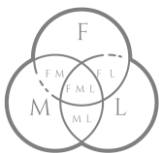
Contudo, físicos e biólogos gostam de ver a vida em termos de determinismos materiais, mas não em termos de determinismos cósmicos. A ordem biológica pura é incompleta, pois nos leva a uma evolução cega. A biologia também contém padrões que revelam uma ordem biológica. A física é a interação entre objetos inorgânicos. A biológica é a interação entre a vida. O imperativo biológico contém forças (instintos) atuando na vida,



demonstrando padrões e garantindo a perpetuação da espécie. Imperativo é um adjetivo que significa ordem e determinação. Alimentação, reprodução e a sobrevivência são imperativos biológicos. A genética comandaria estas forças. O homem ainda tem resquícios destas forças. Levantamos instintivamente o braço quando somos atacados ou algo vem em nossa direção.

Entretanto, até quando esta força biológica atua? Quanto o imperativo biológico deixará de agir? Há um plano oculto? Para nós, o imperativo biológico atua plenamente até a chegada do pensamento abstrato, ou melhor, até a chegada da metafísica. Entre os animais, a caça é natural para alimentação e sobrevivência do outro. A pena de morte no mundo dos homens, antes tão comum e natural, é hoje tão combatida e negada, contrariando o imperativo biológico e cedendo ao coletivo. A sociedade, esse coletivo em sua evolução, continua enfraquecendo imperativos biológicos. Ainda, o homem vive os imperativos biológicos. Como os animais, ele tem que alimentar, reproduzir e sobreviver. Na natureza não há imediatismo, tudo é um processo.

Neste sentido, imperativos culturais estão superando imperativos biológicos rapidamente. Desde as cavernas, o homem já utilizava a representação simbólica, demonstrada pelas pinturas rupestres. Isto iniciou a superação dos instintos e preparou o homem para o pensamento mitológico. Em seguida, vieram os pensamentos religiosos e filosóficos sobre uma ordem metafísica. A ciência assumiu o pensamento humano. A física e a biologia vislumbraram uma ordem material na existência, enquanto as ciências sociais promoveram a ordem social.

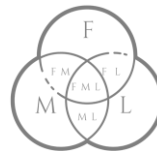


7. A Ordem Social

O homem vive em sociedade e está preso a uma série de relações. Estas relações podem ser de família, amizade, profissional, comércio, moral, direito, de religião. Para evitar o caos, estas relações são padronizadas e obedecem a uma ordem social. As liberdades são limitadas e condicionadas à determinismos legais em prol do bem comum. As religiões, a moral e as leis humanas buscam regulamentar o comportamento humano para estabelecer uma ordem, mas muitas vezes se confundem.

A ciência do Direito Penal descreve relevantes comportamentos mais danosos como crimes, quando um indivíduo atenta contra a vida, a integridade física, a liberdade de outro indivíduo. Com lastro na liberdade de escolha (causa) e no determinismo do efeito, o direito penal responsabiliza os infratores pelos crimes com as penas privativas de liberdade (prisão), multa, cassação de direitos (apreensão da CNH, proibição de concorrer em concursos públicos e eleições). De um prisma biológico, as normas penais não se baseiam em instintos biológicos, mas na crença em uma ordem imaginada pelo homem. Ou seja, uma ordem metafísica.

Localizada no tempo-espço, a moral regula a cultura de povo no que diz respeito ao certo e errado, ao bem e ao mal. A título de exemplo, ceder uma cadeira em um ônibus para uma grávida ou um idoso é uma regra moral do nosso povo. Isto não é norma jurídica, pois a lei não obriga ninguém a ceder seu lugar. Não é norma religiosa, pois nenhuma religião obriga ceder o lugar. Agora, esta regra moral é limitada no tempo e no espaço. Ou seja,

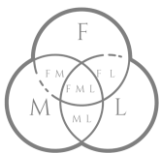


ela pode deixar de existir no futuro (se inexistir ônibus) e pode não ser obrigação moral em outras localidades.

Igualmente, a ética centra-se no certo e no errado. Ora ela foca os princípios, ora ela foca a caráter, ora ela foca o fim. A ética que centra nos princípios é chamada de Deontologia. Esta tem o radical grego “deon” que significa dever. A execução das obrigações é inquestionável ainda que o resultado prejudique alguém. Fazendo contraponto, o utilitarismo prevê as consequências positivas da escolha. O fim justificaria os meios. Já a ética da virtude busca o subjetivismo do caráter. A Ética, disciplina da filosofia, estuda a moral. O objeto de estudo dela são a natureza, finalidade, justificativa e princípios fundamentais das normas morais. A moral e a ética sempre envolvem escolhas e decisões que atingem o próximo para o bem ou para o mal. Por isto, toda profissão tem um código de ética, muitas vezes escrito, que regula o profissional com relação aos colegas e aos cidadãos.

De forma semelhante, as religiões regulam o comportamento dos fiéis em relação ao Criador e à sociedade. A Teologia estuda as divindades, doutrinas e crenças das religiões. Para a teologia ocidental e cristã, a fé é a virtude maior. Pecado é a prática de ilícito divino contrário à lei eterna, pois causa ofensa a Deus. Esta ofensa produz uma sentença divina: o envio da alma pecadora ao inferno. Este tem uma ideia de fogo eterno. Adão e Eva praticaram o pecado original, descumpriram a proibição divina de não comer o fruto da árvore do conhecimento. Na verdade, uma maçã. Deste modo, o pecado original para os cristãos condenou toda a humanidade. Mas Jesus nos salvou, diz algumas religiões.

A Inquisição, fundada no final da Idade Média, foi um tribunal estatal-religioso para obrigar os fiéis a acatar todos os



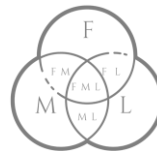
dogmas católicos. Utilizava-se penas cruéis, torturavam para confessar pecado, condenavam os “infiéis” a fogueira. O fogo simbolizava a purificação, configurava a ideia de desobediência a deus e ilustrava a imagem do inferno. Este tribunal tinha natureza política e atuava em toda Europa e fora também. O direito canônico não era nada simpático.

Felizmente isto mudou. No Ocidente, os preceitos de natureza religiosa, de natureza moral e de natureza jurídica procedem de fontes diferentes. Quando contrariados, provocam uma sanção diferenciada ao infrator. Os preceitos religiosos têm origem extra-humana, quando violados provocam uma sanção “divina”, nesta ou em outra vida. Hodiernamente, não há mais um tribunal estatal-religioso para julgar os fiéis. As leis religiosas são internas e não têm mais autoridade estatal para impor aos fiéis alguma conduta.

Os preceitos morais ou éticos, apesar de ainda serem discutidos pelos filósofos, têm origem e uma sanção dentro da consciência humana. Podem também produzir uma sanção administrativa no caso de infração a códigos de ética profissionais.

As regras jurídicas procedem do poder soberano do Estado. Quando violadas, o ofendido recorre aos tribunais que condenam o infrator. Se este resistir, aplica-se a força. As leis jurídicas indicam aquilo que na sociedade “deve ser”. Por isso, o direito é chamado de ciência do deve-ser, ao contrário do mundo material que apenas “é”. Estes conceitos estão na filosofia do direito de Kelsen. A moral e as religiões também são sistemas normativos do mundo do deve-ser.

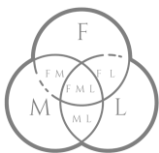
A moral, a religião e o direito, como são normas de conduta, apresentam um campo comum. Cada uma destas



disciplinas, no entanto, apresenta áreas próprias e exclusivas. Podemos citar algumas diferenças: a moral tem um campo de ação mais amplo do que o do direito; a moral se preocupa com o fórum íntimo do indivíduo, enquanto que ao direito interessa apenas a ação exterior do homem; o direito, em regra, estabelece sanções mais concretas e imediatas. Diferentemente da moral e das religiões, o direito verifica-se uma estrutura escalonada de normas que, ao final, perfazem uma unidade. Milhões de leis desembocam em poucas regras constitucionais. Explicando: no direito, uma norma indica a formação doutra, bem como seu conteúdo. Daí o escalonamento em que uma norma constitui o fundamento doutra.

Para sedimentar a ideia, vejamos uma diferenciação prática entre moral, religião e direito no Decálogo bíblico. Este contém normas religiosas, mas quatro dos dez mandamentos bíblicos interessam tanto ao direito, como a moral. São eles: homicídio, furto, adultério, falso testemunho. Além desses, outros três interessam também à moral: não desejar a mulher e a casa do próximo, honrar o pai e a mãe. Os outros são bajulações a Jeová e interessam apenas às religiões.

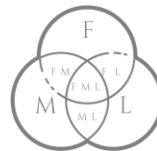
Estados teocráticos não oferecem distinção entre direito, moral e religião. Nestes países, o poder político, moral e religioso se confunde e seus líderes regulam todos os aspectos da vida humana. Eles intrometem na vida sexual das pessoas, na alimentação, vestuário, até o que se pode ouvir, ver e falar. Tais interferências são em nome de um deus, mas tais líderes não tem procuração divina. As teocracias suprimem a liberdade, igualdade, democracia e até direitos humanos. Existe apenas deveres em nome de um deus. Hodiernamente, a maioria dos estados é laica (separação de estado e de religião). A secularização foi um processo lento, mas manteve, via de regra, a liberdade religiosa e o



pluralismo religioso. Porém, alguns estados de esquerda aniquilaram as religiões.

O direito, a moral, as religiões também querem padronização de comportamento. O direito regula o comportamento, visando uma padronização, assim como as religiões e a moral que regula a sociedade através dos usos e costumes. Mas não só elas, a gramática também é padronizada/normatizada pela academia, pelos escritores, pelo governo, pelos usos e costumes. A beleza também é padronizada pela mídia, pela sociedade. A ABNT normatiza suas normas técnicas. A academia da ciência também padroniza seus trabalhos. Em nossa casa, padroniza-se o comportamento pessoal e da família. A liberdade é condicionada as regras e a responsabilidade. Enfim, a padronização estabelece uma ordem social e visa uma unificação dentro da diversidade.

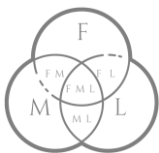
A física e a biologia buscam padrões na natureza, generalizar e estabelecer leis para poder prever o futuro. Dado um estado inicial, o estado seguinte é consequente do primeiro. Similarmente, a ciência do direito, a ética e as religiões padronizam o comportamento social. Assim estabelecem uma ordem social e podem prever o futuro. Padrões demonstram que se soltar um objeto ao ar, ele vai cair. Nós podemos prever isso. Esta ordem física reflete na ordem social. Esta proíbe matar uma pessoa. Então, via de regra, podemos sair de casa e passear pelas ruas da cidade sem que ninguém venha nos matar. Céticos vão alegar que a ordem social apresenta exceções. É verdade. Mas, mesmo na ordem física podem ocorrer exceções. Um balão de hélio vai subir em vez de cair. Parapsíquico com o uso da telecinesia pode segurar algo no ar, senão na vida real, pelo menos no mundo do cinema.



De um prisma individual, o homem também vai estabelecendo padrões ao estar inserido em uma cultura. Ele escova os dentes diariamente, mas alguns vão escovar os dentes antes do café da manhã, enquanto outros preferem escovar depois do café. As leis naturais dão estabilidade a realidade material e previsão de futuro. Igualmente, as leis humanas dão estabilidade à sociedade, pois permite prever o comportamento de todos os humanos. As chamadas leis humanas são consideradas não naturais ou artificiais, como se o homem não fizesse parte da natureza e pudesse se isolar.

Enquanto, a física e a biologia enfrentam dois problemas que nós chamamos de legalização das leis e a natureza destas leis, o direito, a ética e as religiões têm solução para estas questões. O acesso intelectual a tais leis não está no mundo sensível, mas no mundo imaginado e acessado através da razão. A ordem social é regulamentada pelas leis humanas. Mas quem regulamenta as leis ditas naturais? Se perguntar para as ciências biofísicas, quem estabeleceu as leis naturais e onde estão escritas estas leis, a física e a biologia vão falar em natureza. A natureza se auto regulamentaria? Esta natureza é uma entidade consciente que regulamentou as leis naturais? Se não, natureza, o acaso e o nada se misturam. Se sim, temos a natureza como um outro nome para a palavra deus.

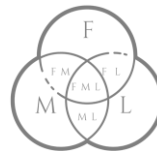
As leis humanas geralmente resolvem o problema da legalidade com um processo político. As leis devem vir de uma autoridade. O povo elege seus representantes parlamentares que lhes permitem produzir leis para regulamentar o comportamento humano a partir de padrões morais, sociais, econômicos e culturais vigentes. Estas leis são sancionadas pelo chefe do executivo e passa a valer para todo cidadão. A legitimidade destas leis dá uma



estabilidade, harmonia e ordem para a sociedade, igualmente as leis biológicas dão uma ordem estável para a vida. As religiões monoteístas vão dizer que as leis vêm da autoridade de Deus. Este é o Criador de tudo e de todos. Sendo assim, ele impôs suas leis que estão escritas num livro sagrado, ditado por Ele. O decálogo teria sido escrito em pedras diretamente por Ele e as outras leis seriam inspiradas por Ele, apesar de ser escrita pelo homem.

A biologia e a física vão advogar que as leis naturais não provem da autoridade de um homem ou de deus, mas “emanam da natureza”. Não se sabe o que estas ciências querem dizer com isto, mas é certo que a natureza das “leis naturais” é metafísica. Tais leis não são acessíveis pelos sentidos, pois não se veem tais leis, não se ouve tais leis e nem se cheiram tais leis. Inicialmente, a observação de método científico necessita dos sentidos humanos. Depois, os dados sensoriais viram informação metafísica que interage com outras no sistema intelectual e resultam em representações metafísicas, sejam linguísticas ou matemáticas.

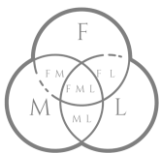
A questão da natureza das leis biológicas e físicas também passa pelo metafísico, pois tais leis são processadas pela mente, uma base metafísica, com instrumentos igualmente metafísicos como a linguagem e a matemática. Apesar de estabelecer padrões e regular a vida, as leis biológicas não estão explícitas na natureza. Não podemos também cheirá-las, tocá-las, saboreá-las, tateá-las, vê-las e nem mesmo ouvi-las como gosta a ciência empirista, mas temos que processá-las na mente, temos que interpretá-las metafisicamente. A lei da evolução não está “escrita” na natureza, mas podem ser vislumbradas mentalmente. Neste sentido as leis biológicas, assim como as leis físicas são leis metafísicas e não físicas.



Além desta problemática, a ciência também enfrenta o problema da responsabilidade. Para a ciência determinista, a consciência não possui liberdade de escolha. Toda ação é reflexo da causa e efeito dentro de mecanismos biológicos. Assim, a questão da responsabilidade não é enfrentada pela biologia. Comportamentos antissociais como homicídio e estupro seriam comportamentos naturais como ocorre no mundo animal. Não existe o “certo” e o “errado” no mundo animal-vegetal. Quando o leão degusta uma zebra, ele o faz pelo imperativo categórico biológico da alimentação e sobrevivência.

Até quando funciona o determinismo biológico? O dualismo causa-efeito na biologia funciona naturalmente até a chegada do livre-arbítrio, quando funciona o dualismo existencial. A existência de algo envolve a negação. “Ser ou não-ser”. No reino animal, a alimentação e a reprodução funcionam como causa e efeito, sem poder de escolha. Diante da comida, o animal come, se não é comida, não come. Diante de uma fêmea no cio, o macho pratica o sexo. Diferentemente, o homem pode escolher fazer um jejum ou uma dieta em vez de comer o alimento. Quanto ao sexo, o homem pode escolher não fazer sexo em razão da castidade ou quando não quer a reprodução de filho.

Com a chegada do livre-arbítrio, a causa e efeito continuam vigorando. A liberdade de escolha atua apenas na causa que gera um efeito obrigatório. A melhor parábola de inspiração bíblica é a da sementeira e da colheita: você pode escolher plantar arroz ou feijão, mas depois da escolha não se muda o efeito; se plantar feijão vai colher feijão. A escolha do bem e do mal funciona metaforicamente na colheita. Plante o bem e receba o bem. A ciência do direito vai responsabilizar as ações humanas danosas. Matar alguém é crime disposto no código penal em seu artigo 121

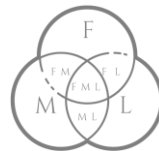


que também dispõe a pena privativa de liberdade para tal prática. Matar alguém é também um ilícito religioso constado no decálogo, mas a penalidade seria em um mundo metafísico ou no inferno religioso.

Ao contrário das ciências biofísicas, as ciências sociais e as religiões oferecem valores filosóficos universais em sua doutrina como a igualdade e liberdade. Para regulamentar mandamentos das religiões cristãs, Deus teria criado os homens livres e iguais. Por causa da filiação divina, o homem seria dotado de direitos humanos. Oriunda desta ideia, a ordem social afirma ter origem em princípios universais como liberdade e igualdade. A Constituição Federal do Brasil, similarmente a Declaração de Independência Americana, prega em seu preâmbulo a existência de Deus. Este Deus criou os homens iguais e livres. O direito de igualdade das leis vem da ideia de igualdade do cristianismo. Este defende uma alma de origem divina e todas as almas são iguais e livres perante Deus.

A biologia vai dizer que as pessoas não foram criadas e não são iguais. Elas evoluíram e a evolução não é para ser igual para todos. A liberdade é um ideal político e não um fenômeno biológico. Não existem direitos de igualdade e liberdade na biologia que acredita em um processo evolutivo cego e sem propósito para a vida e o universo. A biologia vê apenas células, órgãos, habilidades físicas, características biológicas. Os pássaros voam não porque têm direitos, mas porque tem asas.

Nesta toada, a ciência biológica gosta de ver a realidade em termos de determinismos biológicos. A vida seria uma máquina biológica entre 2 nada; o nada antes do nascimento e o nada depois da morte. Ela não entra na questão da responsabilidade. Se formos máquinas biológicas deterministas, não temos o livre-

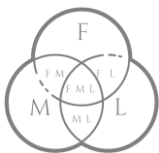


arbítrio. As regras, moral, ética não fazem sentido para a biologia. Então, como iremos punir máquinas? Se não existe liberdade de escolha, tudo está predeterminado. Tudo está justificado. Estupros, vícios, homicídios, genocídios estão justificados numa existência única e mecânica.

Desigualmente, as ciências da direito, as filosofias da ética e as religiões vão funcionar com princípios diferentes da biologia. Podemos escolher entre o bem e o mal. Defendemos, não só os direitos humanos, mas também os direitos da vida. Defendemos o espírito humano. Sem a ética, o direito, a religião, passaria a valer o aproveitamento máximo da vida. O vale tudo pelo prazer extremo. Crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. Tudo está justificado num universo sem finalidade. A vida tem propósito no final, mas tem um ato de vontade antes.

Os valores de igualdade e liberdade teve sua gênese na Grécia. Os gregos debruçaram sobre conceitos de igualdade e a democracia. Apesar do ideal de liberdade, este não valeria para escravos. Fundada em Atenas por Zenão de Cítio, o estoicismo buscou leis universais que regulassem tudo. Advogavam a dignidade do homem, possuidor de direitos inatos e iguais em todo mundo apesar das diferenças. Assim, defendiam a dignidade de escravos como a de um ateniense. A riqueza de uns não tinha importância para os estoicos, pois era algo externo e efêmero. Sêneca asseverou: "Lembra-te, com simpatia, de que aquele a quem chamas de escravo veio da mesma origem, os mesmos céus lhe sorriem, e, em iguais termos, contigo respira, vive e morre."

Racionalistas, os estoicos acreditavam que a razão universal (logos) leva ao conhecimento e tudo estava escrito na natureza. Eles eram cosmopolitas, pois todos os humanos

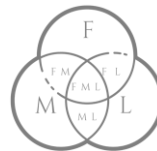


constituíam revelações do espírito universal. Pregavam a fraternidade, um deveria ajudar o outro e vice-versa. Os filósofos estoicos, em amor fraternal, ajudarem-se uns aos outros de maneira eficaz. Discursos notórios foram registrados. Epicteto afirmou: “cada ser humano é, primeiro, um cidadão da sua comunidade; mas também é membro da grande cidade dos homens e deuses”. Em sintonia com ele, Diógenes de Sínope disse: “Eu não sou nem ateniense nem coríntio, mas um cidadão do mundo”.

Mais de 2 milênios depois do ensinamento dos estoicos, uma entidade internacional (ONU) proclamou na Declaração Universal de Direitos Humanos: “todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. Esta declaração vale para todos seres humanos de nosso orbe. Todo homem tem dignidade e não pode ser submetido a escravidão. Cada ser humano tem sua individualidade e deve ser devidamente respeitada. A CF 88 vai replicar isto em seu artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Hodiernamente, a política e a justiça fundamentam sua estrutura nos valores de liberdade e igualdade. A ética também baseia na ideia estoica-cristã de alma livre e igual. A maior questão filosófica-política da humanidade hoje é falta de conciliação política entre igualdade e liberdade. Como ajustar o máximo possível de liberdade com o máximo possível de igualdade. Este é um dos valores do Anarquismo. Anarquistas dirão que muita igualdade sem liberdade é prisão e muita liberdade sem igualdade é injusto.

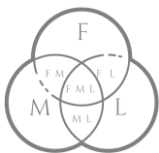
O valor igualdade é valorizado por grupos políticos que combatem a grande desigualdade entre ricos e pobres. Chamados



popularmente de esquerda, temos o socialismo, o comunismo e o anarquismo. Defendendo a liberdade, temos o chamado políticos de direita que pregam liberdade de empreender. Historicamente, vemos que a esquerda só produz riqueza para os governantes e a população é toda “igualada” por baixo, a maioria bem próximo da pobreza. Em oposição, a direita produz ricos em vez de produzir riqueza. A humanidade ainda tem o desafio de produzir “riqueza” para todos ao invés de poucos. Esta riqueza deve equacionar o mínimo de recursos para se ter o máximo de felicidade. O acesso ao conhecimento seria vital nesta equação.

A ciência e a biologia não vêm os valores da igualdade e liberdade na natureza. Entre outros estudiosos, médicos pesquisam o funcionamento do corpo humano e não encontram a alma. Mas encontram sinapses, hormônios e genes, mecanismos biológicos que “determinam” a conduta do homem. Sem um espírito por trás deste mecanismo, o livre-arbítrio seria descartado. As mesmas forças biológicas que determinam o comportamento de insetos determinariam a conduta do homem.

A ordem social não consegue conciliar seus maiores valores, mas a ordem metafísica concilia os valores liberdade e igualdade. Os valores igualdade e liberdade existem até matemática. Nós temos liberdade de juntar e interagir os números, mas esta interação vai produzir um resultado único. Temos a liberdade de adicionar o número 2 ao 3 e assim temos a igualdade em 5. Liberdade para escolher números e interação, igualdade ou determinismo no resultado. Esta liberdade e igualdade também estão na linguagem e na lógica. As ciências ditas biológicas não vêm a liberdade e a igualdade como valores naturais. Tais valores são de uma ordem metafísica.

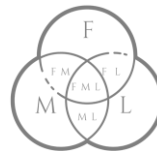


8. Da Física para a Metafísica

A humanidade está toda conectada, ela é uma só. A interação entre humanos é a nível do planetário. As pessoas viajam pelo mundo todo e consomem produto do mundo inteiro. São cerca de 7 bilhões de humanos, vivendo em interação. Existe poucas tribos indígenas isoladas, mas eles também sofrem interações indiretas em razão da degradação ambiental. No mundo animal, insetos como cupins, abelhas e formigas vivem em grandes grupos, mas a interação entre eles é meramente instintiva. Tais grupos vivem isolados de outros grupos, não há conexão entre grupos. Há alguns grupos de mamíferos que vivem em conjunto, mas não podem ser grandes grupos para própria sobrevivência em razão da carência de alimentação. Como o homem conseguiu esta façanha? Nós vamos advogar que esta conexão se deve a metafísica. A vida vai da física para a metafísica.

A teoria da evolução prega a origem humana vinda do macaco. Este é classificado primata, como nós. Macacos e seus próximos como chimpanzés vivem em pequenos grupos, comandados pelo macho alfa. Existe uma política para o posto de macho alfa com traços semelhantes a política humana. O macho alfa só consegue manter a harmonia social de cerca de uma dezena de seus pares ou um pouco mais. Grupos maiores geram brigas internas, quebram a ordem social e se dividem em grupos menores.

Da mesma forma que os animais, os primeiros humanos viviam em pequenos grupos, pois grupos grandes desestabilizavam a ordem social. Depois, houve outro aumento de membros de grupos em razão da revolução social. A prosa em torno da fogueira

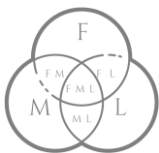


permitiu este aumento com a fofoca (conversa é metafísica) chegando a cerca de uma centena de indivíduos. Organizações maiores não eram possíveis, pois era difícil comandar, evitar brigas e rachas.

O sapiens superou este limite físico com o surgimento do animismo (mitologia, metafísica). Nossos antepassados podiam colaborar acreditando na mesma mitologia. A colaboração humana de grupos maiores se funda em mitos compartilhados que não existe fisicamente, mas só mente das pessoas. As religiões, estados, empresas, sistema jurídicos se fundam em imaginações compartilhados. O estado brasileiro, a religião católica, a empresa Fiat são produtos de nossa imaginação coletiva, uma ficção jurídica e religiosa. Estes não são um objeto físico, mas são construções sociais, realidades imaginadas e existem apenas em nossa mente.

Em seguida, houve um limiar que historiadores e pesquisadores vão chamar a Revolução Cognitiva, mas nós vamos chamar de Revolução Metafísica. O conceito de física e nosso conceito de metafísica vai colocar a cognição (memória, comunicação, aprendizado) dentro do conceito de metafísica. Os 3 atributos citados não possuem substância e diluem o tempo físico. Tanto a memória como o aprendizado e a comunicação podem ir no futuro e no passado instantaneamente. A física trabalha com o tempo linear. Uma flecha não volta no tempo depois de atirada.

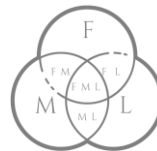
Antes, o homem nômade era caçador-coletor e vivia em pequenos grupos isolados. Ele passou a manipular o mundo vegetal e a adestrar o mundo animal, virou sedentário o que permitiu aumento significativo de membros. Ele fundou cidades e depois nações e foi para o topo da evolução da vida. A evolução humana é exponencial. A existência das primeiras espécies



humanas tem milhões de anos. A revolução industrial tem cerca de 2 séculos e vivemos em plena revolução informacional. Antes, a evolução era biológica, agora é mental, metafísica. Evolução biológica necessita de milhares de anos para uma mutação. Não existe uma explicação biológica para a revolução social. A convivência de grandes sociedades não é um imperativo biológico, mas metafísico. Historiadores como Noah, vão relacionar a cooperação em massa com mitos partilhados. A humanidade inventa histórias como mitologia, nação, empresas para evolução social. A ordem social com base em leis, ética e religiões se deve a metafísica e não a lenta evolução biológica.

O primeiro código escrito é o de Hamurabi. Ele estabelece a ordem social para fazer justiça com base em deuses. Estes apoiavam Hamurabi para ser o governante do povo. Assim, uma ordem superior governava a ordem social. Similarmente, a declaração de independência americana prega um deus americano e direitos humanos alienáveis. Da mesma forma, a lei maior do Brasil tem inspiração divina. Vejam o preâmbulo da constituição brasileira:

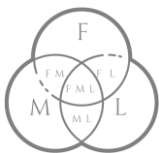
“Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.”



A constituição brasileira afirma, sem procuração, estar sob a proteção de Deus. Ela e o código de Hamurabi estabelecem leis para preservar a ordem social, com base numa ordem maior. Assim, todos acreditam ter as leis princípios maiores. O rol de direitos defendidos no preâmbulo pode ser sintetizado apenas em 3 direitos: existência, liberdade e igualdade. Existência é o direito à vida. No Brasil, a vida é um direito absoluto. Poucos países implantam a pena de morte pelo mundo. Este direito é fácil de entender. Já os direitos a liberdade e igualdade são aparentemente fáceis de falar e escrever, mas são profundos, muitas vezes difíceis de identificar e, principalmente, difíceis de conciliar.

O cristianismo prega a existência da alma humana de origem divina e todas seriam iguais. A biologia pensa diferente em termos de evolução, liberdade e igualdade. A vida não foi criada, mas evoluída. Não existe liberdade e nem igualdade. A seleção natural vai privilegiar o mais forte ou o mais habilidoso. A biologia também nega a existência da liberdade, pois a biologia ignora a ordem social. Hoje, sabemos que a ordem social defende o mais fraco do mais forte. Fragilidades humanas como as doenças são combatidas pela saúde pública. Uma ordem social busca estabilidade com polícia, justiça e ideais políticos como igualdade e liberdade.

A revolução francesa, em 1789, defendeu uma trindade de valores ideais: liberdade, igualdade e fraternidade. Ela inspirou a declaração universal dos direitos humanos, proclamada pela assembleia da ONU em 1948. Em seu artigo primeiro, ela diz: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” A fraternidade não chega a ser um mandamento legal, mas liberdade



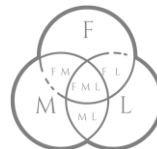
e igualdade são mandamentos legais. Eles são repetidos inúmeras vezes ao longo da declaração.

Desde então, a ordem política vê a igualdade e a liberdade como valores fundamentais, mas estes valores ainda são contraditórios. A elevação do valor igualdade tende a diminuir as liberdades e vice-versa. Desde a declaração dos direitos humanos, a política busca superar esta contradição. No Brasil, a política contemporânea gira em torno da polarização Bolsonaro e Lula, representantes do capitalismo x o socialismo. Se você brasileiro não escolher um deles, a culpa é sua do país não ser melhor. As pessoas confundem ideal com pessoal e os eleitores deles acreditam que os 2 líderes são salvadores da direita e da esquerda.

A política americana vive também em torno desta contradição. Os democratas são de viés socialista e querem mais igualdade social. Porém, isto restringe a liberdade financeira de gastar como quiser, pois implica em aumento de impostos para assistência social de pobres e enfermos. Os republicanos querem liberdade para consumir seu dinheiro como quiserem, mas isto implica em desigualdade social e de renda.

Na prática, a ideologia de esquerda privilegia uma pequena elite com riqueza e iguala todos na pobreza. A ideologia de direita gera riqueza, mas gera ricos e um grande consumismo estéril. A riqueza deve ser para todos, mas apenas para a sua evolução e não para um consumismo desenfreado que levaria a destruição do planeta.

Os ideais de existência, liberdade e igualdade são metafísicos e buscam a unificação da humanidade. Eles habituaram as pessoas a pensar e viver de forma igual, seguindo padrões e regras, chamado de cultura. Esta não é produto de evolução, não é

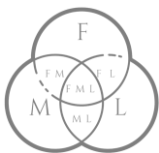


um instinto biológico, mas de uma ordem imaginada. A cultura humana compartilha o mesmo sistema geopolítico planetário. Nenhum país vive isolado e a crise de um deles pode afetar todos os outros. Não conseguimos conciliar os valores filosóficos de liberdade e igualdade. Este dilema gera conflitos e tensões em todas as culturas.

O paradigma da humanidade é ainda o paradigma de física. Para a física, a realidade é matéria-tempo-espaço, algo material no tempo espaço. Precisamos de um novo paradigma. Logo, vamos fazer uma abordagem racionalista. Nós vamos propor uma alternativa, nossa realidade é metafísica, sem matéria, sem tempo e espaço. Semelhantemente, a matemática também tem os valores fundamentais de liberdade e igualdade e tem problema existencial de seus objetos. A matemática é uma ordem metafísica e funciona de modo preciso com estes dois valores. A humanidade precisa entender a sua existência frente aos valores fundamentais liberdade e igualdade.

Há muito tempo, o homem busca explicações para a existência. Primeiro foram as narrativas mitológicas, em seguida as religiões com base em narrativas míticas. Modernamente, a ciência com base em seu método empirista tenta explicar o universo e a vida como algo no tempo-espaço. Estas searas do conhecimento promoveram um embate, mas as questões existenciais permanecem. De onde viemos e o que somos nós? O homem não quer só comida. Há milênios religiosos, filósofos, poetas e cientistas tentam responder estes enigmas da existência. No entanto, ainda não há uma resposta satisfatória.

O homem, em alguma fase de sua existência, faz as perguntas existenciais. Elas são denominadas questões existenciais por referir à vida e a sua existência. Os mitos foram os primeiros

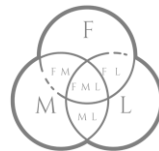


a responder tais questionamentos. Em regra, eles buscavam explicar o mundo físico através do mundo metafísico. O mundo físico é constituído de homens e o mundo metafísico é constituído de deuses que interferem no mundo físico.

A diversidade de mitos para explicar o mesmo mundo metafísico pode e deve ser questionada, pois os mitos é uma forma infantil de explicar a realidade metafísica. Mas, o mundo metafísico está em todas as culturas e povos. Assim, ele é universal e não deve ser negado. Os mitos de todos os povos e culturas sempre têm o mesmo conteúdo e forma narrativa. Apenas mudam os personagens e o contexto. A criação dos deuses, a criação do mundo, do homem e a relação conturbada entre homens e deuses. O mundo metafísico é universal e não deve ser negado.

As religiões apropriaram dos mitos e passaram a exercer poder sobre o mundo dos homens e do mundo metafísico. Com o tempo, a igreja transformou os deuses em santos. Estes personagens adotaram os poderes e qualidades daqueles. Os deuses pagãos eram bonitos, fortes e detinham superpoderes e influenciavam seus adoradores. Eles também inspiraram personagens bíblicos, os super-heróis da TV, das HQs, da Literatura. Também inspiraram os ídolos do esporte, música e cinema, sempre bonitos, fortes, saudáveis. Estes mitos modernos também influenciam seus fãs na moda, alimentação, lugares.

O homem tem necessidade de saber sua origem. Causa e efeito é um princípio cósmico inerente a vida e o universo. Entretanto, os pensamentos atuais e históricos não apresentam soluções, mas divisões. A física vai dizer que a nossa origem é única e o tudo veio com o Big Bang. Antes, existia o Nada. As religiões monoteístas também vão dizer que nossa origem é única, mas que viemos de Deus. Ambas pregam origem única, mas divergem

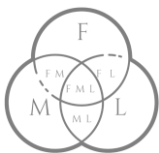


quanto a causa primária. Enquanto uma prega uma inteligência como causa primária, a outra prega o Nada e o Acaso como causas primárias. Isto gerou uma discussão filosófica-científica sobre a origem da vida: acidente ou design?

Nesta esteira, o conhecimento hodierno pode ser dividido entre os pensamentos físico e metafísico. O pensamento puramente físico ficou a cargo da ciência e o metafísico a cargo das religiões. Hodiernamente, a filosofia segue a ciência e se distancia da metafísica. A arte não possui um próprio conhecimento elaborado e se diverte com todos os pensamentos.

A ciência nega o pensamento metafísico. As variáveis da ciência na busca pela origem da vida são: matéria, energia, lei natural, irregularidades naturais, processo do acaso. Não se pode usar mente ou inteligência para explicar a natureza. Este pensamento ficou conhecido como materialismo científico. A vida seria uma evolução química cega. Uma química natural seria a explicação para a vida baseada no acaso. Porém, estatisticamente não existe possibilidade de o acaso ser o instrumento criador da vida. Nem mesmo teorias biológicas como a seleção natural e auto-organização não conseguem explicar a existência.

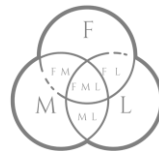
A ciência busca descrever a natureza e daí resulta o princípio natural. Ou seja, a ciência busca verdades em processos naturais. Com isto, ela quer dizer que o sobrenatural não interfere na natureza. Neste aspecto, a ciência tem razão. Realmente, mito e religiões exageraram em narrativas de intervenções divinas diretas na vida das pessoas. Até hoje, as pessoas rezam para seu time de futebol ganhar uma partida ou um campeonato e agradecem a um deus. Uma ordem superior não poderia admitir uma intervenção cósmica na vida das pessoas, pois a existência deve ser perfeita e não precisa de reparos ou emendas.



Esta mesma ciência dividiu o conhecimento em objeto e sujeito. Sócrates centrou no sujeito, buscava o autoconhecimento, o “conheça-te a ti mesmo”. Descartes também pregava o autoconhecimento a partir do sujeito: “Penso, logo existo”. Para eles, a filosofia deveria começar pelo sujeito. A revolução industrial, o positivismo, o pragmatismo levaram o pensamento para o objeto, para as coisas materiais e o consumismo extremo. O existencialismo ateu em nada ajudou o estudo do sujeito. O idealismo perde força para o realismo. A vida passa a ser vista como uma máquina.

Em sintonia com o materialismo, a teoria da evolução unificou mente e corpo e enfatizou a luta pela sobrevivência. Inspirou pensamentos materialistas e pragmáticos. Positivistas passaram a pregar a vida em termos biológicos e não metafísicos. O pensamento pragmático busca resultados, utiliza objetos e tecnologia para isto. O utilitarismo avalia os bens pelos números de usos. A teoria de Darwin enfatiza a luta pela vida, o mais apto é quem sobrevive. Mecanicistas acreditam em apenas uma base mecânica e material de todo evento e descartam a mente.

Para a biologia, a vida é uma máquina biológica. Ela é comandada pelo cérebro, genes e hormônios. Não existe uma alma conectada ao corpo. Não existe um espírito por trás da matéria. Não existe a metafísica. A vida é apenas uma máquina comandada pelo cérebro. Este é visto como usina de energia, uma máquina elétrica e química. Após o estudo de comportamentos diversos, observa-se a atividade elétrica dos neurônios. Vale dizer, estudar o cérebro pela neurologia é implantar eletrodos na cabeça humana e mapear o cérebro, conforme registre atividade elétrica em comportamentos produzidos.

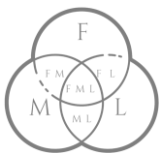


Como a ciência nega o mundo metafísico, uma resposta da química para a vida poderia ser assim: somos a reunião de 55% de água, 23% de carbono, 2,6% de nitrogênio, 1,4% de cálcio e 0,8 de outros elementos. A biologia poderia responder assim: somos 10 trilhões de células e mais outros 100 trilhões de seres estranhos a nós (bactérias, vírus). A física poderia dizer: somos um grande vazio, pois a eletrosfera do átomo é 100.000 vezes maior que seu núcleo. A biofísica poderia também dizer: somos sinais elétricos que enviam informações dos sentidos ao cérebro. A astrofísica diria: somos poeiras estelar.

Vida, para a ciência, é mais fácil identificar do que definir. Não existe uma definição de vida universalmente aceita pelos cientistas. Há apenas algumas características como reprodução, sobrevivência. Cientistas gostam de ver a vida como reações químicas. Amor seria apenas uma reação bioquímica para perpetuar genes. A biologia seria uma química viva. Entretanto, eles não sabem como é esta passagem da química para a biologia.

Para o cientificismo, a vida também estaria relacionada com eletricidade. Átomos e moléculas interagem eletricamente entre si. Forças químicas e físicas seriam responsáveis pela vida. Esta é uma perspectiva científica e mecanicista da vida. Mas, e a consciência? A ciência também não tem uma boa resposta, mas também reduz ao materialismo. O cinema pegou carona na onda científica e deu “consciência” às máquinas e um sem fim cinematográfico: Robocop, O Exterminador do Futuro, O Homem Bicentenário, Blade Runner, Chapie, Eu Robô, entre outros.

Esta ideia do homem como máquina o desumaniza e prejudica o pensamento da humanidade. Prejudica a busca pelo bem e o afastamento do mal. Prejudica a busca do ideal. As massas

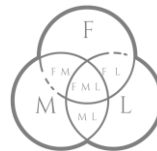


acabam por buscar a fé cega. A filosofia perdeu autonomia e segue a ciência. Porém, o verdadeiro filósofo busca a identidade, o “Eu” para a vida e pergunta: onde está o “Eu”? No cérebro, alguns dirão, mas especificamente na glândula pineal. Muito se discute sobre a função desta glândula, mas ela está ligada ao sono. Descartes afirma ser tal glândula o ponto de contato entre a alma e o corpo, assim com uma função transcendente.

Somos únicos, sem igual. Cada um de nós é único. Biologicamente, somos únicos, pois nossas digitais localizadas nas pontas dos dedos são únicas, pois não existem digitais iguais. Também nossas íris de nossos olhos são únicas. A probabilidade de encontrar íris iguais em seres humanos diferentes é praticamente 0. Também temos DNA único.

Psicologicamente, somos únicos. Nem mesmos os gêmeos univitelinos ou idênticos têm a mesma personalidade. Apesar de partilharem precisamente o mesmo DNA, estudos sugerem que os gêmeos idênticos podem apresentar personalidades completamente diferentes, ainda que criados na mesma família.

Socialmente, também somos únicos. Nós temos nomes, sobrenomes apelidos que vão nos diferenciar um do outro. No entanto, acontece de encontrar nomes iguais entre pessoas diferentes, mas possuímos diversos documentos que nos identificam sem iguais e usam a matemática, números, para nos diferenciar. Carteira de identidade, registro geral, CPF, passaporte são documentos emitidos pelos governos para confirmar a identificação das pessoas. Nestes são registrados os dados pessoais, como nome, data de nascimento, sexo, filiação, impressão digital, foto e assinatura com um número de identificação que vão reconhecer o cidadão.



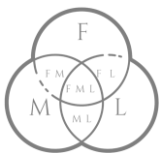
Além da unidade de identidade física, psicológica e social, a modernidade nos brindou com a identidade digital. O usuário eletrônico tem a liberdade de escolher um nome digital (login) e um endereço digital (e-mail). Notem que este mundo digital também é um mundo metafísico, sem substância ou matéria. O sistema binário utilizado pela eletrônica ora detecta uma corrente elétrica, ora detecta o nada para produzir palavras, números, imagens, sons, filmes, fotografias, gráficos, entre outros.

A pergunta “quem sou eu?” não chega a ser existencial, pois temos nome, endereço, número, profissão que nos identificam. A questão existencial é “o que somos nós?”

A ciência nunca terá uma resposta para o que sou eu, o que é a vida, quando começa e termina. Nunca responderão porque a matéria inorgânica se tornou-se orgânica. Nunca responderão o que é a consciência, pois estas searas não pertencem aos seus estudos e sim ao campo metafísico. Toda vez que a ciência tenta explicar materialmente o mundo metafísico, ela fica em uma sinuca de bico.

A neurobiologia tenta subordinar todas as ciências e a filosofia a seu paradigma. A biologia tenta subordinar as ciências humanas e sociais a seu paradigma. A física tenta subordinar a química e todas as outras ciências a seu paradigma, pois acredita (ela também tem fé) que seu trabalho com os elementos fundamentais da matéria pode identificar padrões e prever evoluções de qualquer sistema.

Entretanto, a neurobiologia não sabe dizer o que é a consciência e não acessa seu conteúdo. A biologia não sabe dizer o que é a vida e como a matéria inorgânica tornou-se orgânica. A física não sabe explicar a natureza da matemática e nem a sua

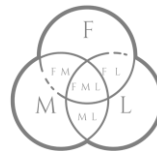


eficiência em representar a realidade material. Tais questões são da natureza metafísica e sem solução material. A abordagem científica e sua quantificação é um fantástico instrumento do conhecimento. Mas, negar outras formas de conhecimento, negar o pensamento racional, negar o mundo metafísico é ignorância.

Fazendo contraponto a ideologia da ciência, críticos chamam de cientificismo esta crença excessiva no método científico. Este neologismo é utilizado para criticar o reducionismo e excessos científicos. Ela é uma palavra pejorativa usada por filósofos e humanistas para criticar algumas ciências como a física, a biologia, a neurologia que acreditam reduzir tudo a sua ciência. Tais ciências desumanizam as pessoas ao tentar reduzir tudo a átomos, a células e a sinais elétricos do cérebro.

O objeto de estudo da ciência é o todo, a totalidade da realidade, compreender todo o universo. Mas a ciência nega o mundo metafísico. Apesar de ser, digamos, embaçado este universo metafísico, as religiões o pregaram em todos os tempos e espaços. Assim, podemos dizer que ele é universal, pois existe em todos os tempos e lugares. Ele sendo universal, não estaria a ciência negando a realidade?

A ciência, então, não estuda o todo. Por que ela não estuda o todo? Porque o método científico é voltado para o exterior do mundo e não para o interior do sujeito. A própria ciência dividiu a realidade em sujeito e objeto: aquele que conhece e aquilo que é conhecido. O objeto de estudo da ciência segue o paradigma da física, é a matéria no tempo-espaço. O método empírico científico busca o conhecimento do mundo físico e exterior, mas não do mundo interior, o mundo metafísico.

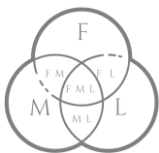


Neste sentido, a psicologia baseou equivocadamente no método científico ao estudar a psique, a alma, o “eu” ou sujeito do conhecimento. Embora Sócrates dissesse há quase 2.500 anos “conheça-te a ti mesmo”, assim com ênfase pleonástica no “eu”, a humanidade não resolveu a questão existencial. A observação do mundo exterior tem a autoridade da ciência. Todavia, o mundo interior não está nos sentidos, no sistema nervoso e nem mesmo no cérebro. Imagine um carro: ele tem vários sistemas: de freio, de aceleração, de energia, refrigeração, segurança. Mas quem comanda ele, tenha ele uma central de computador ou não, é o homem. É algo externo a ele que é apenas um instrumento. Da mesma forma, o corpo é apenas um instrumento a serviço do “eu”, do espírito ou qualquer nome que o leitor quiser dar.

Tanto a biologia quanto a física pregam forças cegas no comando do corpo e do universo. A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos como quer a ciência. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico de integração no universo. As perguntas existenciais ainda continuam para filósofos, cientistas, artistas e religiosos. Eles continuam tentando explicar o enigma da existência.

Na esteira das forças cegas, a ciência apresenta uma versão conhecida como “Universo Acidental” ou “Universo Absurdo”, o universo é um acidente, a vida é um acidente, e não existe um objetivo consciente por trás do que ocorre no mundo. Existimos em um cosmo sem objetivo, frutos de forças brutas e somos um evento raro e não um ato premeditado.

Porém, se estamos ou não vivendo uma grande realidade simulada é uma pergunta a qual a ciência não pode dar uma boa resposta. É possível que esta realidade material seja uma grande

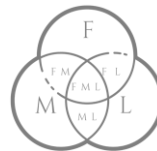


ilusão. Na verdade, esta é uma questão filosófica clássica. Ou seja, a Matrix é aqui. O universo menos palpável não nos é estranho. Com a linguagem, podemos nos referir a fatos, objetos ausente, passados, futuros, hipotéticos e mesmo abstratos. Com a matemática, podemos criar mentalmente antes de realizamos materialmente.

Quando falamos, estamos criando em nossa mente uma outra realidade. A realidade virtual, paralela, metafísica e ao mesmo tempo longe da real. Todos percebem o mundo biologicamente da mesma maneira. Entretanto, cada indivíduo tem um sistema particular de valores. O mundo que acreditamos viver é um simulacro do real que passa pelos filtros biológico e ideológico. Esse mundo que existe na mente do homem (universo paralelo) criado pela linguagem. Isto é o que chamamos de visão do mundo.

A ciência se diz empirista (materialista), vale dizer, para existir tem que ser possível ver, cheirar, degustar, ouvir ou tatear o objeto de estudo. Como fazer isto com as leis de newton? Como cheirar, tatear ou ouvir a matemática? Em verdade, tais leis têm que ser processadas pela mente, uma entidade metafísica. Então, tanto a matemática como as leis físicas são leis metafísicas. Nossa origem é metafísica, nossa natureza é metafísica como a linguagem e a matemática são metafísicas.

Da mesma forma leviana, cientistas atribuem determinados fenômenos religiosos a sentimentos e sensações, como o medo, a imaginação, a alucinação mesmo sem evidências empíricas. Mas atribuir o medo e a superstição como origem de todas as religiões, em todos os tempos e espaços, seriam negar o que é universal, seria negar a realidade. O medo não pode afetar a todos, o tempo todo em todos os cantos. Este “erro” universal não será provado como origem das religiões em todos os tempos e



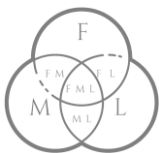
espaços. A transcendência é inata, está em todos seres humanos e em todos os tempos e espaços. A alternância entre os mundos físico e metafísico explica a espiritualidade e não o medo.

Entretanto, o ensino religioso atual é o mesmo pensamento mitológico de milênios atrás. As teologias vencidas ainda reinam em pleno século XXI, convivendo com modernas tecnologias. Dogmas não permitem sua evolução e isto levou a ciência a ridicularizar o pensamento religioso. As infantis teologias apropriaram do metafísico, mas seu pensamento está vencido.

Primeiro, foi a filosofia a questionar tais teologias com base em narrativas mitológicas. Como havia muitas explicações míticas para este mesmo tema, estudiosos passaram a desconfiar dos mitos. Surgem os filósofos que procuravam explicações naturais para o mundo. Este era chamado de cosmo que significava mundo organizado e racional. Por isto, adicionaram o termo logos ao cosmo, resultou em cosmologia: o conhecimento racional do mundo. O mito perde espaço para a razão.

Modernamente foi a vez da ciência desafiar os mitos. Antes do Big Bang, não existia matéria, tempo e espaço. Apenas o Nada. Para física, não existe um Criador. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do Nada. A física substantivou o pronome “nada”. A santíssima trindade desta ciência é o espaço, o tempo e a matéria. A ciência tornou-se existencial.

Há um propósito cósmico do universo. A história é a execução de um plano até agora oculto da natureza que conduz a um progresso moral e político da humanidade. A história universal tem um propósito cosmopolita, como queria o filósofo Kant. O progresso da ciência está atrelado a supremos interesses. A origem única convenceu as religiões, a ciência, a filosofia e as artes. Tudo

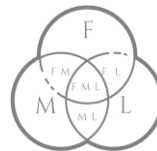


parece ter um começo, meio e fim. A vida registra o nascimento de todos os homens. Depois, sua maioridade, casamento, divórcio. No fim, o falecimento. Cidades, países, animais, rios, mares, tudo tem uma história como início, meio e fim. Bom, muitos ainda não tiveram um “fim”, mas chegarão lá com o tempo.

A diversidade do mundo natural tem origem única que a tudo engloba. A essência da busca existencial é a convicção de que tudo está interligado. Muitos cientistas advogam uma ordem por trás do aparente caos. A ordem oculta permeia tudo. Esta busca uniria a mente de Deus com uma teoria final. Há uma teoria física que propõe uma unificação do mundo material: a Teoria de Tudo. Outra teoria se prontificou a dar suporte a teoria final: a Teoria das Supercordas, são tubos submicroscópicos de energia que vibram. Porém, mesmo que tal teoria confirme esta unificação, os impasses científico-religiosos não vão permitir um consenso. Como alternativa a este eterno confronto, nós apresentamos nossa abordagem.

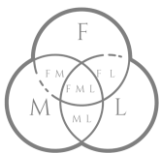
O mundo metafísico sempre esteve presente nas religiões sem limite de tempo espaço. Em todos os lugares, do aborígene na Austrália as tribos indígenas da Amazônia, em todas as épocas, dos primitivos humanos aos dias de hoje, o homem sempre uniu o mundo metafísico ao mundo físico. É um fenômeno universal. A própria ciência dialoga com o metafísico, pois para descrever suas pesquisas depende da linguagem, que é metafísica. Para moldar quantitativamente suas pesquisas, utiliza a matemática, que também é metafísica. A matemática e a linguagem, sendo metafísicas, também têm uma base metafísica, a mente.

A ciência defende a vida e o universo como produtos do acaso, do nada, da sorte, da coincidência. Não de um ato de vontade. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do



nada. Cientificamente, podemos asseverar que viemos de uma explosão depois do nada. Somos uma máquina biológica. O Sol irá aquecer a Terra e vida deixará de existir. Em seguida, o universo vai perder energia e também extinguir. A vida e o universo voltarão para o Nada. Numa frase: somos uma máquina biológica entre dois nada. Ah, a ciência existencialista oferece forças cegas em troca da fé cega religiosa!

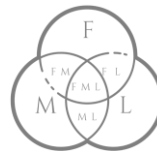
Esta divergência entre os pensamentos religioso e científico é estéril. A matemática está em todas as ciências. Ela não possui matéria-tempo-espaço, sendo assim metafísica por excelência, mas que pode ser aplicada em toda realidade material. Igualmente, a linguagem é metafísica. Neste sentido, a ciência é o estudo de um mundo físico em interação com um mundo metafísico, igualmente as religiões.



9. A Filosofia Primeira: Math, Linguagem e Lógica

Em termos físicos, a segunda lei da termodinâmica afirma que a entropia sempre tende a aumentar. A entropia mede o grau de desordem no mundo físico da termodinâmica. A direção da entropia é da ordem para a desordem, segundo esta área do conhecimento físico. Entretanto, a natureza tem uma ordem metafísica. A entropia não poderia gerar a vida. É inconcebível ver a passagem do mundo inorgânico para o orgânico em termos de desordem. É difícil ver este princípio em termos biológicos, sociais, tecnológicos e até mesmo para outras searas da física.

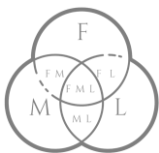
Inicialmente, não parece haver ordem na natureza para o homem. A natureza apresenta para a vida um mundo desconhecido, aparentemente um mundo caótico. Porém, o homem observa este mundo ignorado, aprende a ver padrões, como o dia e a noite, o inverno e verão, e vê que existe uma estabilidade. Os primeiros humanos usavam seus sentidos para observar galhos quebrados, pegadas, cheiros, animais e plantas. Então, percebeu padrões, repetições que levou sua inteligência a perceber o princípio universal da causa e efeito. Este princípio possibilita a previsão e estabelecer um comportamento, mesmo no mundo animal. Se ver determinado alimento, comer; se ver determinado predador, fugir. Os animais também usam a observação para caçar ou fugir, para alimentação e para copular. A natureza com seus padrões é uma escola e a vida deve observar e aprender, até mesmo para sua sobrevivência biológica. O homem



e também os animais são um reflexo da natureza e isto gera um sem fim de padrões.

Similarmente, o método científico funciona com base na observação de padrões, derivando leis naturais do princípio universal da causa e efeito. O psicólogo observa padrões em seu paciente para diagnosticar e adotar uma terapia. O sociólogo busca padrões culturais para descrever uma sociedade. O comércio adotou padrões de pesos, medidas, moedas e cabe ao economista observar estes padrões para prever o mercado. Um biólogo vê padrões da vida, um médico observa padrões de doenças. A física, a mais fundamental das ciências, estuda padrões do átomo e das galáxias no tempo-espço. As ciências buscam ordem no aparente caos.

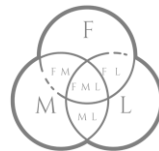
Enfim, todas as ciências estudam os padrões de algo no tempo-espço. Como elas fazem o estudo destes padrões? Com padrões físicos, com significantes físicos, mas com significados metafísicos. A linguagem natural e a linguagem matemática são códigos compartilhados (físicos-significante), padrões dotados de significado que a comunidade entende. O significado das palavras, frases, números e equações são metafísicos. Isto significa que os aspectos físicos das linguagens são apenas formais, arbitrários e não têm quaisquer relações com o significado. Retirados o suporte físico-biológico da linguagem, fica o significado metafísico. Por exemplo, a palavra “cachorro” (escrita ou falada) são letras e sons escolhidos e juntados por convenção, sem qualquer relação direta com o animal em si, compartilhada entre as pessoas que falam português. Tanto é que pessoas de outros idiomas não entendem a palavra cachorro em português. Assim, a palavra cachorro está na memória ou mente, uma base metafísica, dos falantes em português.



Estas linguagens humanas, seja um idioma qualquer ou a matemática, nos permite comunicar, informar, conhecer, representar e modelar a realidade. Ela constrói um mundo interior, um mundo metafísico. O uso da linguagem nos conduziu a uma evolução exponencial através da preservação e transmissão do conhecimento. Com o avanço tecnológico, a escrita tornou mais popular e com a velocidade cada vez maior em todo planeta. O mundo hodierno permitiu a todos escrever um turbilhão de informações. Porém, cabe a cada um separar as informações úteis para construir seu conhecimento, sua sabedoria e a sua verdade.

O homem vive em sociedade e com ela se inter-relaciona. Usa a comunicação para interagir e integrar com seus membros. Socialmente, somos o que falamos. Indivíduos se comunicam para manter integrados ao seu grupo social e se não comunicam, não estão integrados, mas apenas reunidas e não formam uma comunidade. Como diria o velho guerreiro Chacrinha: “quem não se comunica se trumbica”.

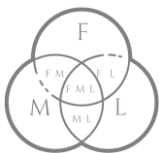
A comunicação envolve alguém que envia uma informação para outrem. Em linguística, um emissor que envia uma mensagem para um receptor. Tal comunicação pode ser feita de várias formas: pela linguagem, mímica, olhar, gestos, telex, sinal de fumaça, como faziam antigamente os índios, e por e-mail, como fazem modernamente a sociedade. A linguagem tornou-se o mais comum e eficaz instrumento de comunicação. A partir do conhecimento das regras (ortografia, morfologia, sintaxe e semântica), a linguagem falada ou escrita permite a participação do indivíduo no processo de comunicação de um determinado grupo. Isto nos leva a identidade científica, religiosa, social, linguística, jurídica, cultural, a depender de qual grupo fazemos parte.



Apesar da referência ao órgão bucal, estudiosos da linguística não têm uma definição para língua e linguagem. Esta tem um aspecto pragmático, enquanto aquela, abstrato. A língua depende de concepções de sujeito, texto e sentido, mas costuma-se atribuí-la como um sistema de signos, regido pelas variáveis fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas. A linguagem pode ser conceituada como: uma das formas de apreensão da realidade; uma faculdade mental para representar estados mentais; uma forma de comunicação, entre outros.

Quando pensamos num fato ocorrido em nosso trabalho, estamos criando em nossa mente outra realidade. Uma realidade virtual, paralela e longe do fato que aconteceu fora de nossa mente, mas sim em nosso trabalho. Todos percebem o fato da mesma maneira. Entretanto, cada pensador tem um sistema particular de valores. O mundo que pensamos é um simulacro do real que passa pelos filtros e valores de cada um. Esse mundo (universo paralelo), que existe na mente do homem criado pela linguagem, é o que chamamos de visão do mundo. Já dizia o filósofo austríaco, Ludwig Wittgenstein: os limites de minha linguagem são os limites do meu mundo. O limite da ciência é o mundo da matéria.

As palavras criam conceitos que ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é, assim, uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar outra realidade. Por isso, uma língua interpreta e ordena o mundo. O pensamento é a capacidade de construir representações das coisas com as palavras. Ele classifica a realidade e a interpreta. Nessa função organizadora, ele não existe fora dos quadros da linguagem. Esta condiciona a realização do pensamento, pois este não pode ser captado a não ser pela

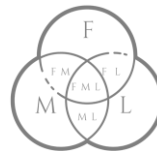


linguagem. Fora dessa maneira, o pensamento é o nada ou algo vago.

A linguagem liga o homem à sociedade e à natureza. Com ela o homem retrata a si mesmo e a realidade, dando-lhe poder. Língua é, numa palavra, signos. Com eles, o homem pensa, trabalha, ensina, identifica a sua cultura, seus próximos e a si mesmo. Com ele visualiza o passado, presente e futuro. Enfim, dá sentido ao mundo e a si mesmo. A construção do conhecimento faz-se pela representação da realidade. A linguagem dá forma a esta representação. Seja ela usada pelas religiões, filosofia, ciência ou artes.

Todas as linguagens envolvem as palavras e suas interações para formar um significado. Estas interações têm regras e estão a cargo das gramáticas e do uso pelos populares. Similarmente, a base do pensamento são conceitos (ideias) e suas interações. Estas passam por regras para formar uma verdade, uma conclusão. Conceitos e interações também são bases das filosofias, das religiões, das ciências, das artes, da medicina, da engenharia, do direito, enfim, de todo conhecimento. As interações entre os conceitos passam por regras e vão produzindo resultados, conclusões e significados.

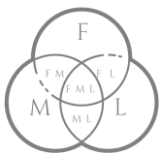
Os significados representam objetos, sentidos ou ideias abstratas. Na ordem direta da frase (sujeito-verbo-objeto), o sujeito e o objeto de qualquer frase contêm significados em interação. Os verbos promovem a interação destes significados e podem ser de ação e de estado. Os verbos de ação descrevem as interações do sujeito e do objeto da oração. Os verbos de estado descrevem algo no sujeito que permanece no tempo. Esta permanência é finita no mundo físico, enquanto a permanência pode ser infinita no mundo metafísico, a exemplo da matemática. As flexões verbais e os



advérbios de tempo-espço diluem o tempo-espço da física, pois podemos ir 1000 ou mais anos no futuro ou no passado. Quando falo, daqui a mil anos a humanidade estará evoluída espiritualmente, este salto no tempo não existe na física, mas sim na linguagem, uma ordem metafísica.

Dispensado o suporte biofísico do significante, as linguagens não possuem substância quanto ao significado. Ou seja, elas são puramente mentais. A escrita e a fala são representações da realidade e não a realidade em si. Uma foto de uma árvore não é uma árvore, mas apenas uma foto. A palavra escrita ou falada “árvore” não é a árvore em si, mas apenas traços ou sons padronizados que representam uma árvore. Esta ideia exclui a materialidade das linguagens e nos leva a ideia da metafísica para as linguagens. Igualmente, esta natureza metafísica ocorre na lógica e na matemática. Isto resulta em natureza comum. Apesar da natureza metafísica da linguagem, ela interage com o mundo físico. Quando apontamos para uma casa e dizemos “aquela casa é de Platão”, estamos interagindo sujeito e objeto com o mundo físico. Vale dizer, estamos interagindo o físico e o metafísico. Digamos, é a linguagem aplicada.

Esta linguagem aplicada obedece a regras gramaticais. A palavra gramática de origem grega tem muitas definições. Geralmente, são tratadas como o conjunto de regras que disciplinam uma língua. Nós preferimos conceituá-la como o estudo das palavras e suas interações que passam por regras para adquirir um sentido. Tecnicamente, o estudo das palavras se refere à morfologia, enquanto o estudo das interações destas palavras se refere à sintaxe. Estes estudos estão presentes em todas as línguas. A fonética e a ortografia são apenas o estudo dos sons e da escrita correta das palavras. Ou seja, estão no estudo do vocabulário, da

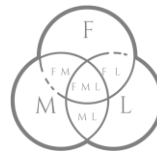


morfologia. Em linguística, a semântica estuda o significado produzido pelo vocabulário e pela sintaxe.

Com base nestes conceitos gramaticais, vamos conceituar linguagem como a utilização das palavras e suas interações para atingir um significado, vislumbrado pela semântica. Neste sentido, matematicamente uma frase seria: vocabulário + sintaxe = semântica. Similarmente, também poderíamos equacionar a lógica: premissa maior + premissa menor = conclusão. A lógica como sistema é as interações de proposições. Esta é apenas uma das muitas similaridades entre linguagem, lógica e matemática.

As frases ou sentenças podem ser declarativas, interrogativas, exclamativas e imperativas. As declarações, interrogações, imposições e exclamações podem ser afirmativas ou negativas. A negação é vital para a linguagem. Este Nada existencial tem relevância na linguagem. O principal advérbio de todas as linguagens é o NÃO, do latim non. Advérbio de negação é usado para negar verbos, adjetivos, sentenças e orações. O advérbio de negação, o NÃO foi a primeira palavra de todos os povos. Há outros advérbios de negação como jamais, nunca, negativamente, mas o NÃO é o mais sintético e comum.

A negação tem papel relevante na formação da linguagem. No filme “Planeta dos Macacos: A Origem”, um macaco tem uma evolução súbita. Objeto de investigação científica, a primeira palavra que o macaco pronuncia é o “Não”. Da mesma forma, a humanidade evoluiu rapidamente com a negação. Imagine um primata tentando dizer com grunhidos e gestos um “não” para um companheiro que caminha em direção ao inimigo. A criação da linguagem foi iniciada, estranhamente, com a negação da realidade, com o metafísico “não”. Ideia de negação só existe na mente. “Não” é a essência da própria

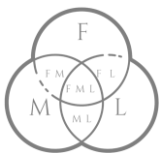


linguagem. Podemos ficar sem 90% de nossas palavras, mas não sem o “não”. É o início da proto-linguagem.

Do prisma linguístico, a realidade só tem existência para os seres humanos quando é nomeada ou negada. O mundo existe independentemente das pessoas, mas só atentamos para as coisas por intermédio da linguagem. Nós percebemos e diferenciamos os objetos e ações no mundo por meio da linguagem e da negação. Em outras palavras, pela linguagem o universo recebe sentido para nós. Nossa consciência amplia à medida que nomeamos mais fenômenos e objetos. Ao vislumbrar um planeta, real ou fictício, ele ganha realidade. Antes era o Nada.

O ser, o “eu”, esta entidade metafísica é uma parte da realidade inquestionável. Este ser percebe o mundo através dos sentidos principalmente pela visão e audição, porém as informações são processadas metafisicamente. Este mundo pode ser apenas representado pelo “eu” através da linguagem falada ou escrita. Não há como o ser experimentar ser outro ser. Kant chamava isto de “coisa em si”. O leitor não tem como ser uma árvore ou estar na pele de outra pessoa a não ser que seja um ator e “reencarne” no papel. Daí os conceitos “eu” e “não-eu”, “ser ou não-ser”.

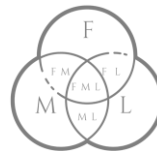
Como a negação é essencial, vamos chamar a questão shakespeariana “ser ou não-ser” de dualismo existencial. Sendo assim, vamos alterar nossos conceitos. Uma frase é vocabulário + sintaxe + dualismo existencial = semântica. A linguagem, então, são conceitos em interações que passam pelas regras e pelo dualismo existencial para se ter um significado. Este dualismo reflete em outras searas da realidade e do conhecimento, especialmente na lógica e na matemática.



Igualmente a linguagem, a negação é forte na lógica. Lógica vem do grego logos, razão. O filósofo grego Heráclito usou o termo “logos” como ordem, conhecimento. De forma simples, lógica é um processo mental para se chegar a um conhecimento verdadeiro. Ela busca o raciocínio para chegar a uma verdade. Para sintonizar a lógica com nosso sistema filosófico, nós a definimos como sendo conceitos em interações para formar uma verdade. Nesta visão, lógica é um sistema.

A lógica trata de conceitos (proposições ou premissas) e suas interações para desenvolver uma inferência, uma verdade. Os conceitos levam a individualização de ideias e conteúdos. A individualização dentro do todo separa também a pessoa, o número, o conceito e leva a ideia de negação. “cão” não pode ser “gato”. Definido o objeto cadeira, este não pode ser o objeto definido como mesa. A razão tem a propriedade de negação. As leis da lógica têm base na negação. Vejam as leis da lógica: A lei da não-contradição prega que nenhuma proposição (afirmação ou negação) pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo; a lei do terceiro excluído prega que para qualquer proposição, ou ela é verdadeira, ou a negação dela é verdadeira. A afirmação exclui a negação e vice-versa. Igualmente a linguagem, a lógica trabalha com o NÃO. A ideia de negação também é vital para a lógica.

Na programação, a lógica é um dado vital que trabalha com proposições negativas, o verdadeiro e o falso. Pau é pau (proposição verdadeira). Pau não é pedra (proposição verdadeira). Pau não é pau (proposição falsa). O universo computacional trabalha também com outro dualismo que tem a negação. O sistema digital trabalha com o sistema binário “0” e “1”. Na computação, o “0” significa falso e o “1” significa verdadeiro. Na eletrônica do computador, o “zero” significa ausência de corrente

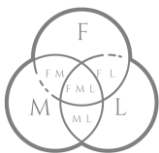


e o “um” significa corrente elétrica, energia e não-energia. Mas também poderia ser uma pedra e ausência de uma pedra, um ovo e não-ovo. Vale dizer, de um lado temos algo, doutro lado a negação de algo.

Informática e matemática estão conectadas pela lógica. A matemática também possui a negação em seu sistema lógico. Três não é igual a quatro. Em notação matemática, $3 \neq 4$. Em teoria dos conjuntos, três não está contido em A. Em notação, $3 \notin B$, sendo $B =$ conjunto de números pares. Notem que a negação em matemática serve para a diferenciação do número, conforme o sinal $\neq$. Também serve para classificação, conforme o sinal $\notin$, no caso de pares. Então, temos em primeiro lugar a separação de um número dentro de um conjunto numérico, de um todo. Num segundo momento, temos a participação de um número individualizado dentro de interações dualísticas.

Ao longo da obra “Os Mesmos Fundamentos da Matemática, da Lógica, da Linguagem e da Vida” da lavra deste autor, nós defendemos que a matemática, a lógica, a linguagem e nós, consciências, temos uma natureza comum, origem comum, estrutura comum, fluxo comum, propósito comum. Estas ideias nos levam a atributos comuns como natureza, negação, evolução e abertura.

O popular físico brasileiro Marcelo Gleiser, em seu livro “A Criação Imperfeita”, chama a matéria-espaço-tempo de santíssima trindade da ciência física. Vale dizer, a exclusão de uma destas variáveis ou mesmo a diluição de uma delas deixaria de ser física para ser algo metafísico. Neste sentido, nós defendemos que a matemática, a lógica, a linguagem e mesmo a vida é algo além da física, são entidades metafísicas e têm a mesma natureza metafísica.

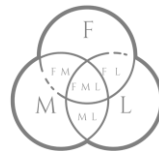


Outro conceito que defendemos em outra obra nossa (Matemática $\cap$ Linguagem) é que a matemática e a linguagem são sistemas compostos de objetos (números, pontos e palavras) em interações.

Como as palavras lógica e gramática, a palavra matemática e seu estudo também tem origem na Grécia. Não se sabe explicar a origem de tanto conhecimento ter surgido numa única região. Fala-se em milagre grego, mas a ciência não permite a palavra “milagre” em seu vocabulário. Para nós, esta questão é também metafísica, mas não é oportuno aqui explanar para não perder o foco. A etimologia dela parece estar ligada ao conhecimento e aprendizagem. Trata-se de raciocínio abstrato, lógico e estuda basicamente números e pontos ou números e formas como querem.

Todos contam e tudo pode ser contado. Até mesmo alguns animais tem noção de quantidade e podem até contar pequenos números. Imagine um animal, disputando um território, que vê uma grande quantidade de rivais. Ele até poderia enfrentar mano-a-mano, quiçá um casal, mas uma quantidade maior ele foge. O homem pré-histórico contava as coisas e aprendeu a contar quantidades abstratas como o tempo. Um osso datado de vinte mil anos atrás demonstra o registro de uma contagem. Ele tinha padrões de agrupamentos em 60 riscos e isto só é possível se contar. Agricultura depende das estações do ano e alguém tinha que contar os dias para saber quando plantar e colher.

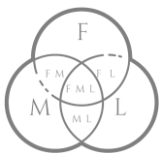
A matemática desenvolveu em vários lugares do planeta, especialmente na Mesopotâmia, Egito, Grécia, Índia e até na América com os Incas. A aritmética elementar (adição, subtração, multiplicação e divisão) desenvolveu naturalmente. Os sumérios foram os primeiros a desenvolver a aritmética e, de quebra,



começaram a escrita com a matemática. Uma matemática prática ocorreu naturalmente em praticamente todas as civilizações, mas os filósofos gregos desenvolveram um interesse especial e elaboraram teorias sobre os aspectos fundamentais. Eles queriam saber qual ramo era mais básico, a aritmética ou a geometria.

Com Isaac Newton, o desenvolvimento da matemática deu um salto conceitual com o cálculo e o infinito. O principal livro de Newton e também da ciência, “Principia”, elaborou os princípios dos movimentos que funcionavam em todo universo. Newton adotou o cálculo e a matemática ganhou destaque. Principia era um livro de filosofia, até então a ciência e o método científico não existiam. O positivismo e o empirismo abarcaram a matemática e surgiu a ciência com o chamado método científico. A matemática forneceu precisão ao conhecimento científico. Isto resultou em uma evolução exponencial da tecnologia.

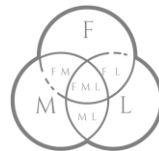
Entretanto, até hoje a matemática apresenta complicações de sua natureza e até de sua definição. Diferentemente da linguagem, da lógica e da matemática, a ciência física e todas as outras ciências trabalham com os sentidos humanos. A ciência tem necessidade de ver, pesar, medir, quantificar, experimentar, equacionar para ser chamada de ciência. Seu objeto de estudo tem necessidade de existir no tempo e no espaço. Ou seja, o objeto de estudo deve existir fisicamente para ser observado e quantificado. Todas ciências têm que quantificar. Logo, a Matemática (assim com “m” maiúsculo) é um instrumento das ciências e não uma ciência autônoma. A matemática não tem existência física e nem existência no tempo-espaço como todas as ciências. Então, ela é metafísica e por isto negam a existência de objetos math.



Da perspectiva da teoria de sistemas, a matemática pode ser vista como um sistema. Em essência, a estrutura de um sistema contém partes e suas interações lógicas. Em essência, o funcionamento do sistema passa pela entrada de dados, processamento e saída. Vislumbrando a aritmética como um sistema geral, os conjuntos numéricos contêm os elementos (objetos) que são as partes do sistema e as operações são as interações lógicas. A entrada do sistema são os operandos (objetos) e a operação (interação lógica) faria o processamento, enquanto a saída é o resultado (objeto). Como um sistema específico, qualquer equação é um microssistema. Como exemplo, $8 - 3 = 5$. Os operandos minuendo (8) e o subtraendo (3) são a entrada do sistema. A operação de subtração processa a interação entre os operandos, ligando a entrada à saída, ao resultado (5). Um axioma elementar do sistema aritmético ou sistema equacional específico é que o sistema numérico tem base 10. Um número também é um sistema, interações de algarismos.

Também podemos ver sistemas em geometria. Um triângulo qualquer seria um sistema, um conjunto de pontos compostos de arestas (3), vértices (3) e ângulos (3). A entrada de arestas, vértices e ângulos no sistema determina o triângulo, que pode ser retângulo, acutângulo, obtusângulo, equilátero, isósceles ou escaleno. Como qualquer sistema, a mudança de qualquer ponto, muda todo sistema. Assim, a mudança de qualquer variável, seja aresta, vértice ou ângulo, muda todo sistema e pode transformar um tipo de triângulo em outro.

Para ser sistema, a matemática deve ter partes ou objetos. Vale dizer, deve ter conteúdo para interagir. Como já refletimos, a matemática moderna tende a negar ou menosprezar seus objetos, pois eles são metafísicos. As ciências têm seus objetos físicos

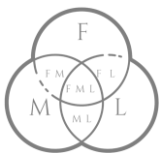


passíveis de serem vistos com os olhos de ver, enquanto a matemática tem os olhos da razão para ver seus objetos.

Assim, tudo são sistemas. Tudo são partes em interações. Nada está isolado e tudo está conectado, seja objetos, seres vivos, conceitos metafísicos. A base do pensamento são conceitos (objetos e ideias) e suas interações. Os conceitos estão conectados em rede e interagem entre si como uma rede neural. Uma rede biológica neural trabalha com neurônios e suas conexões. O homem recriou redes neurais na ciência da computação. As redes artificiais têm modelo matemático, inspirado nas redes naturais, e permite o aprendizado pelas máquinas. As redes de computadores são outro exemplo pertinente de entidades em interações.

A base da gramática é o vocabulário e a sintaxe. Na visão sistêmica, o vocabulário é um conjunto de elementos em interações. A sintaxe são as regras que regulam as interações dos objetos-elementos. O vocabulário é a memória do sistema e trabalha a conceituação de pessoas, objetos, ideias. A sintaxe trata das inter-relações destes conceitos. Igualmente, a matemática funciona com números e suas conexões. A lógica trabalha proposições e suas interações. O processo leva a uma inferência verdadeira. Premissas verdadeiras conduzem uma conclusão verdadeira. A lógica como sistema trabalha similar a matemática que têm números em interações.

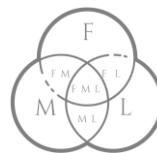
Depois de conceituados, as interações entre palavras, conceitos e números são reflexos da ordem universal. Podemos ver a estrutura, o fluxo e o propósito desta ordem natural. Dentro de um pluralismo, as entidades interagem passando por regras e pelo dualismo existencial para chegar ao resultado, significado ou verdade. A equação $1 + 2 = 3$ é composta de números-objetos dentro do infinito conjunto de inteiros. Dois números quaisquer



interagem aritmeticamente dentro de um dualismo lógico (operação de adição) para se chegar ao resultado 3. Igualmente, a equação $1 + 2 = 4 - 1$ funciona da mesma forma, onde temos duas operações lógicas. Em sua função ordenadora, a matemática funciona diferente com as interações e podem ter infinitos resultados. A inequação $3 + 2 > 4$ é verdadeira, mas não só ela, pois há uma infinidade de números naturais maiores que 4 ($x > 4 / x \in \mathbb{N}$).

Em matemática, toda e qualquer equação é composta de números oriundos de uma diversidade (principalmente de um conjunto numérico, finito ou infinito), que passam por regras lógicas e pelo dualismo para se chegar a um resultado, a uma integração, podendo ter várias soluções. O pluralismo, dualismo e monismo interagem da mesma maneira dentro da matemática e da linguagem. Em linguística, temos o vocabulário com classes abertas de palavras e com poucas regras podemos gerar infinitas frases. Não há uma finidade para substantivos, adjetivos, advérbios e verbos. Assim, podemos elaborar uma infinidade de frases com significados diferentes e todas elas têm a mesma estrutura, fluxo e propósito comum: um conjunto (vocabulário) de palavras que interagem, passam por regras e pelo dualismo existencial para obter um significado, integrando as palavras em um todo. A falta de uma palavra da frase ou a desconsideração de uma regra leva a perda do significado, desintegra o todo e nos faz rever a frase e suas regras.

Igualmente, a lógica como sistema possui pela infinidade de proposições, pelas suas interações dualísticas e por regras para chegar a uma verdade. Esta ordem universal também pode ser observada em ciência. Em dissertações e pesquisas, nós observamos um objeto a ser estudado dentre vários outros. Conceituamos e delimitamos tal objeto a ser estudado.

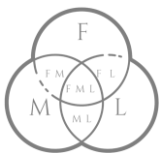


Aprofundamos a pesquisa com a origem do conceito do objeto, sua etimologia, sua história. Depois de esgotado as delimitações do objeto, passamos a interação dele com conceitos similares e com o mundo. Analogias, comparações, diferenciações, análises, sínteses, hipóteses, inferências, refutações são algumas técnicas da ciência e da filosofia que visam descrever a interação do conceito com outros conceitos e o mundo. Por fim, chega a uma conclusão.

As dissertações e pesquisas ao afirmar algo, automaticamente nega outra. A negação é um atributo relevante na matemática, na lógica, na linguagem. A negação tem a função de identificar, diferenciar palavras, conceitos, números e seres. Vejamos o exemplo clássico da lógica. Todo homem é mortal (classificação, grupo). Sócrates é homem (individualização dentro do grupo). Logo, Sócrates é mortal (conclusão lógica). Em linguística, quando se define o nome Sócrates para um homem, ele passa a exercer relações lógicas para com o mundo. Sócrates é Sócrates e não Platão.

Uma visão para a questão Shakespeariana (ser ou não-ser) é a relevância da individualização dentro do todo. Individualizou José, este não é João, não é Maria, não é mais ninguém dentro do todo. A identificação nos leva a classificação. Como sintetizar as semelhanças e as diferenças dentro do grupo. Semelhanças levam a essência, enquanto as diferenças nos levam a individualização. Sócrates tem 2 braços, duas pernas, uma cabeça pensante que o leva ao grupo dos homens. As diferenças levam a individualização, como a cor da pele, sua digital, sua íris e seu pensamento único. Semelhançamente somos iguais. Contudo e diferentemente, somos individualizados, mas não desiguais.

A importância da individualização e conseqüentemente a negação permeia todo conhecimento. A identificação das pessoas,

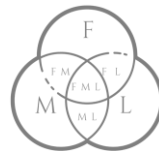


das palavras, dos números gera uma interação lógica com seus respectivos grupos conforme foi advogado. Da mesma forma, a identificação de objetos e ideias tem sua relevância e interage com grupos de objetos e ideias pertinentes. Individualizou algo, cria-se a negação e as diferenças.

A negação é metafísica, uma abstração e existe apenas na mente humana. Números, palavras e conceitos são convenções “abstratas”. Eles também não existem na natureza, existem na mente humana. Nós podemos usar os números para contar os dedos, as estrelas, grãos de areia. Os números não estão nos dedos, nem nas estrelas e nem na praia. Eles estão na mente humana. A palavra cadeira não é o objeto em si, a “cadeira” que realmente sentamos, mas sim sua representação. Esta palavra é metafísica, apenas uma “abstração” e pode significar outras coisas como uma carreira acadêmica, um encosto. Os conceitos são a tentativa de identificar uma ideia, delimitá-la. Isto é outra abstração humana. Neste sentido, lógica, língua e matemática se cruzam.

As interações entre números, palavras, conceitos seguem determinadas regras para uma abertura infinita. Estabelecida a regra, ela permite abertura para um sem fim de equações, frases, sistemas. Estabelecido o vocabulário e a ordem direta das palavras - primeiro sujeito, depois verbo, em seguida objeto – tem-se uma infinidade de frases. A equação do triângulo reto de Pitágoras, $a^2 + b^2 = c^2$, nos permite ter uma infinidade de triângulos. As poucas premissas de nosso sistema filosófico permitem submeter um sem fim de conhecimento e realidade.

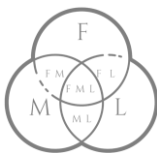
Nosso sistema vislumbra esta ordem universal na história da humanidade. Há 10 mil anos, a humanidade era constituída de tribos isoladas (pluralismo). Estas viviam tempos de paz e de guerra (dualismo). Eventualmente uma tribo guerreava com a tribo



vizinha e a submetia, unificando-as. As tribos formaram cidades, as cidades formaram impérios. Estes viviam períodos de glória e paz até decaírem com o mesmo instrumento que os elevou: a guerra. Com as conquistas das Américas, os impérios unificaram o mundo. Veio as democracias e acabaram-se os impérios, mas o mundo já estava globalizado (monismo). Percebiam a ordem natural. A humanidade era pluralista, formada por tribos isoladas que passaram pelo dualismo (guerra-paz) e hoje está unificada. Esta unificação não é plena ainda. Na verdade, a integração é um processo.

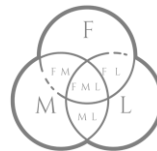
Em análise similar, entidades em interação podem ser vislumbradas em tudo. O que é a engenharia de um motor senão as peças em interação? Em um automóvel, você definiu rodas, volante, combustível, motor, o próximo é definir a interação entre eles. Em medicina, nós definimos o que é coração, células, sangue, pulmão, o resto do conhecimento é a interação entre eles. Em filosofia e mitologia, nos conceituamos o físico e o metafísico, o resto é a interação entre eles.

Então, a linguagem, a lógica e a matemática têm uma estrutura comum, um conjunto de entidades (objetos) em interações. Além de estrutura comum, elas têm natureza comum, pois são entidades metafísicas. A metafísica unifica tais entidades. Por isto, nós chamamos de Filosofia Primeira, o estudo da math, da linguagem e da lógica. Até os animais as têm em pequena escala. Nós defendemos que tais disciplinas são instrumentos utilizados pelo princípio inteligente, munido da vontade, igualmente metafísico. Estas disciplinas não existem no mundo “natural”, no mundo material. Para nós, a estrutura do conhecimento e dos seres humanos é a mesma. O “eu”, as palavras, conceitos e números em interações seguindo regras que permitem uma abertura. As



interações têm regras e um sem fim de frases, equações e sistemas. Assim, a abertura (o infinito) é uma característica comum. Da mesma forma, a negação e abstração são características em comum.

A estrutura e o propósito destas entidades também são comuns. Vamos demonstrar nos capítulos seguintes.

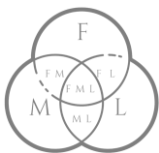


10. Estrutura e Propósito do Universo

Existe cerca de 8 bilhões de pessoas em nosso orbe. Cada uma com uma personalidade diferente. Não existe 2 “eus” iguais. Nem mesmo biologicamente. Cada um de nós tem uma digital diferenciada, uma íris diferenciada, um DNA diferenciado com um nome e um número diferenciados. Dentro desta diversidade humana, existem muitas diferenças culturais, religiosos, ideológicas, étnicas, entre outras. Este pluralismo é visível fora da humanidade. A física e a química vão retratar a diversidade de elementos químicos. A biologia retrata o pluralismo da vida. A psicologia vai falar em personalidades humanas diversas. A sociologia vai estudar e classificar o pluralismo social.

A filosofia pluralista-política nos entrega o ideal político de respeito a diversidade social e de crenças. O processo político permite qualquer cidadão o acesso ao poder sem discriminação. Nossa Constituição, em seu preâmbulo e em seu artigo primeiro, já fala em pluralismo político. O artigo 3º da Constituição, em inciso IV, reza: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” Este ideal político tem como objetivo a proteção de todos, a defesa do pluralismo.

Esta Constituição ainda promove o pluralismo religioso. Vejamos o VI do artigo 5º: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;”. Apesar de invocar a proteção do “Deus” de origem judia



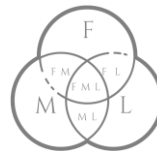
na Constituição, a liberdade religiosa é preservada. O pluralismo religioso nos dá um sem fim de deuses, santos, orixás.

Apesar dos desafios sociais de justiça e igualdade, o pluralismo nos dá uma riqueza filosófica, pois demonstra inúmeras visões de mundo. A abordagem filosófica pluralista defende a existência de múltiplas verdades e tendem a negar as verdades absolutas. Assim, temos várias perspectivas do mundo a depender do contexto, do local onde está inserido o pensador. Esta filosofia prega realidades independentes, mas interrelacionadas. Aqui, ela tem um viés holístico.

Como em teoria dos conjuntos, o pluralismo social, intelectual, físico é aberto, pois não há como limitá-lo. Podemos classificá-lo, mas não o limitar. Há exageros, como o moderno debate de pluralismo social de gêneros em contraposição ao dualismo dos gêneros chamados de naturais (macho e fêmea). De forma similar ao pluralismo, o dualismo tem lugar em todos os espaços da vida e do universo.

As filosofias dualistas asseveram a divisão da realidade em 2 partes independentes e com características próprias, muitas vezes vistas como antagônicas. O principal dualismo filosófico é o realismo x idealismo. Realismo prega o mundo material e dos sentidos, enquanto a idealismo defende o mundo metafísico e racional. Este debate surgiu na Grécia antiga com Ari defendendo o realismo e Platão o idealismo e atravessa a história da humanidade com muitos nomes: físico x psico; corpo x mente; matéria e espírito. Físico e metafísico para nossa Filosofia.

Platão repartiu a realidade em duas: a do Mundo dos Sentidos, onde temos apenas um conhecimento imperfeito através dos sentidos, onde tudo flui, desaparece; a do Mundo das Ideias

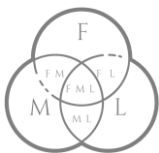


onde temos um conhecimento seguro, através da razão. Platão separa de um lado aquilo que flui, é efêmero, cotidiano, e de outro lado àquilo que é eterno e imutável. Aquilo que flui é percebido pelos sentidos. O que é eterno é percebido pela razão. Ficou equivocadamente conhecido como dualista, mas ele advogou uma alma imortal e um mundo metafísico, nossa verdadeira morada. Assim, em análise última, era mais monista que dualista.

Estudiosos atribuíram o dualismo indevidamente a outro grande pensador, René Descartes. Realmente ele estabeleceu uma nítida linha divisória entre a realidade material e espiritual. No que se refere à realidade material, era mecanicista. Mas a alma era a própria razão: Penso, logo existo. A capacidade de pensar do ser é a única certeza que temos. O pensamento existe e não se pode separar do ser. Em análise última, ele também era monista, pois o “eu” pensante é mais real que o mundo físico. O verdadeiro conhecimento vem da Metafísica.

Outro filósofo dualista, Hegel ficou conhecido pela sua dialética histórica. Para ele, a razão, a verdade, o conhecimento vêm do contexto histórico. Não havia verdades eternas, pois o conhecimento evoluía de geração para geração. A verdade era um processo, chamado de evolução dialética, no qual a tese é atacada pela antítese e resulta numa síntese. A síntese se transforma na tese que tem prazo de validade até a chegada da nova antítese. Este dualismo histórico ou evolução promove uma espécie de monismo hegeliano, chamado *geist*, palavra alemã traduzida como espírito ou mente. Este dualismo inspirou a doutrina materialista dialética de Karl Marx.

Marx distorceu o dualismo de Hegel, pois defendia que o pensamento era ditado pelas condições materiais de vida numa sociedade. Isto determinava a evolução histórica através da tensão

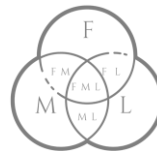


dos opostos. Enquanto Hegel pregava a direção da história da humanidade para “razão universal”, Marx afirmava que o cego materialismo da vida guiava nossa história, a história da luta de classes, denominado o materialismo dialético. Karl pregava o fim do capitalismo, substituído pela ditadura dos trabalhadores para depois surgir o comunismo sem classes sociais. A história registrou o resultado desta teoria. O socialismo transformou velhas ditaduras em novas ditaduras.

Marx ainda polarizou a política em direita e esquerda, outro dualismo político. Enquanto a direita tem a liberdade como seu principal valor, a esquerda tem a igualdade como seu principal valor. Liberdade e igualdade são dois valores universais que os humanos não conseguiram conciliar. Liberdade para desenvolver vai implicar em desigualdade e defender a igualdade de todos vai cortar a liberdade da pessoa até para evoluir. Quicá a fraternidade conciliaria tais valores como a Revolução Francesa queria.

Direita ou esquerda? Nós sempre teremos governo de um lado e oposição doutro, como nos EUA temos republicanos e democratas. Mesmo o pluripartidarismo, como ocorre no Brasil com dezenas de partidos políticos, temos polarizações do tipo governo e oposição. Vivemos num mundo dual. Mas sempre teremos apenas um resultado na prática.

No islamismo, o filósofo Avicena contribuiu com o dualismo, separando alma e corpo. A alma continua após a morte do corpo. Criou a parábola do homem voador para ensinar sua ideia: se eu apenas voasse, não saberia que tinha um corpo, mas ainda assim saberia que eu existo. Nossa existência era garantida pela consciência. Inspirou Descartes.



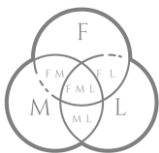
Também nas tradições orientais temos dualismos. A obra milenar dos chineses, I Ching, chamado de Livro das Mutações, trata de uma combinação de 8 trigramas e 64 hexagramas num sistema binário. Escrito em 3.000 a C, ele seria a chave do conhecimento, um sistema binário num mundo de constante transformação.

O I Ching costuma ser comparado com a física quântica. Esta percebeu as partículas que compõem a matéria em constante transformação. O universo não é algo estático, mas uma massa de energia em constante transformação. Bohr, um dos pais da física quântica, ajudou a separar a noção de leis que regem o cosmo são independentes da matéria.

O taoísmo, também originário da China, possui um dualismo e ficou pop no ocidente: Yin e Yang. O seu símbolo, igualmente pop, é um círculo dividido ao meio pelas cores branca e preta, contendo um contraponto em cada lado. Esta dualidade universal seriam as duas forças fundamentais opostas e complementares: o yin é o princípio feminino, a água, a passividade, escuridão e absorção; o yang é o princípio masculino, o fogo, a luz e atividade.

Quando comparado à física, a carga elétrica positiva seria o yang e o yin seria negativo, similar aos elétrons. São os opostos que se completam, positivo não é bom ou mau, é apenas o oposto complementar de negativo. Junto a estas duas forças, soma outra, o Tao. Este pode ser interpretado como o caminho de uma força criadora de todas as coisas e para onde elas se destinam.

O dualismo possui vertentes em todas as searas do conhecimento. O dualismo científico dividiu a realidade em sujeito (aquele que conhece) e objeto (aquilo que é conhecido). O religioso



dividiu a realidade no Criador e na Criação. O filosófico dividiu a realidade no todo e nas partes, ou melhor, no micro e no macro. O dualismo artístico, no “eu” e “não-eu”.

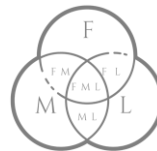
Em administração, esta divisão da realidade também promove dualidades que resultam em organização e classificação: chefe e subordinado (hierarquia), administrador e administrado (administração), rei e súdito, governo e cidadão.

Em Direito, o ícone da balança representa o dualismo de equilíbrio social. Temos outros inúmeros dualismos como: justo e injusto, vítima e criminoso, autor e réu, recorrente e recorrido, agravante e agravado, impetrante e impetrado, agressor e agredido, entre outras inúmeras terminologias jurídicas. Em Direito Internacional, temos a doutrina dualista em oposição à doutrina monista. A dualista entende haver dois sistemas jurídicos (um interno e outro externo) e a monista apenas um sistema jurídico, englobando os sistemas de direito nacional e internacional. O dualismo defende dois sistemas autônomos e independentes.

Em contabilidade, temos o ativo e passivo e a balança (patrimonial) também parece ser um símbolo dualista para representar o equilíbrio.

Em economia, vislumbram dualidades da compra e venda, oferta e procura, micro e macroeconomia.

Em matemática, existem sistemas numéricos pluralistas, como o decimal e romano (por causa dos dez dedos), mas são substituídos eficazmente pelo sistema binário. O mundo digital popularizou o sistema binário. Cores, sons, mensagens, conversas, vídeos, textos, gráficos, tudo pode ser representado pelo sistema binário dos computadores.

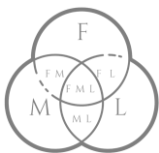


Ainda em matemática, mas com reflexo na arquitetura, engenharia, arte, entre outras, temos a simetria, outro reflexo do dualismo. Ela expõe a igualdade de lados. Boa parte da matemática e da física teórica baseia na simetria, princípio básico para as leis da natureza. Há diversos objetos de simetria aproximados de modelos abstratos idealizados. O ponto principal da teoria da matemática da simetria unifica vários campos, como a geometria, teoria dos números, física, química, biologia. A descoberta dos quarks não fora feita com base em dados empíricos, mas sim com base em padrões da simetria matemática. Atualmente, a teoria da simetria é o feijão com arroz da física de partículas elementares.

O programa americano chamado Langlands busca unidade na geometria, aritmética e álgebra. Ele está ligado à física quântica. A chave é a dualidade, tanto na física (eletricidade, magnetismo, descritas numa teoria matemática única – denominada eletromagnetismo), como na matemática. Representa um panorama da matemática moderna.

Na arquitetura e na engenharia, precisa-se de uma relação de paridade em entre altura, largura e comprimento das partes necessárias para compor um todo. Assim, a simetria é necessária para a beleza de uma construção, ou para a beleza da figura humana. Ela nos mostra que sempre há dois lados iguais, apesar da simetria nem sempre ser perfeita em razão do dualismo relativo. No entanto, há o dualismo eterno e perfeito: de um lado, o Eu e doutro lado seu reflexo, o Todo.

O dualismo mais comum é do homem e mulher. Do ponto de vista da evolução biológica não tem sentido tal dualismo. A biologia não tem uma boa definição para a vida, mas ela tem certeza que um de seus atributos é a reprodução. Esta, de forma genérica, pode ser assexuada ou sexuada. A reprodução assexuada



dispensa outro ser e tem a vantagem evolutiva da independência. A sexuada necessita de outro ser e surgiu depois da assexuada. Esta transição não faz sentido para a evolução biológica, pois dificultou a reprodução. Do ponto de vista integralista e dualista, ela faz sentido, pois integra os seres com a evolução em conjunto.

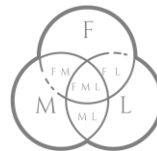
O inegável dualismo agora se junta ao inegável pluralismo.

Outra filosofia numérica muito comum é o monismo. De forma simples, monismo é a doutrina da unidade. Tudo é UM. Somos indivíduo (UM), dentro de UMA família, dentro de UMA cidade, dentro de UM estado, dentro de UM país, dentro de Planeta, dentro de UM sistema estelar, dentro de UMA galáxia, dentro de UM universo.

Não há mais dúvida da origem única da vida e do universo. A origem única já é uma espécie de monismo. Tudo tem origem única. Assim tudo é regido por um princípio único. Esta é a causa, cujo efeito é a integração plena do todo. O monismo filosófico busca unidade em seu sistema. Podem ser de substância (energia), de origem das leis (Deus), de forma (geometria).

Há até uma piada judaica que exemplifica o monismo com humor. Historicamente, haveria 5 monistas judeus que tentavam definir o mundo: para Moisés, tudo é a lei; para Jesus, tudo é amor; para Marx, tudo é dinheiro; para Freud, tudo é sexo; para Einstein, tudo é relativo.

Os estoicos gregos já exaltavam o monismo. Eles surgiram em Atenas por volta de 300 a. C. e Zenão foi considerado seu fundador. Os estoicos diziam que todas as pessoas eram parte de uma mesma razão universal, ou “logos”. Eles consideravam



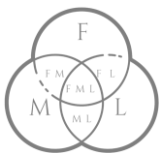
todas as pessoas um mundo em miniatura, um “microcosmo”, que era reflexo do “macrocosmo”.

Isto levou à ideia de um direito universal, o chamado direito natural. O direito natural baseia-se na razão atemporal do homem e do universo e, por isso mesmo, não se modifica no tempo e no espaço. O direito natural vale para todas as pessoas. As diferentes legislações dos diferentes Estados não passavam de imitações imperfeitas de um direito cujas bases estavam na própria natureza.

Os estoicos diziam que os processos naturais - por exemplo a morte e a enfermidade - eram regidos por constantes leis da natureza. Por esta razão, os homens deviam aceitar o seu destino. Nada acontece por acaso. Tudo acontece por que tem de acontecer e de nada adianta o homem chorar quando vier o seu destino. Os estoicos apagavam as diferenças entre o indivíduo e o universo, portanto negavam oposição entre espírito e matéria. Para eles existia apenas uma natureza. Tal concepção é o monismo, em oposição a bipartição da realidade, matéria e espírito.

Há muitos monismos na história. Não cabe aqui um desenho para esmiuçá-los, mas sim uma breve pincelada. A ideia desta obra é apenas mostrar a inspiração deles na Criação ou origem única. Religiões, ciências, filosofias e artes também têm doutrinas, artistas e pensadores monistas. Apenas citaremos alguns com uma leve explanação. Encontram-se concepções monistas na filosofia hindu, no pensamento chinês, na filosofia grega e até os dias de hoje.

O monismo é muito forte nas religiões orientais que têm uma forte proximidade de deus (es). Ao contrário, as religiões de origem hebraica (judaísmo, cristianismo, islamismo), Deus está

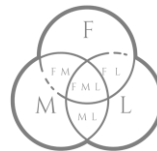


muito além e muito acima deste mundo. No budismo, hinduísmo e na religião chinesa, há uma fusão com Deus, o espírito cósmico. “Namastê” é uma saudação comum na Ásia que afirma a existência de deuses dentro das pessoas: o deus que habita no meu coração, saúda o deus que habita no seu coração. O objetivo da vida é purificar a alma pelo processo de transmigração dela.

Religião, cultura e filosofia se misturam no Oriente. O taoísmo, antiga cultura chinesa, acredita numa fonte, ou força motriz de tudo. Para atravessar esta dualidade oposta (yin e yang), usamos o Tao (o caminho), voltando para a força criadora de todas as coisas. Neste aspecto, vislumbra-se similaridade com nossas três premissas. O taoísmo prega uma fonte criadora de tudo (a Criação), mas a existência tem que passar pelo dualismo yin- yang. Para isto, eles usam o Tao (a Evolução) e voltam à fonte criadora (a Integração). Nos Vedas, antigas escrituras da Índia, interpretam que Brahma (o deus criador da trindade de deuses indiana) é tudo, substância das almas e do universo.

Na filosofia grega, o monismo invadia o pensamento dos principais filósofos. Eles tentavam compreender a diversidade de todas as coisas a partir de uma única matéria-prima. Na busca pela substância fundamental, alguns acreditavam que era água, outros o ar, outros a terra, outros o fogo. Estes pensamentos juntos ficaram conhecidos como os 4 elementos. Houve quem acreditasse que as misturas dos 4 elementos explicassem a diversidade do mundo, dando um toque pluralista ao pensamento monista.

O filósofo grego Heráclito confiava numa razão universal ou lei universal para todos, chamada por ele de logos ou Deus. A natureza e suas transformações eram uma unidade. Empédocles chamava de Inteligência a força responsável pela ordem e pela



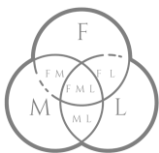
criação de tudo. Pitágoras, diferentemente, tem um monismo matemático. Tudo são números.

O grego materialista Demócrito inovou com o monismo atomista, base material da realidade. Deu nome de átomo para as menores partículas da matéria. O átomo seria invisível, imutável e eterno, pois não poderia ter vindo do nada e em nada se transformar. Ele não acreditava numa inteligência que pudesse intervir no processo natural. Não acreditava no acaso, mas sim nas leis inalteráveis da natureza.

Em Atenas, por volta de 300 a C, os estoicos também pregavam a origem das pessoas por uma razão universal. As pessoas seriam um mundo encurtado, um microcosmo, espelho do macrocosmo. Assim, não teria diferenças entre o indivíduo e o universo. Esta ideia originou outra, a de um direito universal.

Plotino, o sucessor do idealismo platônico, defendeu o monismo idealista. O filósofo egípcio viveu entre os anos 205 e 270 d.C. e desenvolveu a escola denominada neoplatonismo. Ela defendia ser a realidade última (ou primeira) do universo a inteligência pura, incognoscível, infinita e perfeita, da qual tudo derivava. Plotino se utilizou do mesmo termo apregoado por Anaxágoras, *noûs*, como a essência universal consubstanciada no Uno para compor o seu monismo idealista. No período medieval, outros pensadores seguiram Plotino, especialmente Santo Agostinho. Este pregou a trindade da igreja, através da qual o Uno se consubstanciava no Todo.

O holandês Baruch Spinoza, filósofo monista por excelência, advogava a existência de uma única substância da qual tudo mais são derivados. Para ele, espírito e corpo são atributos da substância divina, sendo Deus e a natureza a mesma coisa. Spinoza

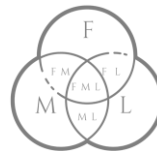


era crítico do biblismo e contestava a autoria divina da Bíblia. Foi o primeiro a aplicar a interpretação “histórico-crítica” da Bíblia. Era o contexto da época da escrita bíblica a ser analisado e não as palavras bíblicas descontextualizadas. Sob o prisma da eternidade, Spinoza fundamentou sua filosofia. Deus e a sua criação são iguais. Tudo é um.

Para o filósofo Hegel, a verdade é um processo que passa pelo dualismo: tese e antítese. Deste dualismo surgia a síntese e virava tese até chegar uma nova antítese. Esta concatenação de pensamentos, Hegel chamava de evolução dialética. Mas esta evolução não era força cega. Ela ia na direção do espírito universal ou razão universal, a força que impelia a história para frente. Como isto, ele aproximava do monismo.

Depois do Renascimento, o italiano Giordano Bruno pregou um monismo religioso. Deus seria a suprema unidade de todas as coisas e se confundia com a natureza. Foi queimado por seu pensamento monista.

No século XX, inspirados no pensamento evolucionista de Darwin (a luta pela vida), pensadores sem a noção do Tao, sem a visão da integração, tentaram explicar a vida, a consciência e o universo, segundo um monismo materialista. Ernst Haeckel, biólogo alemão, com um monismo biológico explicou a vida, o universo e a própria consciência a partir da evolução de Darwin. Há uma certa beleza em parte de seu pensamento mecanicista. Ele buscou um princípio unificador para reger a evolução, chamado lei biogenética, segundo o qual cada animal percorre, a partir da fase embrionária, todas as etapas evolutivas que o levaram a ocupar o seu lugar na ordem natural. Na embriogênese, o corpo reprisa a evolução da vida neste planeta, passando pelos traços dos peixes, répteis, aves, mamíferos até a forma atual do homem.



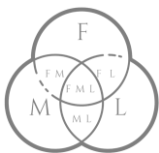
A ontogenia é o desenvolvimento embrionário individual e a filogenia é a desenvolvimento evolutivo da origem das espécies. Tal ideia foi adotada pelo pensamento espiritualista moderno. Alguns pensadores espiritualistas uniram a lei biogenética de Haeckel com a reencarnação, tentaram unificar a evolução biológica com o espiritualismo e adoram o princípio espiritual como a unidade da vida. No livro O Sistema, Pietro Ubaldi defendeu o “telefinalismo” da evolução e das mutações genéticas, antes consideradas acaso pela ciência, agora um evolucionismo espiritualista.

<http://www.ebookespirita.org/PietroUbaldi/OSistema.pdf>

O filósofo francês Henri Bergson, outro evolucionista espiritualista, em sua obra A Evolução Criadora criticou o cego mecanismo de luta de Darwin. A vida não é uma máquina biológica e tem um propósito em tudo.

No século passado e no atual, o monismo quântico busca uma integração da física relativista à física quântica com a moderna teoria das cordas. Esta busca uma grande teoria unificada. A ciência de nossos dias procura por um monismo substancial que satisfaça o natural anseio filosófico por unicidade.

Alguns pensadores costumam ver o pluralismo e/ou o dualismo em oposição ao monismo. Não vemos oposição entre tais doutrinas, mas sim uma harmonia entre elas. Esta aversão é infeliz, pois as diversas searas do conhecimento permeiam esta estrutura e estes sistemas de pensamento. Aqui, tais filosofias foram separados para observação didática. Nossa ideia é retratar a realidade sem oposições e com pluralismos, dualismos e monismos, sejam eles efêmeros e absolutos. A origem única pode nos levar a enfatizar o monismo em desfavor do dualismo e

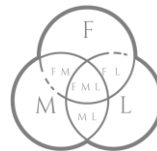


pluralismo. Entretanto, estes nunca deixaram de ser realidade. Ou seja, são princípios absolutos.

O dualismo não tem conflito com a diversidade, com ideias pluralistas, pois as relações são dualistas e sempre poderemos polarizar tudo em razão do princípio criativo. O ato da criação foi dualista (quando dividi a realidade), mas também foi pluralista quanto ao conteúdo, ou seja, muitas criações, muitos minerais, animais e plantas. Esta diversidade não impede as polarizações nas relações.

Da mesma forma, o dualismo tem outras incompreensões. Em religião, o dualismo complicou o pensamento teológico, o qual criou uma força antagônica ao Criador. Demônio, capeta, diabo, Lúcifer são algumas denominações vulgares do opositor divino. Muitas religiões têm dificuldades com o pensamento dualístico e enxergam dualismo onde não existe. Tais doutrinas não resistem a menor crítica em desfavor os atributos divinos (perfeição, onisciência, onipresença e onipotência). Se Deus criou tudo perfeito e ele é onisciente, onipotente e onipresente, como pode errar na criação do mal? Se ele é onipotente por que não acaba com ele? Como pode deus estar no mal?

As complicações teológicas com a questão do mal e da dor ocorrem com a maioria das religiões ocidentais. Elas pregam a unicidade de existência e a pós-existência da vida, mas sem a pré-existência. Uma criança que nasce com deficiência física, cega ou surda, é insolúvel com o mal gratuito pelo Criador. A unicidade de existência pregada pelas grandes religiões ocidentais não permite tal solução. Como pode alguém, principalmente uma criança, sofrer um mal sem culpa? Não há um Deus bondoso que faria isto a suas criaturas? Do ponto de vista da perfeição ou cósmico, só

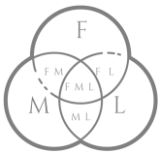


pode ter explicação com a pré-existência da alma para solucionar tal questão, resolvida facilmente pela doutrina oriental da reencarnação.

Outra polarização mal compreendida é a cooperação x competição. Mas a direção da vida é sem dúvida da competição para a cooperação. A luta entre predadores e presas repete-se desde a existência da vida. Os predadores aprimoram suas estratégias de caçar, enquanto as presas precisam aprimorar suas defesas. Ambos estão presos a uma relação intensa que os forçam a mudar, pois não podem ficar em desvantagem. Os fracos morrem para os fortes sobreviverem. Essa corrida evolutiva mudou as vidas e os corpos de praticamente todos os seres que existem hoje.

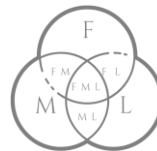
Estas duas forças estão presentes também no mundo vegetal e em nossas relações, conscientemente ou inconscientemente. O futebol pode representar bem essas duas forças. De um lado temos uma equipe fundada na cooperação para competir, lutar, jogar contra outra. Daí o fascínio das pessoas pelo futebol, pois ele representa a vida, ainda que de uma forma efêmera.

Outra polarização aparentemente inconciliável é do criacionismo x evolucionismo, da religião x ciência. Este dualismo também é indevido, pois elas são doutrinas complementares e não se excluem. O problema é que uma defende forças evolutivas cegas e a outra defende um fixismo e fé cega. As religiões pregam um mundo pronto e acabado. Deus criou o homem sem a evolução. Então, negam uma lei natural, criada pela própria divindade, porque um livro “sagrado” está dizendo. As religiões cristãs acabam negando a realidade.



O evolucionismo cego e sem propósito tem muitos problemas. Uma série de 10 artigos sobre os problemas científicos da evolução biológica e química foi publicada no capítulo “The Top Ten Scientific Problems with Biological and Chemical Evolution” do livro “More than Myth” de autoria de Casey Luskin, editado por Paul Brown e Robert Stackpole (Chartwell Press, 2014). Os problemas são:

- 1) Nenhum existe mecanismo viável para gerar uma sopa primordial;
- 2) Processos químicos não guiados não podem explicar a origem do código genético;
- 3) Mutações aleatórias não podem gerar a informação genética requerida para estruturas irreduzivelmente complexas;
- 4) A seleção natural luta para fixar vantagens nas populações;
- 5) Aparência abrupta de espécies no registro fóssil não suporta a evolução Darwiniana;
- 6) A biologia molecular falhou em produzir uma grande “Árvore da Vida”;
- 7) A evolução convergente desafia o darwinismo e destrói a lógica por trás das ancestrais comuns;
- 8) Diferenças entre embriões de vertebrados contradizem as previsões de ancestrais comuns;
- 9) Neo-Darwinismo luta para explicar a distribuição biogeográfica de muitas espécies;



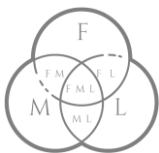
10) O neodarwinismo tem uma longa história de previsões imprecisas darwinianas sobre os órgãos vestigiais e o “DNA lixo”.

Problema após problema, o autor vai desconstruindo a ideia de uma evolução cega. Não faz sentido um universo sem sentido. A evolução direciona rumo a integração.

Em harmonia com o exposto, podemos dizer que as polarizações efêmeras inspiram o realismo, o mais forte, a seleção natural. Inspirou também doutrinas nefastas de filósofos, como Maquiavel, Sartre, Nietzsche, e inspirou má interpretação da evolução de Darwin. O realismo é materialista, empírico, fatalista, cético, pessimista, sensacionalista, atribuindo todo conhecimento a sensação. As ciências podem atribuir o dualismo a fatos como a Natureza, o Acaso, a Sorte, a Coincidência. Estes deuses da ciência reduzem tudo a causas físicas. O reducionismo acredita ser nossa personalidade devida a causas cerebrais.

Estas são as principais doutrinas filosóficas e numéricas com base na realidade, com base em visões de mundo. Outras numerologias são com base em religiões e esoterismo. Os judeus tinham números sagrados com os números 12 e 5, por causa das 12 tribos de Israel e do pentateuco bíblico. Os cristãos têm números sagrados como 3 e 666, por causa da santíssima trindade e do número da besta. Estes e muitos outros são números de contextos locais e pessoais, sem base racional e real, sem universalidade como os números 0, 1 e 2 e a ideia de infinito para o pluralismo.

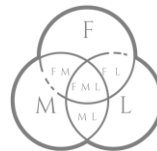
Vamos estruturar estas numerologias em uma visão holística-racionalista e sem esoterismo, sem oposições, sem ambiguidades, sem contradições dentro da realidade. Dado o seu



caráter absoluto, a matemática é um bom começo para evitar equívocos dentro de um sistema filosófico. A filosofia pluralista vamos basear na teoria dos conjuntos. Para nós, os objetos matemáticos, sejam números ou pontos, podem participar de conjuntos finitos ou infinitos. A pedagogia da matemática sempre começa por seus elementos (objetos ou conteúdo) em conjuntos.

A teoria de conjuntos nos traz os principais conjuntos numéricos: naturais, inteiros, racionais, reais, complexos. Estes conjuntos têm a característica de serem infinitos. Há muitos outros conjuntos infinitos como o dos números pares, ímpares, primos. Podemos delimitar estas infinidades, como o conjunto de pares até 10. Em matemática, existe a figura do conjunto vazio, mas ele é, em verdade, um objeto (não um conjunto) para interagir com outros conjuntos (aqui também serão objetos). Funciona como o zero para interagir com outros números. São os objetos de um conjunto que interagem e quando há interação de conjuntos, estes são objetos do sistema. As operações entre conjuntos são interações dentro de um conjunto maior, o conjunto universo.

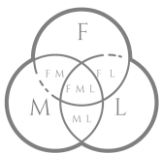
Os elementos dos conjuntos interagem através das operações binárias. Estas operações enquadram em nosso dualismo filosófico. As expressões e equações aritméticas ou algébricas são em forma de linhas. As operações binárias são realizadas sequencialmente da esquerda para a direita ou por ordem de prioridade: os agrupadores (como parênteses) exercem prioridade, depois os expoentes e radiciações, multiplicações e divisões, subtrações e divisões. Não existe operações simultâneas. Operações ternárias em matemática contém 3 operandos, mas são duas operações binárias sequenciais e não simultâneas. A operação unária em matemática, para nós, não chega a ser uma operação, mas sim uma questão existencial em razão do princípio negacional.



Considerando estas ressalvas, resta o dualismo matemático. Então, o pluralismo filosófico na matemática está nos conjuntos que têm elementos-objetos indo ao infinito e além. A interação entre tais objetos é dualista, enquadrando aqui o dualismo filosófico. Destas interações lógicas (operações) saem um resultado. Este resultado é único e vislumbramos a filosofia monista aqui. Também teremos ressalvas aqui. Podemos ter várias soluções, mas apenas um resultado, como nas raízes algébricas, cujas soluções dependem do grau da equação.

Forte no exposto, conjecturamos uma estrutura pluralista, dualista e monista na matemática. Em teoria de sistemas, vislumbramos a matemática como um sistema ou encadeamento de sistemas. Em essência, sistema é um todo (conjunto em math), composto de partes (objetos em math). O funcionamento do sistema envolve uma entrada, um processamento e uma saída. Ora! A entrada do sistema aritmético são os 2 operandos, o processamento é a operação lógica, a saída é o resultado. Números é um sistema, o conjunto de algarismos suas interações. O sistema decimal tem 10 algarismos, a entrada promove as interações deles, depois há o processamento da base (potências de 10, no caso de decimal) e tem como saída um número. Números são os menores sistemas em aritmética e álgebra. Depois, temos teoremas, conjecturas, demonstrações como sistemas maiores. Igualmente, podemos vislumbrar a geometria como um sistema, um conjunto de pontos e suas interações. Um círculo é um sistema que envolve um ponto de origem e um raio que determina infinitos pontos equidistantes. As interações entre estes pontos resultam em graus e radianos.

Similarmente, veremos a estrutura pluralista-dualista-monista na linguagem. O vocabulário é um conjunto de palavras

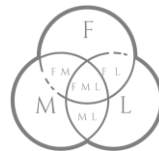


(objetos linguísticos), em tese, infinitas. As interações entre as palavras são binárias e sequenciais, obedecendo a ordem da esquerda para a direita. Não existe interações simultâneas de 3 palavras. As interações binárias vão acontecendo em sequência até o ponto final e resulta em a semântica, um significado (um monismo).

A silogismo lógico pode ser visto como um sistema. Retiramos duas premissas de um conjunto de infinitas proposições. Elas vão interagir logicamente e resultar numa conclusão. Notem que expomos sistemas metafísicos: matemática, linguagem e lógica. Podemos observar esta estrutura em toda física, biologia e sociologia. A física vai de sistemas atômicos até sistemas galáticos. A biologia vai de sistemas celulares até sistemas ecológicos. A sociologia vai de sistema familiar até o sistema estatal.

Apesar da lógica ser vista como um sistema, gostamos de vê-la como a dinâmica do sistema. Ela liga a entrada do sistema à saída do sistema. Chamamos de lógica “se-então-senão”. Na matemática, “se” escolhemos 2 operandos quaisquer, “então” a operação aritmética vai ligar esta entrada de operandos à saída do resultado. A dinâmica da lógica é melhor vista na lógica de programação. Inicialmente, os algoritmos expõem uma condição existencial “se”. Caso exista (verdadeiro ou 1), tem como efeito “então”, a execução de uma ação (verdadeiro ou 1). Caso não exista (falso ou 0), tem como efeito “senão”. Por exemplos: se eu conseguir férias, então viajarei; senão trabalharei. Se $x=a$ e $a=b$, então $x=b$. Neste caso matemático, o senão vem implícito. A conta está errada.

Celulares e notebooks do mundo inteiro funcionam com esta estrutura. Zilhões de dados (pluralismo) estão disponíveis na

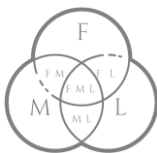


rede mundial, passam pela dinâmica da lógica de programação (dualismo) e resultam em informação, ação única e determinada pela lógica (monismo). A programação vai nos fornecer uma informação de saldo em conta ou uma foto ou um áudio. O dualismo lógico nos leva a uma direção única, possibilitando uma integração do todo.

Cientistas e matemáticos buscam padrões com a matemática. Ocorre que a própria matemática tem um padrão: uma infinidade de números e pontos que passam por dualismos para chegar a UM resultado. Em aritmética, os números em interação que passam pelo dualismo das operações para se chegar a um resultado. O propósito dela é UM resultado. Percebemos uma estrutura universal: pluralismo-dualismo-monismo. Similarmente, nós conceituamos linguagem como palavras em interação que passa por dualismos para chegar a UM significado. Este pode ser uma informação, comunicação, conhecimento. Igualmente, a lógica dentro de infinitas proposições promove uma interação de conceitos que passam por dualismos para se chegar a UMA verdade.

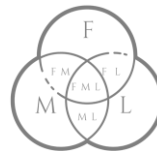
De forma igual, o universo é programado. O dualismo é o caminho que integra o todo. Todas nossas decisões passam pelo fluxo do dualismo “se-então” e tem o “senão” como contrafluxo, mas ainda assim integrando o todo. A direção da existência é no fluxo do universo, cabendo o contrafluxo o processo de repetição.

Nosso sistema filosófico oferece um propósito em analogia com a matemática, a linguagem e a lógica. A matemática tem o propósito de um resultado. Este vem através das regras de integração dos números. Semântica é o propósito da linguagem. As regras da linguagem promovem a integração das palavras. O propósito da lógica é oferecer uma verdade. As interações dos



Romildo Araújo Machado

conceitos pelas regras levam a uma integração. Interações levam a integração. Em analogia, a vida promove interações que levam a integração.

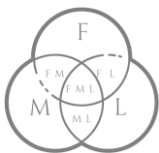


11. Fluxo do Universo

Como funciona o universo? A física vai falar em entropia, a qual prega um caminho da ordem para a desordem. Um ovo cai, quebra e a gema e clara saltam para fora da casca e não tem como voltar a ser ovo. A biologia vai falar em evolução e seleção natural, luta pela vida onde o mais forte ou habilidoso em detrimento do mais fraco. Estas forças, entropia e seleção natural, negam a inteligência do universo e da vida. Mesmo o ovo quebrado vira alimento para a vida. O ovo não quebrado resulta em outra vida. A seleção natural não prevê o fraco de posse de uma arma de fogo que pode eliminar o forte ou habilidoso. Estas forças cegas da natureza não têm um propósito para o universo e para a vida. O acaso regularia o funcionamento do universo.

Estas ciências têm uma visão materialista da existência. Em oposição, as religiões têm uma visão espiritualista da vida e do universo. Elas vão defender o Criador do universo, da vida e um propósito para a criação. O mundo físico está em interação como o mundo metafísico. Porém, tal criação e propósito são infantis, defendidas em tradições orais e livros sagrados. Elas pregam deus (es) intervencionistas em que os mais adoradores teriam benesses maiores, como ganhar dinheiro, uma guerra ou jogo de futebol. Apesar do intervencionismo, o acaso não existiria. Uma folha não cairia da árvore sem a permissão de Deus.

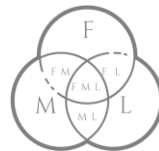
Forças cegas ou fé cega não são boas explicações para a existência. Não conseguimos entender um universo sem inteligência. A Natureza ou Deus têm que ser uma inteligência suprema e não infantilidades primitivas. Devemos buscar uma



racionalidade maior da inteligência suprema, seja ela a Natureza, Deus ou qualquer outro nome que queiram dar. Uma inteligência intervencionista não é uma inteligência suprema, pois suas leis poderiam ser infringidas por inteligências inferiores, como os humanos. Esta é nossa premissa: a inteligência suprema criou leis cósmicas perfeitas e sem necessidades de retoques, emendas ou intervenção direta.

Forte nesta ideia, vamos advogar axiomas e regras mínimas para a existência e funcionamento da vida e do universo. O pluralismo da existência é inegável e, assim, as interações entre estas existências é igualmente inegável. Não há existência isolada, pois só de pensar em algo isolado, este algo já está interagindo com o pensamento de alguém. A interação é sempre dualística sem interações simultâneas com 3 objetos. Em física, temos um clássico problema dos 3 corpos. As leis da gravidade de Newton são claras para 2 corpos. A interação direta de um terceiro gera o caos entre eles. A lua interage com a terra que interage com o Sol que interage com a galáxia. As palavras de uma frase são organizadas linearmente e a interação é sempre com a próxima palavra da linha, para depois interagir com a seguinte e assim sucessivamente. Logo, não há interação entre 3 palavras simultaneamente, mas sim sequencialmente.

Igualmente em matemática, a interação entre os números é sempre binária. Aparentemente, podemos ter um operando, mas sempre há uma operação binária de 2 operandos implícita. É o caso da função com uma variável de entrada: $\ln(x)$, $\log(x)$, $\sqrt[3]{x}$, $x!$, $\sin(x)$, x^2 . Em todas elas temos uma variável, mas que opera com duas ou mais quantidades. Em um caso, $x^2 = x.x$, em que a variável opera com ela mesmo, ou seja, são dois operandos. Há o caso de operação unária em que há apenas um operando, mas não se trata

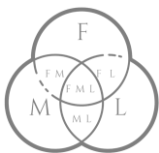


de uma operação para nós, mas sim de questão existencial em razão do princípio da negação. Também se fala em operação ternária em matemática com 3 operandos, mas sempre interagindo inicialmente 2 operandos e depois interagindo com o terceiro. É uma função com 3 variáveis. Por exemplo, o produto de 3 vetores não são simultâneos: $w(u.v)=u(w.v)=v(u.w)$, sendo realizada duas operações binárias que resultam em um vetor.

Dentre um conjunto (de astros, palavras ou números), dois elementos interagem e temos um efeito (movimento, sentido ou resultado). Como um sistema, temos um conjunto de onde saem 2 elementos para se relacionarem e produzir um resultado. Dentro da visão sistêmica da realidade, o funcionamento implica em uma entrada, um processamento e uma saída.

O processamento do sistema liga a entrada do sistema à saída. Nós advogamos que este elo é pela lógica universal “se-então-senão”. Em tecnologia da informação, isto é trivial, implicando em zilhões de fenômenos em celulares e computadores no mundo inteiro. A estrutura de funcionamento lógico dos algoritmos é classificada como sequencial, condicional e de repetição. A estrutura sequencial tem caminho único do algoritmo no fluxograma. Porém, a lógica “se-então” está implícita. Isto é muito comum em calculadoras. “Se” o usuário escolhe subtrair 6 de 9, “então” o resultado é 3. Quem escolhe a entrada de dados é o usuário, mas a saída é determinística. Aqui, podemos ver 2 valores filosóficos fortes em nosso sistema filosófico: liberdade x determinismo. Eles se juntam ao valor existencial dos objetos matemáticos, no caso, os números.

A estrutura condicional deixa claro a lógica universal “se-então-senão”. Primeiro, estabelecemos uma condição existencial, depois 2 caminhos (no fluxograma) para seguir, um por conta do

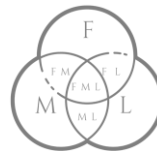


“então”, outro por conta do “senão”. Exemplificando fica mais visível. “Se” eu ganhar mil reais (condição existencial), “então” vou viajar para a praia. “Senão”, fico em casa. Esta condição em lógica é nomeada verdadeira (então) ou falsa (senão). Em lógica booleana, a condição é 1 e 0, se existir ou não respectivamente.

A estrutura de repetição são vários “se-então-senão” seguidos. Um programa de contagem utiliza deste artifício. Declaramos um número para iniciar a contagem, inserimos um comando de incremento até o número final da contagem. Na vida “real” também isto ocorre com frequência. Imagine um desempregado procurando emprego. Ele vê várias oportunidades nos classificados. Seleciona um e vai para entrevista. Não deu certo, vai para outra entrevista e para outra até acertar.

Para nós, este é o fluxo do universo: se-então-senão. Estes não são valores físicos, mas são valores metafísicos universais. As pessoas tomam decisões certas e progridem. Também tomam decisões erradas e entram no refluxo do senão. De um ponto de vista biológico-jurídico, um crime de homicídio é um erro sem volta e sem reparo. Entretanto, de um ponto de vista reencarnacionista, o criminoso pode morrer pela arma que empregou no crime em outra oportunidade existencial. Vale salientar que a definição de homicídio (acabar com uma vida) não vale para a nossa realidade, o mundo metafísico.

Neste sentido, a liberdade de tomar decisões não existiria, pois tudo estaria programado e determinístico. Quando tomamos uma decisão errada, em loop de repetição, teremos outra oportunidade de tomar a decisão certa. Para nós, o exercício da liberdade de escolha para a decisão errada existiu e de forma absoluta. O fluxo lógico “se-então-senão” pode parecer realmente uma programação cósmica que limita a liberdade. Mas existe uma

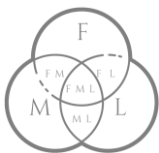


liberdade que acreditamos ser absoluta: a liberdade de criação ou imaginação. Agora, vamos advogar esta ideia com base na matemática: a liberdade de criação ou escolha dos axiomas.

Inicialmente, o método axiomático-dedutivo continha axiomas auto evidentes, conforme a geometria euclidiana. Este método consistia de algumas definições absolutas iniciais e regras de interação para sustentar a geometria. Com o surgimento das geometrias não euclidianas, os axiomas inquestionáveis da geometria dão lugar para liberdade de escolha. Os axiomas ganham liberdade na criação e permitiu surgir a axiomatização da álgebra, da aritmética e da matemática das probabilidades. A única preocupação era com as consequências dos axiomas. “Se” definirmos assim, “então” ocorre assado, “senão” está errado e há um loop, um reinício. A lógica “se-então-senão” funciona em toda matemática e em toda existência.

Em aritmética, os operandos e a operação são de livre escolha, mas o resultado é determinista. Similarmente, temos o se-então. Os operandos são os dados de entrada: parcelas na adição, fatores na multiplicação, minuendo e subtraendo da subtração, entre outros. Definidos tais operandos e sua operação binária temos o resultado: soma, diferença, quociente, produto. Em álgebra, definindo as constantes em interação com as variáveis, temos o conceito de função em que a entrada de uma variável, processada pela lei da função, resulta em apenas um valor. Em álgebra moderna, quando definimos o conjunto e a operação, a interação de 2 elementos produz um resultado. Igualmente, podemos vislumbrar a lógica se-então-senão.

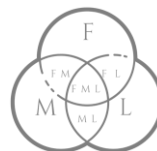
Em analogia à computação, pode-se vislumbrar um sistema intelectual semelhante entre os humanos e as máquinas inteligentes. De modo simples, sistema intelectual envolve a



memória curta e longa, linguagem e processamento de informações. A lógica se-então-senão é forte nas duas. Nos seres humanos, este sistema cognitivo é metafísico e nas máquinas, semelhantemente, é virtual. Obviamente, o ser humano tem muitas diferenças das máquinas, como as emoções e sentimentos. Acreditamos que as emoções gravitam em torno da lógica “se-então-senão” e são efêmeros, enquanto o aprendizado lógico “se-então-senão” dos objetos permanece no tempo-espaço.

A lógica pode ser um sistema, como no caso do silogismo, ou a dinâmica do sistema (se-então), ligando entrada e saída. Existem muitas lógicas, pois existem muitos sistemas. Mas toda lógica tem o princípio processual dinâmico “se-então-senão”, fundamento da lógica. Este princípio é aplicado de forma simples e ampla. Se as premissas estão certas, então a conclusão é verdadeira, senão é falsa. Até mesmo os animais são regidos pela lógica se-então-senão: se é comida, então comer, senão, não comer e procurar comida; se é fêmea, então acasalar; se é um predador, então fugir. Todo e qualquer sistema tem entrada e saída de dados, memória e o processamento se-então-senão. Do computador aos insetos, da vida humana a vida vegetal temos (ou somos) estes sistemas. O ser humano recebe dados sensoriais diversos. Ao processá-los, fica armazenado em sua memória e a saída forma hábito, relatório, fala, entre outros. A lógica se-então-senão resolve as decisões. Se a decisão for errada (senão), entra no processo de repetição. “Se-então” é o fluxo do universo. O “senão” é o contrafluxo do universo. Em computação, o “senão” envolve o loop, um processo de repetição que volta ao começo da programação até que uma condição (se-então) seja satisfeita.

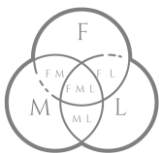
A reflexão sobre esta ideia lógica se-então revela a existência de 3 princípios universais: existencial, liberdade e



determinismo. Ela funciona em toda matemática. Primeiro, cria-se a existência dos objetos matemáticos, depois veem as consequências lógicas. Definições e problemas matemáticos sempre começam com a liberdade do “se”, a criação ou uso dos objetos matemáticos: sejam “x” e “y”...; dados os conjunto A e B... Mas em seguida vem o determinismo em que o aluno deve apresentar o “então”: calcule o resultado da soma do par de objetos matemáticos x,y; determine a intersecção dos conjuntos A e B, igualmente objetos matemáticos.

Estes valores filosóficos da matemática estão em toda realidade, especialmente no Direito. Os maiores valores do Direito são a vida (a existência), liberdade e igualdade. todos os outros direitos e leis são com base nestes princípios. Estes valores jurídicos não são valores matemáticos, pois não podem ser precificados, não podem ser quantificados. Por isto, matemáticos não os enxergam. Filosoficamente, os valores liberdade e igualdade são visíveis e fáceis de conciliar na matemática. A matemática só não conseguiu conciliar o valor existencial ainda. Tais valores são universais e existem também na política, na economia e nas religiões, mas difíceis de conciliar em razão das limitações filosóficas e teológicas do homem. Os valores liberdade e igualdade, fortemente presentes no direito, promovem um duelo na política e na economia: esquerda x direita. A esquerda fundamenta-se no valor da igualdade, enquanto a direita baseia-se na ideia da liberdade. Isto é assunto para outro campo de estudo de nossa seara, Metadireito.

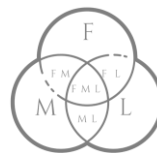
Os 3 maiores valores do direito (existencial, liberdade, igualdade) são valores de todo e qualquer sistema. Para se ter um sistema, há necessidade existencial de objetos para haver interações lógicas. Liberdade é o direito de escolha dentro do sistema, mas



toda escolha tem consequências lógicas. Este determinismo lógico implica em um resultado lógico, representado na matemática com a igualdade. Dentro de um sistema, nós somos objetos físicos e metafísicos. Nosso corpo é um sistema que interage com meio ambiente. Nossa mente é sistema que interage com o ambiente. Mas também somos um objeto quando interagimos com o todo, outro sistema. Os conceitos jurídicos relevantes e inconciliáveis da ciência do Direito (liberdade e igualdade) são facilmente percebidos na matemática. Pode-se escolher números aleatórios em uma equação, mas passados pelas regras aritméticas, a igualdade é inevitável. Ou seja, atua-se na causa, mas efeito é inevitável.

Para o EM, assim como o método axiomático-dedutivo moderno, tudo começa com um ato de vontade, um ato de liberdade, para depois vir o determinismo. Então, temos liberdade inicialmente e depois do ato de vontade temos o determinismo, um resultado. Existe muitos nomes e filosofias para este dualismo. Causa e efeito, lei do retorno, lei da consequência, reencarnação. Entretanto, há uma divergência filosófica entre liberdade e o determinismo, pois alguns defendem a incompatibilidade entre os dois. O livre-arbítrio afirma que somos administradores de nós mesmos, fazemos escolhas e temos um futuro aberto. O determinismo nega o livre-arbítrio e prega um mundo fechado. Alguns defendem que o determinismo é incompatível com o livre-arbítrio, enquanto outros advogam a compatibilidade.

Há duas teorias filosóficas que negam a coexistência do determinismo e do livre-arbítrio: enquanto o libertismo prega que o universo não pode ser determinista, por que temos liberdade, o determinismo radical defende que a liberdade é apenas ilusão. Em contrapartida, o compatibilismo utiliza a estratégia naturalista de que o livre-arbítrio é produto da evolução. O mundo, inicialmente,

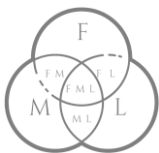


tinha um futuro fechado em causa e efeito. Depois se tornou aberto com a liberdade de escolha, oportunidade que surge a moral, o direito e as religiões que pregam a responsabilidade, uma espécie de determinismo moral, legal. Como o método axiomático-dedutivo, temos liberdade no início e determinismo no final.

Nas religiões, o compatibilismo tem uma forte analogia com a alegoria da sementeira que ilustra bem a ideia da lógica se-então: a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Podemos escolher plantar arroz ou feijão, mas depois de escolhido arroz, a colheita é de arroz. A narrativa alegórica se torna moral quando fazemos esta analogia: podemos escolher o bem ou o mal, mas depois de escolhido, a responsabilidade é obrigatória.

Também percebemos esta lógica “se-então” na física. Grandeza em estudo da física, refere-se ao possa ser medido. Medir significa comparar o tamanho de duas coisas: um padrão escolhido pelo observador e outro padro do objeto a ser estudado e comparado com o padrão. A medição mais comum é o comprimento. Todos que passaram pela escola já lidaram com uma régua. A regra é um encadeamento de unidades de medidas em milímetros e centímetros. Esta ideia é chamada de escala. Aí é só comparar com objetos a serem medidos que a régua irá dizer a mesma quantidade de centímetros e milímetros dos objetos a serem estudados e medidos.

As unidades de metros, polegadas, segundos, horas, pesos, massas, densidades não são algo determinado ou visível na natureza. Estudiosos escolhem com liberdade, bom senso e inteligência tais unidades de medida e a sociedade passa a compartilhar. São padrões aleatórios escolhidos pelo homem e adotados pela sociedade. Há sempre a liberdade no começo. O determinismo vem depois da escolha. A trindade física, matéria-



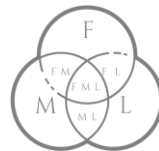
tempo-espaço, são grandezas, passíveis de serem medidas para serem estudadas. Tais medições foram definidas de forma livre e compartilhadas ao longo da história humana.

Da mesma forma que o método axiomático-dedutivo matemática moderna, a física começa com uma liberdade de axiomas, definições, premissas. Pode-se escolher uma entre várias unidades de medida, mas depois de escolhida ela irá ter a mesma medida para todos os objetos de estudo. Em forma lógica se-então-senão, se escolheu o metro ou polegada como unidade de medida, então o determinismo será a mesma medida para todos os objetos, senão a conta tá errada.

Na física, o universo macro é determinado. A partir de fenômeno, dado o estado inicial, em seguida, teremos apenas um estado físico possível. Vigora o princípio da causa e efeito. Ao aplicar uma força em um objeto imóvel, o único estado seguinte será o deslocamento do objeto na mesma direção da força aplicada. Observem que a causa foi um ato de vontade, mas o movimento foi determinístico. Quanto ao movimento inicial do universo, a física atribui ao Acaso, ao Nada e ao Big Bang. As religiões pregam um ato de vontade, conforme o criacionismo divino.

A nível quântico tal determinismo foi minguido. A matemática das probabilidades passou a regular o movimento no mundo subatômico. Porém, se o elétron pode “escolher” onde vai estar, podemos especular um princípio existencial, dotado de vontade.

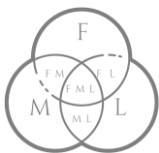
Ao que parece, toda matemática deriva de uma liberdade inicial e determinismo na sequência. Os problemas ensinados na escola sempre começam com uma liberdade do professor e cabe ao aluno buscar o determinismo. As operações elementares



também funcionam assim. A álgebra moderna, assim, funciona. Igualmente, funciona na lógica computacional. A programação propriamente dita também contém o “se-então”. A condicional começa com o teste lógico e o “se” for verdadeiro, “então” seguirá determinado caminho, “senão” (se for falso) seguirá caminho diverso. A programação de repetição funciona como “se-então” repetidos diversas vezes.

A liberdade da criação de axiomas na matemática, principalmente em matemática pura, nos permite a imaginação sem limites e ela deu um salto conceitual para o infinito. Há uma tendência de se acreditar que o mundo “real” é finito. De fato, o número de gotas d’água do oceano e grãos de areia da terra, apesar da impossibilidade técnica de se contar, são passíveis de serem contados. Mas os números naturais e reais são infinitos, com a diferença de que os naturais tem um começo, mas não os reais. Os naturais são infinitos numa única direção. Na reta numérica, começam no zero e se estendem ao infinito pela direita. Incrivelmente, entre dois números reais quaisquer existe infinitos números. É o que se chama de matemática contínua em oposição a matemática discreta dos naturais.

Agora, o “se” e o “então” não são mensuráveis, são princípios universais. A liberdade e a igualdade são princípios matemáticos, mas também funcionam nas ciências físico-biológicas e nas ciências sociais (economia, política e direito). Entretanto, o homem ainda não os sabe conciliar tais princípios em razão de sua infância evolutiva. Existência, liberdade e igualdade são 3 valores jurídicos-filosóficos, mas também são valores matemáticos, mas não podem ser precificados, não podem ser quantificados. Por isto, matemáticos e os físicos não os

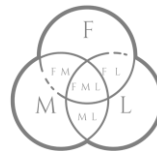


enxergam. Esta ideia será defendida em outra obra de nossa seara, Metadireito.

A existência dos objetos matemáticos e a lógica “se-então” são valores filosóficos da matemática. A existência do homem frente a liberdade e as consequências são valores jurídicos e filosóficos universais. Com base na teoria dos sistemas e no Direito, advogamos o direito existencial dos objetos matemáticos e linguísticos frente o sistema axiomático-dedutivo. A negação ao direito existencial de tais objetos nega também a matemática e a linguagem como sistemas e gera incoerência.

A fluxo do universo é o “se-então”. O “senão” é contrafluxo do universo. Este é um caminho muito inteligente de controlar o universo. A lógica “se-então-senão” vai aumentando a memória da inteligência com os “erros” e “acertos”. O aumento da memória e do processador leva ao fluxo, enquanto a memória menor pode levar ao contrafluxo que gera um loop, uma repetição de decisão e permite o acerto em um futuro. A vida é um emaranhado de causa e efeito. Muitos efeitos são difíceis de enxergar a causa que pode inúmeras e estar em um passado remoto, a considerar as teologias orientais.

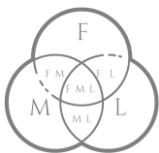
Os fundamentos da realidade e os fundamentos da matemática se confundem. Tais foi o primeiro filósofo. Ele buscou os fundamentos da realidade e para ele, a água era o princípio da realidade. Biologicamente, ele tinha razão. A vida vem da água. Outros defenderam que o ar, outros a terra, outros o fogo era o princípio. Esta ideia ficou conhecida como os 4 elementos. Mas foi Pitágoras o primeiro filósofo a defender que os fundamentos da realidade era números. Tudo era números. Vale dizer, os fundamentos da realidade e da matemática são os



mesmos. Ele tinha razão. Tudo que existe é passível de ser contado (e também nomeado).

Fazendo eco com Pitágoras, Platão relevou a matemática ao mundo das ideias e a um Demiurgo. Este seria o Deus da Razão, o Deus Matemático. Racionalismo é uma posição epistemológica, releva a razão e menospreza os sentidos e a experiência (empirismo, posição filosófica oposta). Tudo que existe tem uma causa (EM, esta causa é um ato de vontade), com consequências lógicas. Advogamos o compatibilismo entre liberdade e determinismo. Temos liberdade nas decisões e escolhas erradas nos levam ao contrafluxo até a escolha certa. Há realmente uma programação cósmica nisto, passível de crítica da liberdade de decisão, mas a liberdade de criação é plena.

A vida é o direito existencial. Depois dele, temos a liberdade e a igualdade como os maiores valores do Direito. Em síntese, a vida é o direito de existência frente a liberdade de escolha e o determinismo desta escolha. Não é o acaso e nem uma intervenção divina direta que movem o nosso mundo, mas a lógica se-então-senão que promove o fluxo e contrafluxo do universo. Em todas as interações, a lógica liga todas entradas às saídas de todos os sistemas, seja físico ou metafísico.

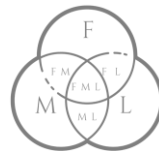


12. Existencialismo

Existencialismo é formado pela palavra existência e pelo sufixo “ismo”. Existência é um substantivo que vem do verbo existir e dá ideia de algo real em oposição ao nada. O sufixo ismo exprime a ideia de movimento ou seguidores de uma corrente filosófica, literária, política, religiosa, entre outros. Em nosso caso, exprime uma doutrina filosófica seguida.

A palavra existencialismo surgiu durante a segunda guerra, elaborada pelo filósofo francês, Gabriel Marcel. Os trabalhos de Arthur Schopenhauer, Søren Kierkegaard, Fiódor Dostoiévski e dos filósofos alemães Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Martin Heidegger tiveram influência na criação da palavra existencialismo do filósofo francês. Adotado pelo estudioso francês Jean-Paul Sartre que publicou o livro “O Existencialismo É um Humanismo” em 1946, ajudou a divulgar o termo.

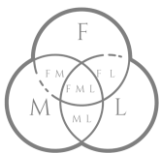
Apesar da modernidade da palavra, as questões existenciais sempre foram os fundamentos da filosofia. A existência é tratada pelas antigas narrativas mitológicas, filosóficas e até da matemática. As mitologias tratam da existência de deuses e de um mundo metafísico. Desde a Grécia antiga, filósofos trabalham sobre a existência dos objetos matemáticos. Descartes defendia a dúvida de tudo, menos da existência: penso, logo existo. As filosofias gregas refletiam sobre a origem e o propósito da existência. O existencialismo moderno trata apenas de uma das principais questões existenciais. Para onde nós vamos?



Hoje, o termo se refere à escola de filósofos dos séculos XIX e XX. Estes pensadores têm em comum o ponto de partida do pensamento filosófico: o sujeito num mundo sem sentido e confuso. Os filósofos existencialistas mantiveram a ênfase no indivíduo, mas divergiram quanto a outros aspectos do existencialismo. Kierkegaard, fundador do existencialismo era religioso. Depois do pós guerra, ocorreu uma virada. Sartre e seu existencialismo eram ateus. O existencialismo se divide em dois seguimentos, um religioso e outro ateu.

Sartre foi o principal representante do existencialismo ateu. Assim, o existencialismo ateu era contrário ao existencialismo divino. Para o ateu, o homem era responsável por definir a sua essência, enquanto o divino era Deus que definia a essência. O existencialismo ateu declara que não existindo Deus, todo o fundamento universal desaparece, o que origina a subjetividade da moral. Então, um sentimento de angústia revela a fragilidade humana. Sua responsabilidade única perante qualquer ato permite uma certa liberdade individual para criação de seu projeto de vida ou compromisso social. Ainda em Sartre, a existência precede a essência, ou seja, primeiro existe e depois determina a sua essência, através das suas ações e forma de viver a vida. Nós discordamos com nosso exemplo do sapato. Quando o homem faz o sapato, ele sabe que é para calçar os pés. Ou seja, sua essência precede a sua existência.

Para Platão, tudo vem do mundo das ideias, ou seja, toda existência tem uma essência anterior. Tudo que o homem faz tem uma essência primeira. O carro é para nos locomover, a casa é para nós morarmos. Ou seja, tudo que o homem faz tem primeira a essência, a ideia, para depois existir. Na natureza também. A árvore tem a essência primeira, seja ela frutífera ou para sombrear, para

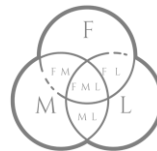


depois existir. Para Sartre, o homem seria uma espécie de exceção, onde existimos para depois pensarmos em nossa essência. Enquanto Sartre foi considerado principal representante do existencialismo, o filósofo Søren Kierkegaard foi considerado o pai do existencialismo. Ele advogava a ideia que apenas o sujeito pensante poderia dar significado à sua vida, apesar dos obstáculos como o absurdo, a alienação, a ansiedade, entre outros.

Existencialismo é uma doutrina filosófica centrada na análise da existência e do modo como seres humanos têm existência no mundo. Procura encontrar o sentido da vida através da liberdade incondicional, escolha e responsabilidade pessoal. Segundo esta corrente filosófica, os seres humanos existem primeiramente e depois cada indivíduo passa a sua vida mudando a sua essência ou natureza. Este pensamento nos levou a uma variedade de existencialismos. O existencialismo filosófico exerceu uma grande influência na teologia e na psiquiatria. O existencialismo passou a influenciar a literatura europeia, sobretudo o teatro. Surgiu o “teatro do absurdo”, preocupado em mostrar a falta de sentido da vida.

A questão da dor também promoveu um tipo de existencialismo. O poeta e filósofo espanhol, Miguel de Unamuno, inovou com uma espécie de existencialismo da dor. Ele teria dito: o que nos torna humano é o fato de que sofremos. Ele aproxima de Buda que enfatiza o sofrimento e oferece o caminho Óctuplo para libertação.

Para José Ortega y Gasset, filósofo espanhol, não faz sentido separar nós do mundo. A premissa é que estamos imersos em circunstâncias particulares, muitas vezes opressivas e limitadoras. As limitações são físicas e psíquicas. Devemos imaginar novas possibilidades. Estas colidem com nossas

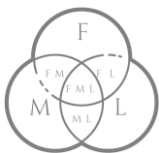


circunstâncias atuais. A vida é uma série de colisões com o futuro. A realidade é um processo em evolução onde a vida e o mundo são dependentes um do outro. A razão é vital para esta libertação. Ela mantém a energia da vida.

Para Martin Heidegger, filósofo alemão, a existência humana é a questão fundamental da filosofia, mas ele criticava a abordagem abstrata do ser humano. Ele tentou uma análise mais concreta de uma perspectiva interna. Na sua obra “O Ser e o Tempo”, o ser estava preso ao tempo. Somos seres essencialmente temporais. Sua filosofia ficou hermética até para ele mesmo, pois depois ele defendeu uma linguagem mais profunda, mais rica para a questão. Invocou a poesia para esta missão. Ele influenciou Sartre que o parafraseou em sua obra “O Ser e o Nada”.

Tetsuro Watsuji, importante filósofo japonês da primeira metade do século XX, percebeu que os pensadores ocidentais tendem a uma abordagem individualista do homem, tanto ética quanto existencial. Ele explorou a natureza humana em termos das nossas relações com uma comunidade maior, uma rede dentro da qual existimos. Para ele, a ética não é uma questão individual, mas sim o esquecimento do eu em benefício de uma comunidade mais ampla.

Simone De Beauvoir, amante de Sartre, criticou o machismo em toda sociedade. Para ela, tanto a sociedade como a filosofia eram machistas. Aristóteles chegou a chamar a mulher de homem com defeito. Ela dizia que o “eu” da filosofia era masculino e o seu par binário feminino era o “outro”. O Eu filosófico era ativo e consciente. O eu feminino era passivo, sem voz e sem poder. Seu pensamento era uma espécie de feminismo existencial. Aí ela fazia eco com Sartre, nascemos sem essência e devemos escolher o que queremos ser. Sua reflexão sobre o



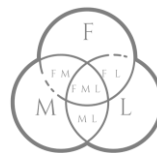
feminismo tem um fundo de razão, mas seu existencialismo, como o de Sartre, não parece uma boa ideia.

Alberto Camus, argeliano, pregou que a vida será mais bem vivida se não tiver sentido. Talvez, esta vida bem vivida e sem sentido faz sentido para ele, com o perdão da redundância, mas não para nós. Ele parte de uma premissa estranha, que temos uma consciência. A questão é temos consciência ou somos a consciência? Depois ele afirma que o universo não tem sentido e contradiz o fato de pensarmos que a vida tem sentido. Como ele pode afirmar que o universo não tem sentido?

O filósofo e psiquiatra Frantz Fanom, em 1952, publicou a obra “Pele Negra, Máscara Branca”. Ele estudou a herança psicológica e social dos negros pelo mundo. A submissão e o sentimento de inferioridade eram grandes entre os negros perante os brancos. Para Fanom, havia um desejo entre os negros de ter uma “existência branca”, o único caminho para eles. Temos aqui o “eu branco”, uma espécie de existencialismo racista.

Estes são exemplos modernos de existencialismos que se tornaram popular nos pós-guerras. É difícil ver sentido em guerras. Por isto, a falta de um idealismo, mas guerras integraram o mundo. Na antiguidade, uma tribo guerreava com outra e as unificava. Se não fosse as guerras, nós seríamos seres tribais até hoje. Atualmente, computadores e internet terminaram de globalizar o mundo e as guerras não fazem mais sentido.

Em sentido amplo, o existencialismo começa com a arte rupestre, passa pela mitologia e tem uma extensa série de precursores: Sócrates, Santo Agostinho, entre outros. Mas, em sentido restrito, a origem do existencialismo remonta a Kierkegaard que defende uma filosofia na qual o sujeito está

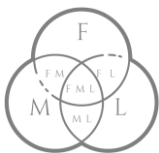


implicado na sua reflexão quanto à existência. Diferente de Hegel que prega um idealismo existencial. Apesar da modernidade do existencialismo, há muito a humanidade vem lidando com as questões existenciais. As artes rupestres viam o sentido da vida na caça e em suas armas. Ao lado destas figuras representativas da vida física, os autores colocavam figuras metafísicas como seres metade homem e metade animal, entre outras.

Depois da arte rupestre, vieram os mitos. O que são os mitos senão a busca pelo significado da vida e da existência? As religiões e os mitos foram os primeiros existencialismos. As religiões sempre pregaram nossa origem de um criador, a partir de um mundo metafísico e nosso retorno para ele. Deus, Alá, Jeová, Natureza ou a Inteligência Suprema criou nosso mundo, a partir do mundo dele, de um mundo preexistente, o mundo metafísico, por assim dizer.

A ideia de ir além da física, levou a existência à uma transcendência. O objeto de estudo a metafísica compreende a causa primeira, o sentido da vida e a finalidade de tudo e de todos. O início, o meio e o fim. Aristóteles afirmou que metafísica é o estudo da causa primeira e dos princípios primeiros de todos os seres ou de todas as essências. Estudo que deve vir antes de todos os outros, porque é condição de todos eles. Aristóteles chamava a metafísica de filosofia primeira. Para o EM, a matemática-lógica-linguagem são a filosofia primeira, instrumentos metafísicos da existência, da vida e da mente. A existência inspirou nos trabalhos de Platão na teoria das ideias. Tal estudo aproxima de uma teologia natural.

Teologia estuda o todo através da revelação. Metafísica estuda o todo através da razão. Estuda todas as coisas sob a perspectiva do conceito de ser supremo/absoluto e de causalidade,

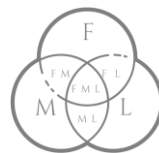


buscando a causa das causas, Deus, a causa suprema de todas as coisas. É a realidade máxima. Metafísica acaba sendo uma teologia natural. Diria, Teologia racional. Para a metafísica há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, que é um mecanismo pedagógico de controle do todo.

Metafísica acaba sendo o principal campo da filosofia, pois os outros ramos da filosofia (ética, política, estética e lógica) são objetos de estudo também das ciências. Alguns cientistas renomados menosprezam a filosofia chamando de inútil, outros anunciam a sua morte. Porém, são searas complementares. Ciência é descrição analítica e Filosofia é interpretação sintética. Ciência estuda particularidades, fragmentos. A ciência e a sociedade se concentram nos 5 sentidos e acaba promovendo a ignorância metafísica.

Os racionalistas dos séculos XVII e XVIII alargaram o âmbito da metafísica. Entenderam que ela se ocupava não só da existência e natureza de Deus, mas também da distinção entre mente e corpo, da imortalidade da alma e do livre-arbítrio. Em nossa obra, trata-se do mesmo objeto de estudo, o mundo metafísico. Tanto a mente como a causa primeira estão além do mundo físico.

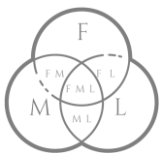
Assim, nosso espírito pertence ao mundo metafísico. Não adquirimos a alma ou espírito depois da morte biológica, mas sim somos almas. A Metafísica e as religiões pregam uma alma, espírito, consciência, um fluido vital além do cérebro. Nosso cérebro físico pertence a seara científica, onde termina a ciência. Entretanto, a ciência mapeia o funcionamento elétrico do cérebro, acredita que desvendou a existência em uma seara que não é sua.



O existencialismo moderno centra-se no sujeito pensador. Sócrates centrava o conhecimento no sujeito pensador e pregava o autoconhecimento. Descartes centrava o pensamento no sujeito e disse: penso, logo existo. Igualmente, o Existencialismo Metafísico centra no sujeito, no eu, como uma realidade inquestionável e eterna de um lado. Mas também tem foco no Eu-maior, no Universo. Diferentemente, o existencialismo moderno prega um mundo sem sentido e sem deus, no caso, um existencialismo ateu. Sócrates e Descartes não consideram Deus, mas buscavam o sentido racional da vida e não pessoal. O Existencialismo Metafísico vê sentido em tudo através de um “Eu-maior”, uma inteligência suprema ou Deus, como quiser.

A ciência nega este mundo metafísico, porém ela nunca terá uma resposta definitiva para o que é a vida, quando ela começa e termina. Nunca responderão por que a matéria inorgânica se tornou orgânica, pois estas searas não pertencem ao mundo físico e sim ao campo metafísico.

Em base física, todas as pessoas são iguais. Todas têm cérebro, coração, fígado, órgãos sexuais, dois braços, duas pernas, dois olhos. Excepcionalmente, temos a ausência de alguns deles ou a substituição por outro artificial. A diferença está apenas em detalhes genéticos. Mas em base psíquica, as diferenças entre as pessoas são extremas. A neurologia e a psicologia não têm uma boa explicação para isto. Em gêmeos univitelinos, temos corpos iguais e mentes diferentes. Então, podemos afirmar um distanciamento entre corpo e consciência. Sem a possibilidade de explicação da consciência em base científica, o encargo sobra para a filosofia. Para o verdadeiro filósofo, a consciência envolve a identidade, o “eu”.



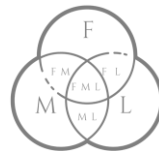
Agora vem a pergunta: onde está o “eu”? No cérebro, alguns dirão, mais especificamente na glândula pineal. Espiritualistas afirmam ser tal glândula o ponto de contato entre a alma e o corpo, assim com uma função transcendente. Muito se discute sobre a função desta glândula, mas ela está sempre ligada ao sono. Como advogamos, os sonhos também pertencem ao mundo metafísico.

Então, a realidade se trata do “eu” em interação com o todo. Mas porque existe o tudo em vez do nada? Eis uma questão da filosofia materialista. Para as religiões, esta questão não tem mistério. Para a ciência, ela existe e nunca será resolvida em um laboratório, pois é uma questão metafísica.

A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico do universo, uma programação para a integração do todo. A história é a execução de um plano oculto natural que conduz a um progresso moral e político da humanidade. A história universal tem um propósito cosmopolita, como quer o filósofo Kant. O progresso da ciência está atrelado a supremos interesses.

Não somos água combinado com outros elementos. Não somos o conjunto de seres estranhos a nós mesmo. Não somos um vazio ou sinais elétricos. Somos um ser e gostamos de pensar em termos metafísicos, de consciência, alma, espírito. Somos seres espirituais diferentes da matéria. Somos manipuladores da energia.

A origem única do universo convenceu as religiões, a ciência, filosofia e as artes. Tudo parece ter um começo, meio e fim. A sociedade registra o nascimento de todos os homens. Depois, sua maioria, casamento, divórcio. No fim, o

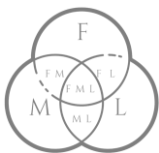


falecimento biológico. Cidades, países, animais, rios, mares, tudo tem uma história como início, meio e fim. Bom, muitos ainda não tiveram um “fim”, mas chegarão lá com o tempo. Nosso fim será a integração com o todo. A diversidade do mundo natural tem origem única que a tudo engloba. Existe uma convicção de que toda diversidade está interligada. Muitos cientistas defendem uma ordem por trás do aparente caos. A ordem oculta permeia tudo. Esta busca uniria a mente de Deus com uma teoria final.

A Criação foi um ato de escolha, de vontade, de liberdade. A Integração é um efeito determinista. Então qualquer existência é programada pelo ato da criação. Um carro não é um objeto incriado. Ele tem um criador. Uma flor não é algo incriado. Tudo tem um criador, seja a Inteligência maior ou o homem.

Então, o que somos? O que é o homem? Para Friedrich Nietzche, o homem é uma corda esticada entre o animal e o super homem. Para Nicolau maquiavel, o homem é mal por natureza, a menos que precise ser bom. Para Jean Jaques Rousseau: o homem é bom por natureza, a sociedade que o corrompe. Para John Locke: o homem nasce como uma folha de papel em branco que vai se preenchendo de acordo com as experiências. Para Thomas Hobbes, o homem é o lobo do próprio homem em uma luta interminável. Estes filósofos não são nada românticos.

Espiritualistas gostam de ver tudo em termos de energia. Deus e o homem seriam energia. Einstein reduziu tudo a energia com sua fórmula pop: $E=mc^2$. Sendo E (energia), m (matéria) e c (velocidade da luz). Realmente se pensarmos em termos macros e micros, podemos pensar num monismo energético. A energia conjunta (seja ela petrolífera, eólica, nuclear, hidrelétrica ou qualquer outra) é o suporte para as tecnologias, para as economias, para as políticas dos países, para as residências e as vidas dos

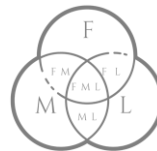


cidadãos. Todos os meios de transporte, coletivo ou individual, demandam energia, toda superestrutura industrial demanda energia. Toda economia e política gira em torno da energia.

Tudo é energia. Se nossos olhos enxergassem os átomos, tudo que veríamos seria energia. Não veríamos mesas, cadeiras, árvores, carros, mas sim apenas fluxos de energias. Nossa vida gira em torno de energia. Qualquer um de nós demanda energia, seja para andar, manusear as mãos, até para piscar, demanda energia fornecida pelos alimentos. Todos os sentidos (audição, visão, tato, gustação e cheiro) transformam em sinais elétricos no cérebro. Assim, a ciência física pode pensar em termos de um monismo elétrico.

Mas pensadores dualistas diferenciam algo que manipula a energia: a mente. De fato, quando usamos o interruptor para ascender uma lâmpada, estamos manipulando a energia. Quando transformamos água dos rios em energia e a transportamos por quilômetros até nossas casas, estamos manipulando a energia. Quando escavamos em busca de petróleo e o transformamos em gasolina, estamos manipulando a energia. Assim, sempre há algo além da energia, seja a mente ou a consciência, um espírito, alma ou um ente metafísico que manipula a energia.

Enquanto a ciência nega esta metafísica, as religiões a defendem. O pensamento moderno é o embate entre a ciência e a religião, a física x a metafísica. Então, o que somos? A ciência acredita que somos uma máquina biológica, viemos do Nada para viver despropositadamente e voltar para o Nada. Forças cegas e sem propósito dirigem o mundo. A ciência e as religiões não têm boas respostas para as questões existenciais, por isso usamos a metafísica para explicar a existência. A ideia da obra é oferecer respostas e tentar aproximar da realidade sem negar qualquer área



do conhecimento, justificando a razão de existir graças a um ato de vontade.

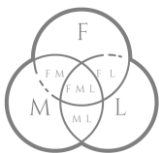
O Existencialismo Metafísico vai discordar das religiões e da ciência e oferecer responder as questões existenciais.

Quem sou eu? É questão de individualização e não chega a ser uma questão metafísica, pois somos apenas um cidadão comum. Cotidianamente dizemos: sou fulano, profissão tal e coisa, moro na rua x do bairro y.

De onde eu vim? O que é sou? Para onde vou? São perguntas transcendentais e iguala todos. Sou uma consciência, vindo de um ato de vontade e do mundo metafísico, usufrutuário da energia em evolução dentro do dualismo pedagógico, rumo à integração.

Do ponto de vista antropológico, o homem precisa de um norte para sua vida, de sentido, de um caminho a seguir. Criação, Evolução e Integração. É possível vislumbrar tudo no universo com base nestas premissas. Do ponto de vista da unicidade de existência, as premissas são criticáveis. Do ponto de vista da pluralidade de existências biológicas, as premissas são perfeitas e inquestionáveis e fica fácil dar sentido à vida. Existem dois mundos, o físico e o metafísico, nas quais a existência alterna até completar a plena integração.

Para nosso sistema, há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, mecanismo pedagógico e de controle do todo. Sem a Metafísica, o conhecimento nunca chegará a uma resposta satisfatória para o que é a vida e o universo. EM oferece abordagem diferenciada para dilemas filosóficos, éticos, psicológicos, como determinismo ou livre-arbítrio, inato ou adquirido, o bem e o mal, guerra e paz. Também pode ajudar a superar desafios étnicos, ter a convivência



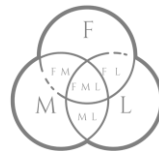
pacífica entre os diversos povos, superar o fundamentalismo religioso, conciliar lucros com as necessidades das pessoas ou até mesmo a fundar e desenvolver um novo comunismo.

O Existencialismo Metafísico advoga o ato de vontade como causa primária do monismo, do dualismo, do pluralismo. Antes da Criação, apenas uma Inteligência Superior, um monismo. A Inteligência Maior passou pelo dualismo ao dividir a realidade. O conteúdo da nova realidade é pluralista. As entidades deste pluralismo, em caminho inverso, passam pelo dualismo para chegar ao monismo. A Inteligência Suprema ao dividir a realidade passa pelo dualismo, criando a diversidade. Em caminho simétrico e inverso, cada uma das entidades do pluralismo interage com as outras e passa pelo dualismo para chegar à integração.

Religiões, ciências e as filosofias não têm explicação para a dualidade natural. As religiões podem alegar que foi a vontade de deus sem uma razão plausível. As ciências vão atribuir o dualismo ao acaso, coincidências, natureza. O Existencialismo Metafísico explica o dualismo de forma plausível e interdependente do monismo e pluralismo.

Início, meio e fim. Criação, Evolução e Integração. Viemos de um mundo metafísico e de um ato de vontade, atravessamos o dualismo e desenvolvemos rumo à integração plena, alternando os mundos físico e metafísico.

Por fim, o Existencialismo Metafísico acaba sendo uma metamatemática e uma metanarrativa. Uma metamatemática porque vai até origem da matemática, advoga o direito de existir dos objetos math e linguísticos. Uma metanarrativa porque abarca a história humana e todo conhecimento em um único sistema. Assim, ele é uma espécie de matemática primeira, filosofia primeira ou uma teologia natural.

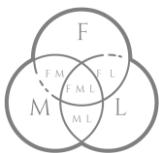


13. Existencialismo Metafísico, A Filosofia Última

Apesar do nome pomposo, Existencialismo Metafísico é uma filosofia com abordagem diferenciada que trata das questões fundamentais e existenciais da vida e do universo. Nossa abordagem começa com a divisão da realidade pela ciência em sujeito e objeto. A ciência mais fundamental, a física tem seu objeto de estudo a trilogia matéria-tempo-espaço. Da física clássica à moderna, esta trindade permanece. Cientificistas físicos acreditam que podem submeter tudo ao estudo da física. Para eles, o paradigma da realidade é a matéria (ou energia) no tempo-espaço e desconsideram a metafísica. As outras ciências pegam carona na ideia que a realidade é a matéria no tempo-espaço.

De forma singela, nossa filosofia metafísica menospreza e dilui a trindade física para ir além (meta) da física. Forte nesta ideia, enquadramos a matemática, a lógica, a linguagem como instrumentos metafísicos da inteligência, pois diluem a matéria-tempo-espaço. Ao representar metafisicamente os fenômenos físicos e biológicos, podemos avançar ou retroceder no tempo e em quaisquer lugares tais fenômenos. Em essência, a linguagem e a matemática não funcionam linearmente no tempo-espaço como a matéria. Elas são metafísicas e têm a base igualmente metafísica, a mente.

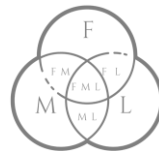
O EM foi representado no diagrama de Venn e pode distinguir 3 campos exclusivos e 4 interseções da linguagem, da matemática e da física, totalizando 7 conjuntos diferenciados. Nos



campos exclusivos localizam os objetos e suas interações lógicas. Nas interseções localizam 4 pareamentos entre objetos e as interações da linguagem, da matemática e da física. Há um pareamento triplo das 3 áreas e outros 3 pareamentos duplos das 3 áreas dos objetos e suas interações.

No conjunto exclusivo da física, temos os fenômenos físicos em si. Vale dizer, os fenômenos biológicos e físicos sem observação, sem representação e, assim, desprovido de pareamento com a linguagem e com a matemática. Fenômenos biofísicos representados por símbolos (significante) são enquadrados no pareamento triplo, cujos significados são enquadrados no pareamento da linguagem e da matemática. Os conjuntos exclusivos da matemática e da linguagem contêm seus exclusivos objetos e suas interações lógicas. Resta os pareamentos da física com a linguagem e a matemática. De um lado, os objetos e suas interações da matemática pareiam com a física e doutro lado, os objetos e suas interações da linguagem pareiam com a física.

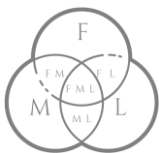
Nesta cosmovisão, todos os conjuntos (exclusivos ou as interseções) são sistemas com objetos e suas interações, gerando um todo, enquanto a lógica é a dinâmica de funcionamento de todos os sistemas e não um sistema em si. Dados os objetos da linguagem, matemática e da física, a lógica promove as interações dinâmicas entre eles. Vale salientar que para o EM, os objetos matemáticos e linguísticos existem em oposição a tendência atual da filosofia da matemática menosprezar e/ou negar as suas existências. A existência dos objetos matemáticos se junta aos valores lógicos e universais da liberdade e igualdade. Para nós, a realidade é a vida (existência) frente aos valores da liberdade e igualdade.



As searas metafísicas do conhecimento estão igualmente em uma base metafísica, a mente. Logo, a vida também é metafísica. Todo conhecimento e a vida tem base metafísica. Então, advogamos que somos apenas mente, alma, espírito, consciência ou quaisquer outro nome metafísico que se queira dar para o “eu”, uma inteligência. A realidade é vida (existência) frente os cosmovalores liberdade e igualdade.

Nesta esteira, a natureza contém padrões que nossas observações, através dos sentidos biofísicos, levam para nossa base metafísica. A mente transformou estes padrões naturais em o que nós chamamos de matemática. A vida, especialmente o homem, é reflexo da natureza, pois igualmente adota padrões humanos para estudar padrões naturais e matemáticos. De forma igual, a linguagem verbal também é padrões, como a matemática e a natureza. Tentem vislumbrar esta ideia: usamos padrões linguísticos e matemáticos para representar os padrões naturais. Os grandes físicos foram chamados de gênios, pois suas inteligências perceberam padrões matemáticos na natureza. Ora, se são inteligentes pois perceberam padrões matemáticos na natureza, implica uma inteligência da Natureza, seja lá o que ela for. Ou seja, implica uma teologia natural.

A linguagem e a matemática possibilitam o acesso pleno ao conhecimento. Elas são um princípio inteligente, um sistema ou encadeamento de sistemas com elementos em interações. Sistema é um todo, composto de partes (conjunto de objetos) e suas interações. A dinâmica do sistema é regulada pela lógica se-então. Em teoria dos sistemas, estes são conjuntos de objetos, cuja a seleção destes objetos na entrada do sistema são processados em interação lógica, tendo como saídas significados (linguagem), resultados (matemática), conceitos (filosofia). A linguagem é usada

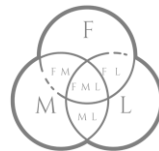


para representar e explicar todos os outros sistemas, especialmente a matemática. Esta é um sistema composto de números, equações, pontos e linhas em interações.

Nossa filosofia também é um sistema. Os objetos são as várias searas do conhecimento humano: mitologia, religião, ciência, filosofia, matemática. Estes objetos tiveram entrada no nosso sistema filosófico pelo embate físico x metafísico, foram processadas pela lógica “se-então-senão”, cuja saída foi o Existencialismo Metafísico.

Usamos alguns métodos da lógica para processar a verdade. Em teoria dos conjuntos e com base no diagrama de Venn, a operação de intersecção pode representar a verdade quando vários conjuntos (representando mitologia, teologia, ciência, filosofia e matemática) interagem, estabelecendo um espaço em comum entre eles. O espaço comum convergiu a metafísica, conforme demonstrado ao longo da obra. Fora do espaço comum, ocorreu a divergência de sistemas diferenciados e físicos entre os conjuntos. Assim, buscamos a intersecção entre os conhecimentos (mitologia, teologia, ciência, filosofia) o qual resultou a metafísica e em nosso sistema filosófico.

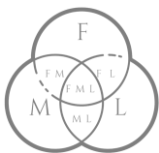
Na lógica clássica, Aristóteles nos dá um princípio lógico da não contradição. Uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. A filosofia do direito abraçou este princípio e o usou na investigação policial e judicial: frente a muitas provas, algumas contraditórias, a verdade está no que não for contraditório. Durante as investigações, muitas provas se contradizem e é preciso observação lógica diante dos fatos. O direito visa consistência e coerência em suas proposições. Nossa filosofia concentrou a verdade da realidade metafísica na intersecção do conjunto de conhecimentos.



Apesar do paradigma da física (a realidade é algo no tempo-espaço), nossa filosofia defendeu uma base metafísica daquela ciência. Ao defender que todo conhecimento, especialmente o científico, tem base metafísica, nossa filosofia unifica todo conhecimento. Sabemos da dificuldade de uma mudança de paradigma, principalmente porque as pessoas estão enraizadas na matéria, mas buscamos a verdade e apresentamos um pensamento alternativo e diferenciado. Nesta vibe, advogamos 6 premissas em nosso sistema filosófico, o Existencialismo Metafísico:

1ª Premissa. A ciência dividiu a realidade em sujeito e objeto e focou no objeto. Objetos de estudo e paradigma da física são: matéria-tempo-espaço e a realidade é algo no tempo espaço. Isto fundamenta e torna um paradigma científico para todas as ciências, por ser a física a mais elementar das ciências;

2ª premissa. Objeto e paradigma da metafísica com base no conceito da física servem para determinar a metafísica. Meta significa além, metafísica significa além da matéria-tempo-espaço. Ou seja, aquilo que elimina ou dilui a trindade física. Enquadramos a math, a linguagem e a lógica como objetos de estudo da metafísica, pois diluem a trindade física, a matéria-tempo-espaço. A math, a linguagem e a lógica não interferem na trindade física. Todo conhecimento científico tem em comum a utilização da trindade metafísica (matemática, linguagem e lógica). E estas estão localizado na mente, igualmente metafísica. Ou seja, a ciência fisicalista utiliza instrumentos metafísicos, localizados em algo metafísico, para explicar algo físico. Isto é paradoxal. Toda ciência materialista é paradoxal. A ciência, ainda apegada a matéria, não sabe dizer o que é mente e nem pode acessá-la. Nós gostamos de chamá-la de inteligência, para diferenciar da energia (matéria). A Natureza é toda matemática (ou no mínimo é parcialmente math,



pois é passível de análise por ela), o que implica em uma Inteligência Maior e, em consequência, uma espécie de teologia. Vale dizer, o universo tem uma base igualmente metafísica.

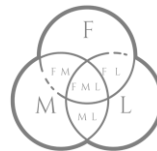
3ª premissa. Visão sistêmica de toda realidade. Toda a realidade é sistema, objetos em interações. Nós somos sistemas. O processo cognitivo humano (e de toda vida) contém uma memória metafísica, um conjunto de vocabulário, conceitos, ideias, imagens em interações. Dados vêm de fora, interage com nossa memória, são processados e têm como saídas falas, escritas, registros na memória. A Natureza é um Sistema Maior, um sistema último que conecta todos.

4ª premissa. As interações dos objetos são processadas pela lógica se-então-senão. A causa e efeito é um princípio universal. A causa é um ato de vontade e liberdade, como nos axiomas da lógica e da matemática. O efeito é determinístico, como na igualdade da matemática. A existência é uma rede infinita de conexões de causa e efeito.

5ª premissa. Os maiores valores do direito, da matemática e da natureza são existência, liberdade e igualdade. A existência interage com outras existências em um sistema, onde a liberdade inicial da vontade determina o efeito da interação.

6ª premissa. Todo sistema tem a estrutura monismo-dualismo-pluralismo. Como na álgebra moderna e na aritmética, elementos de um conjunto (pluralismo) interagem em operações lógicas e binárias (dualismo) rumo a um resultado específico (monismo).

Estas premissas são a generalização máxima da existência, a Filosofia Última. EM desloca o foco do objeto da ciência para o sujeito do conhecimento, da física para a metafísica, do paradigma da física (matéria no tempo-espaço) para o paradigma de metafísica, inteligência fora do tempo-espaço.

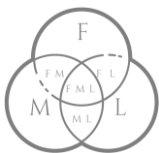


14. Disposições Finais

O volume de informações com a tecnologia cresce exponencialmente. São zilhões de informações que deixam qualquer ser humano perdido. O jornalismo se encarrega das informações efêmeras. Muitos transformam informações em conhecimento com livros e artigos. Poucos transformam conhecimento em sabedoria. Isoladamente, as informações não têm nenhum valor. Processadas dentro de um sistema, as informações viram conhecimento específico. Generalizados os sistemas específicos, o conhecimento se torna sabedoria.

Lamentavelmente, a rotina e os boletos consomem as pessoas. Elas trabalham o dia todo, chega em casa e tem afazeres domésticos. Final de semana livre, vão passear no shopping para ver filme, vão ao futebol e no pagode. Elas vivem uma vida sem reflexão e assim falta-lhe lucidez para enxergar a realidade. O dia a dia do homem é alienante. Em níveis maiores, o Brasil e o mundo vivem crises sucessivas: econômica, política, jurídica, humanitária, de segurança, saúde e educação. Externamente, temos problemas com terrorismo, guerras que promovem imigrações para a Europa. Esta faz muros e separações ao invés de pontes e uniões, apesar dela ser o berço dos direitos humanos.

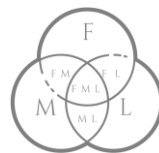
Ideologias como socialismo, capitalismo, liberalismo não resolvem de forma profunda nossas crises. Tais sistemas são superficiais e não conseguem conciliar liberdade e igualdade. Viveremos de crise em crise atrás de soluções superficiais. Somente mudanças profundas de nossos sistemas de valores e de pensamento mudarão a humanidade para melhor. Somente uma



reflexão profunda sobre as questões existenciais nos trará a verdade e solução. O mundo parece complexo e sem respostas fáceis para estes impasses. Ainda que a teoria do tudo física fosse comprovada, ela não explicaria e nem resolveria as crises mencionadas. Questões como a dor, a justiça, a liberdade, a desigualdade, a propriedade, a economia, a política não têm solução do ponto de vista físico e da unicidade de existência.

Podemos sintetizar o conhecimento hodierno como um embate entre ciência e religião, melhor, uma guerra entre a física e a Metafísica. A ciência negando a Metafísica e pregando forças cegas. O Nada, o acaso, a sorte, a coincidência, os acidentes seriam forças cegas que movem a humanidade. Para nós, isto é efeito sem causa. Por outro lado, as religiões pregando teologias vencidas e a fé cega. O conhecimento estagnou frente ao pensamento fragmentado científico e as teologias infantis. A existência do Criador e da alma não tem como ser “experimentadas” em laboratório. As religiões ainda possuem muitos adeptos, mas suas teologias tribais não evoluíram e perderão força.

Estudar a física, ciência mais elementar e paradigma das outras, não é garantia de sabedoria. Decorar a Bíblia não é garantia de sabedoria. Ter bibliotecas grandes e ler vários livros não são garantia de sabedoria. Estudar filosofia e os grandes pensadores não são garantia de sabedoria. Estudar em universidades, fazer mestrados e doutorados não são garantia de sabedoria. O homem imerso em uma massa biológica acredita que a existência se trata de conquistas bens materiais e de poder. Assim, a felicidade seria ganhar fama, dinheiro e se deleitar com um consumo desenfreado de bens materiais. Todavia, a tendência atual de estudos afirma que ultrapassar uma quantidade razoável de recursos de vida não aumenta a felicidade. Filósofos do passado atribuíam a felicidade a

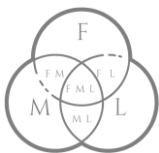


variáveis éticos e espirituais. Modernamente, a neurociência e psicologia creditam a felicidade, o mundo mental e emocional à mecanismos bioquímicos. Viva o prozac! Viva a serotonina! Nossa felicidade é manipular a bioquímica.

A quase totalidade das pessoas passam pela existência biológica acreditando no paradigma de que a vida é algo biomecânico no tempo-espço. A vida é muito mais que uma máquina entre dois nadas. A sabedoria envolve a busca existencial e o sentido da vida. O que somos e o nosso propósito é sabedoria existencial, pois procuram entender a realidade última do cosmo.

Diferentes abordagens existenciais pregam posições opostas. Uma abordagem holística é mais sensata, pois a realidade é um grande sistema. Ela vislumbra a vida em sua totalidade como algo além da bioquímica e busca o sentido da vida. Riqueza e fama não é garantia de felicidade com a vida sem sentido. O problema é que o sentido muda para as pessoas e pensadores. Isto fez surgir muitas doutrinas existencialistas. O absurdismo prega uma vida sem sentido. O existencialismo ateu afirma que nós que temos de dar sentido a nossas vidas. A igreja medieval vendia a vida eterna após a morte. Do ponto de vista biológico ou puramente científico, a vida não tem sentido algum e o ser humano é resultado de processos evolutivos cegos que atuam sem propósito ou objetivo. Nesta toada, qualquer significado para a vida é apenas uma ilusão. EM advoga que estamos aqui para evoluir, moralmente e intelectualmente. Para nós, o sentido da via é a integração, conectar moralmente com o próximo e intelectualmente com a natureza.

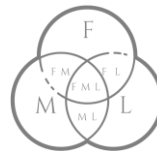
Ao longo da obra, abreviamos várias abordagens do universo e da vida. As narrativas mitológicas foram o primeiro pensamento elaborado a enfrentar a questão existencial do universo e da vida. Mitos descreviam: a criação e o fim do mundo;



o surgimento do homem e dos animais; a interação entre o mundo dos humanos e dos espíritos ou deuses. Em síntese, a mitologia descreve um mundo metafísico em interação com um mundo físico. As religiões continuaram este exercício metafísico com uma estrutura espiritual em interação com os homens. Em síntese, um mundo metafísico em interação com um mundo físico. As leis sociais, éticas e jurídicas realmente são abstratas, não existe materialmente, mas interagem metafisicamente. A direção da existência é do físico para o metafísico, até mesmo o estudo da física.

A ciência física estuda padrões da matéria no tempo-espaço. Estes objetos de estudo da física formam a trindade física, sendo o tempo-espaço linear. A física e a matemática estão intrínsecas. Para nossa filosofia, a eliminação ou diluição de alguns dos elementos da trindade física passa a ser metafísica. Neste sentido, a matemática, que não tem substância e nem tempo-espaço, é metafísica. As leis físicas não existem materialmente na natureza, pois apenas normatizam o comportamento da matéria. Newton levou tempo pensando para construir suas leis mecânicas que não estão escritas pela natureza. Elas precisam de algo abstrato, como a matemática e leis, para ter validade. Em síntese, a física promove um mundo metafísico em interação com um mundo físico.

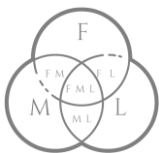
Igualmente a física, a biologia vai vislumbrar padrões na natureza e elaborar leis. Oriundo da biologia, a lei da evolução não está escrita na natureza e nem se sabe como a natureza se auto regulamentou. A consciência humana é algo abstrato, não tem espaço físico determinado e utiliza algo igualmente abstrato, a linguagem. Igualmente, a linguagem não tem substância e nem tempo-espaço, porém ela interage com o mundo material. Em



síntese, a vida trata-se um mundo metafísico em interação com um mundo físico.

Desde a revolução cognitiva, vivemos uma realidade dual (física e metafísica). Um mundo de realidade objetiva (rios, árvores, macacos, humanos) e um mundo de realidade falada, enumerada e outra imaginada (deuses, empresas, nações). Esta realidade imaginada tornou-se poderosa, pois a realidade dos rios, árvores e macacos dependem de entidades da realidade imaginada como nações, ong's, corporações. A nossa realidade é então um vai e vem entre o mundo físico (macacos, árvores, rios, casa, estradas) e o mundo metafísico (matemática, linguagem, religiões, deuses, empresas, nações). Como a linguagem é a capacidade de descrever a realidade com palavras, nosso conhecimento é um indo e vindo entre matéria e mente.

As várias ciências têm o pensamento fragmentado. As várias religiões têm o pensamento mitológico e dogmático. As artes têm o pensamento subjetivo. A humanidade precisa de um pensamento alternativo. A filosofia deve buscar as forças racionais. O conhecimento parece um caos e cabe a filosofia demonstrar uma ordem na existência. Cabe a filosofia o pensamento sintético e unificador. Cabe a filosofia dar ordem ao aparente caos. Grandes filósofos sempre procuraram a unificação, a sistematização e não a fragmentação. Spinoza buscava perceber unidade na diversidade, encontrar a síntese na qual opostos e contradições se encontram e se fundem. Comênio dedicou grande parte de sua vida a unificação da totalidade do conhecimento humano. Seu pensamento último era a compreensão universal que uniria toda humanidade. Esta base filosófica ele denominou *pansofia*, um princípio que harmonizasse todo o saber. Pensadores sempre buscaram uma chave para o conhecimento de todas as coisas, uma teoria para

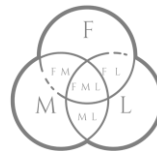


explicar todo o funcionamento do mundo, uma ciência que abarcasse todo o universo.

Do ponto de vista dinâmico da existência, temos a inteligência frente a lógica se-então (liberdade x igualdade). De um ponto de vista estático da existência, temos a estrutura monismo-dualismo-pluralismo. No pluralismo, as diferenças vão apenas individualizar as entidades dentro de um todo, sem mexer na essência. As semelhanças vão unificar o universo. As diferenças vão individualizar o ser, biologicamente (DNA, íris, digital), socialmente (nome e número), juridicamente (assinatura), metafisicamente (intelectualmente, no caráter e na personalidade). As semelhanças são essenciais e vão colocar o ser dentro de um todo (eu-coletivo), pois todos têm a mesma origem, mesma natureza, mesma estrutura, mesmo fluxo e mesmo propósito.

Nosso sistema filosófico, o Existencialismo Metafísico, é uma alternativa de pensamento sintético e unificador. Nós usamos a matemática, a linguagem e lógica para demonstrar uma ordem metafísica, uma interação de sistemas.

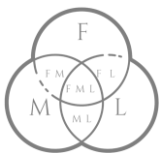
A lógica, a linguagem humana e a linguagem matemática têm a mesma natureza (metafísica), estrutura (pluralismo, dualismo, monismo), funcionamento (se-então-senão) e propósito (integração): entidades em interação que passam pelo dualismo para se obter um resultado. Elas são institutos puramente metafísicos, pois não possuem a trilogia física matéria-tempo-espaco, mas que podem parrear com sistemas biofísicos. Então, nós temos a matemática aplicada, a lógica aplicada e a linguagem aplicada. Em síntese, um mundo físico em interação com um mundo metafísico.



Com esta abordagem, nós unificamos e sintetizamos a realidade e o conhecimento. Apesar de ser uma abordagem simples, pode parecer complicada em razão pensamento materialista enraizado no senso comum e principalmente na ciência. Realmente, tudo parece material. Necessidades básicas como comida, casa, transporte são materiais e nós dependemos delas. Temos um corpo material que necessita de energia que vem da matéria. Sendo assim, a matéria é essencial para a vida biológica, mas, muito mais que um corpo biológico, somos uma entidade metafísica, uma consciência.

A natureza mais fundamental do universo é a metafísica, apesar da física ser a mais fundamental das ciências. Em síntese, toda realidade se trata de um mundo metafísico em interação com um mundo físico. A metafísica busca a estrutura profunda da realidade: a natureza da existência, do espaço, do tempo, da causalidade, os fundamentos da realidade em si. Para a física, a realidade é algo no tempo-espaço, passível de testabilidade. Para o Existencialismo Metafísico, a realidade é algo fora matéria-tempo-espaço e ainda não testável, mas inteligível. Em razão da não testabilidade, a ciência costuma menosprezar a metafísica, porém todo suporte linguístico, matemático e lógico da ciência é metafísico. Nosso sistema filosófico, sem falsa modéstia, oferece um pensamento alternativo em desfavor destas forças cegas e da fé cega. A existência vai do físico para o metafísico. Nossa abordagem diferenciada, vai em direção de argumentos baseados em conhecimentos da matemática, da lógica e da linguagem, mas para longe das especulações, retóricas e jogos de linguagem.

Do ponto de vista metafísico, a realidade é simples e organizada. Temos a teoria de Deus, do amor, da harmonia, da



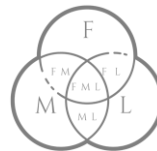
liberdade, da multiplicidade de existências, do determinismo rumo à integração plena.

Do ponto de vista da unicidade de existência, das religiões e da ciência, a realidade é complexa, irracional, ilógica, desorganizada, caótica. Temos a teoria da Incerteza, da Sorte, do Acaso, do Caos, da Coincidência e de acidentes.

A realidade da humanidade é essa: as pessoas passam pela vida sem saber o que está fazendo aqui, neste mundo físico; voltam ao mundo metafísico, sem saber onde está, sem saber o que fazer, ou acreditando que está no céu ou no inferno.

A visão da ciência e das religiões abre uma lacuna cósmica. Uma única imperfeição abriria espaço para candidatos a um cargo de um deus absoluto e perfeito. Nosso sistema filosófico reflete uma imagem cósmica de perfeição absoluta. A vida, a liberdade, a igualdade, a justiça são valores absolutos do ponto de vista cósmico. Inconscientemente, vivemos num plano absoluto e perfeito. Conscientemente, vivemos num plano relativo, de contradições e imperfeito. Cabe ao homem buscar um pensamento para perfeição do cosmo.

Como advogado, sempre fui pautado pelas provas e fatos. Face ao princípio da primazia da realidade, diante da discrepância entre ciência e religião, a preferência deve ser dada ao que ocorre no terreno dos fatos, da universalidade e da razão. Evidências empíricas que contrariaram o todo probatório foram descartadas. Assim as contradições, sejam religiosas ou científicas, foram descartadas. A história nos mostra uma diversidade de mitologias em todas as épocas e lugares e um universalismo metafísico frente à variedade de mitos. A matemática, linguagem científica, também me direciona ao mundo metafísico. A razão e não mais a fé nos direciona ao metafísico.

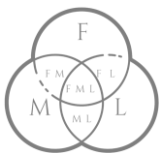


Como delegado, enquadro todas as searas do conhecimento neste sistema. O conjunto probatório deve eliminar contradições, mesmo sendo evidências científicas. Utilizamos a metodologia da investigação policial para analisar a realidade. Não esclarecendo as contradições, elas são descartadas. Ou seja, uma declaração de uma testemunha, ou mesmo uma evidência empírica, que contradizer o conjunto probatório deve ser descartada. O que vale é o conjunto da obra, mesmo que evidências empíricas digam o contrário. Como a negação do mundo metafísico pela ciência, pois ele é universal, existe na matemática e nos mitos de todos os tempos e de todos os lugares. Isto é fato público e universal, não necessita de evidências empíricas, indícios, provas.

Forte nestas razões, fica o desafio. A ciência convencional em base material nunca explicará o que é a vida, a consciência e os sonhos. Ela nem mesmo nunca explicará como um instrumento metafísico, a matemática, é tão eficaz para explicar o mundo físico. As religiões nunca explicarão a questão da dor, do mal e da justiça. Nem mesmo nunca conseguirão sistematizar uma criação perfeita com base na unicidade de existência.

A humanidade precisa sair da caverna de Platão.

Nosso pensamento requer mente aberta para passar por um processo de desconstrução e, assim, libertarmos daquilo que pensávamos ser a realidade. A verdade velada pela matéria terá muitos detratores que matarão e morrerão por ela. A recorrente alegoria da caverna de Platão dividi a realidade em sombras e luz, em mundo dos sentidos e mundo das ideias, em o mundo físico e o mundo metafísico. O mundo das sombras, dos sentidos ou físico seria um mundo da ilusão. Ou como diria o Rauzito, seria um mundo do Ouro de Tolo.



Bibliografia

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio Introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

ARNAULD, A. & C. LANCELOT. A gramática de Port-Royal. Martins Fontes. São Paulo, 1992.

ARMOSTRONG, Karem. A Bíblia: uma biografia. Tradução Maria Luiza A X Borges. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2007.

ARMOSTRONG, Karem. Em Defesa de Deus. O que Realmente a Religião Significa. São Paulo-SP. Companhia da Letras. 2009.

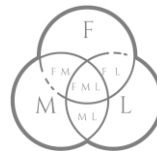
AZEREDO, J. C. de. Iniciação à sintaxe do português. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

A Era dos Reis Divinos. Time-Life Books. Consultores: T CMitchell e Richard L Zetter pela Mesopotâmia. Abril Livros. Roberto Civita, 1991.

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 05 de outubro de 1988. <http://www2.planalto.gov.br>, acesso em 13/09/2014, às 09h15min.

BISPO, Carlos Alberto Ferreira. Introdução à lógica matemática / Carlos Alberto Ferreira Bispo, Luiz Batista Castanheira: Cengage Learning, 2011.

B. BOYER, Carl. História da matemática / Carl B. Boyer, Uta C. Merzbach; [tradução de Helena Castro]. São Paulo: Blucher, 2012.



CHOMSKY, Noam. Aspectos da Teoria da Sintaxe. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade – 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURANT, William James. A História da Filosofia. Tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

EVERETT, Daniel L. Linguagem: a história da maior invenção da humanidade. São Paulo: Contexto. 2019.

FRENKEL, Edward. Amor e Matemática: o coração da realidade escondida. Rio de Janeiro. 1 ed. Casa da Palavra, 2014.

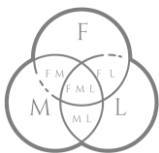
GAARDER, Jostein. O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia; tradução João Azenha Jr – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GLEISER, Marcelo. Criação Imperfeita. 2ª edição. Rio de Janeiro. Record, 2010.

GLEISER, Marcelo. Micro Macro: reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço. – São Paulo: Publifolha, 2005.

HOLT, Jim. Por que o Mundo existe? Um Mistério Existencial. Tradução Clóvis Marques. 1ª edição – Rio de Janeiro, 2013.

IRWIN, William. The Big Bang Theory e a filosofia: papel, pedra, tesoura, Aristóteles, Locke/ editado por Dean A. Kowalski; tradução Mariana Kohnert – 1 ed – Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.



JAKOBSON, Roman. *Linguística. Poética. Cinema.* Tradução Haroldo de Campos et alii. Editora Perspectiva. São Paulo. 1970.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens – uma breve história da humanidade* / Yuval Noah Harari; tradução Janaína Marco antonio. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os Segredos do Texto* – 4 ed – São Paulo: Cortez, 2005.

Lívio, Mario. *Deus é Matemático?*; tradução Jesus de Paula Assis. – Rio de Janeiro: Record, 2010

LOUREIRO, Carlos Bernado. *A Bíblia e seus Absurdos.* Salvador-Ba. 1999.

LUZ, Marcelo da: *Onde a Religião Termina?* Foz do Iguaçu-Pr. Editares. 2011.

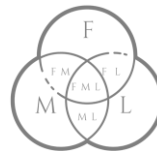
MILES, Jack. *Deus, uma Biografia.* São Paulo-SP. Companhia de Bolso. 2009.

MOÍSES, Massaud. *A Criação Literária: Prosa I.* 19ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

MOÍSES, Massaud. *A Criação Literária: Prosa II.* 18ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

O LIVRO DA MATEMÁTICA / editor consultor Karl Warsi; tradução Maria da Anunciação Rodrigues. Rio de Janeiro. Globo Livros. 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O Que É Linguística.* 1 ed. Editora Brasiliense. Brasília. 2005.



Platão. Fedro. Tradução Alex Marins. Editora Martin Claret Ltda., 2001.

Roy Willis (org.). Mitologias: deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo. [S.l.]: Publifolha, 2007.

Seymour-Smith, Martin. Os 100 Livros que mais influenciaram a Humanidade: a história dos tempos antigos até à atualidade. Tradução Fausto Wolff. 3ª ed – Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Cultrix. São Paulo, 1998.

SILVA, Celestino. Analisando as Traduções Bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica. – 3ª ed – João Pessoa: Ideia, 2001.

SILVA, Jairo José. Filosofias da matemática/Jairo José da Silva. - São Paulo: Editora UNESP, 2007.

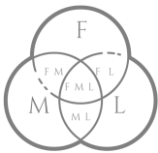
VIEIRA, Waldo. Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Físico. LAKE — Livraria Allan Kardec Editora. São Paulo - Brasil

Will Buckingham e outros colaboradores. O Livro da Filosofia. Tradução Douglas Kim – São Paulo: Globo 2011.

Outras Mídias

The Big Bang Theory – a série

<https://www.youtube.com/watch?v=nwVAUG67PFY> - O grande poder da matemática - Observatório do Mundo – Documentário.



Romildo Araújo Machado

https://blog.ufes.br/lem/files/2015/08/CFC2015_elementos.pdf

https://www.youtube.com/watch?v=5ecFa-ah_8U - Ecce homo – The Sagrad.

<http://www.ebookespirita.org/PietroUbaldi/OSistema.pdf>

<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>

Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948

Visualg 2.0